

Transdisciplinaridade

Uma outra forma de pensar o mundo

Nos dias 6 a 12 de setembro de 2005, realiza-se, em Vitória, no Espírito Santo, o II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. O evento é promovido pela Unesco, o Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (Ciret), o Governo do Estado do Espírito Santo, a Universidade Federal do Espírito Santo e o Centro de Educação Transdisciplinar (Cetrans), com sete centros brasileiros e europeus de estudos e pesquisa transdisciplinares.

A transdisciplinaridade é uma das características fundamentais do trabalho realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, desde a sua criação, há quase quatro anos. Assim, “a interação, o traspasse, a renovação e a fecundação mútua do conhecimento, buscando acolher o ruído, a incerteza e o aleatório articulado com o trabalho das redundâncias que se constitui no outro pólo do conhecimento e o objeto do paradigma clássico ou tradicional”, é um dos objetivos do IHU, descrito em seu documento inspirador.

Nesta edição da IHU On-Line, publicamos um artigo de Hélène Trocmé-Fabre e entrevistamos os pesquisadores e professores, Gaston Pineau, Ubiratan D'Ambrosio, Patrick Paul, José Ivo Follmann e José Odelso Schneider.

As entrevistas de Jorge Eduardo Durão, diretor-geral da Abong, e da socióloga Ilse Scherer-Warren contribuem para o debate da atual crise política. A exibição, nesta semana, do documentário Peões, de Eduardo Coutinho, complementada com a apresentação, nos próximos dias, do documentário Entreatos, de João Moreira Salles, se insere nessa perspectiva. Nesta semana, dia 3 de setembro, inicia Idade Média e Cinema, numa promoção conjunta do IHU e o Curso de História Unisinos. O evento se estenderá até o dia 12 de novembro. Ao mesmo tempo, continua o Ciclo Repensando os Clássicos da Economia com a apresentação e a discussão do clássico Capitalismo, Socialismo e Democracia de Joseph Schumpeter. O professor Dr. Achyles Barcelos da Costa, da Unisinos, apresentará e debaterá o livro na Livraria Cultura, em Porto Alegre, na próxima quarta-feira.

A todas e todos uma profícua leitura e uma excelente semana!



tema de capa

II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade pg. 3

Hélène Trocmé-Fabre

A universidade exposta à transdisciplinaridade pg. 9

José Ivo Follmann

A segmentação do conhecimento é um fruto perverso da modernidade
pg. 11

Gaston Pineau

“Tornar todos os saberes acessíveis para todos em toda a parte”
pg. 16

Josephine Papst

A transdisciplinaridade é levar o ser humano a sério pg. 16

Ubiratan D`Ambrosio

A visão engaiolada do mundo pg. 16

Patrick Paul

“É preciso uma metodologia que permita integrar a complexidade da
vida humana” pg. 16

José Odelso Schneider

A transdisciplinaridade no cooperativismo pg. 16

Brasil em foco

Jorge Eduardo Durão

Não acredito na refundação do PT pg 20

Ilse Scherer-Warren

“A mídia de massa está fazendo campanha para o enfraquecimento do
governo” pg. 23

destaques da semana

Teologia Pública:

Bento XVI à luz de Agostinho, Boaventura e Tomás
por Joseph M. Komonchak. pg. 29

Livro da semana:

O Luxo eterno. Da Idade do Sagrado ao Tempo das Marcas. Gilles
Lipovetsky, Elyette Roux. pg. 29

Entrevista da semana:

“O controle de nosso destino biológico estará cada vez mais em
nossas mãos”. Craig Venter pg. 29

Filme da semana:

“Hotel Ruanda”, de Terry George pg. 29

Deu nos jornais pg. 29

Frases da semana pg. 29

IHU em revista

Eventos pg. 44

IHU Repórter pg. 64

Cartas do leitor pg. 67

II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade

O II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade acontece de 6 a 12 de setembro, 2005, em Vila Velha/Vitória, Espírito Santo. Este Congresso representa um importante passo na consolidação da abordagem transdisciplinar em educação, esta entendida em um sentido lato. O evento tem como objetivo principal criar um espaço-tempo onde o fio intrínseco das questões transdisciplinares possa ser novamente tratado, no que tange à atitude, à pesquisa, e à ação transdisciplinar, dando especial atenção às atividades colaborativas.

O II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade se propõe a celebrar as contribuições dos pensadores e pesquisadores proeminentes da transdisciplinaridade, rever e atualizar o desenvolvimento da prática transdisciplinar, e também avançar na implementação da transdisciplinaridade nos níveis social e educacional. Ele tem seu programa desenvolvido para refletir o interesse e o valor da transdisciplinaridade e

um espectro amplo de temas que convergem para o foco: atitude – pesquisa – ação transdisciplinares. O evento reúne uma audiência nacional e internacional interessada em transdisciplinaridade e no aprofundamento de suas propostas e pretende sensibilizar um público maior para os valores dessa abordagem.

Na abertura do evento estará Basarab Nicolescu, falando sobre a experiência transdisciplinar. No segundo dia do Congresso, a discussão sobre atitudes transdisciplinares será conduzida pelo professor Ubiratan D'Ambrosio. Nos demais dias do evento também serão debatidas a pesquisa, a ação e a prospecção transdisciplinar. O congresso encerra com a presença do renomado professor francês Edgar Morin.

Mais informações sobre o II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, bem como sua programação completa, podem ser obtidas no site www.transdcongress.com.br

O que é transdisciplinaridade?

Segundo o conceito extraído do site www.transdcongress.com.br, a transdisciplinaridade é uma nova abordagem científica, cultural espiritual e social. Como o prefixo *trans* indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Os três pilares da transdisciplinaridade *complexidade, níveis de*

Realidade e a lógica do terceiro definem a metodologia da pesquisa transdisciplinar e a nova visão da natureza e do ser humano.

O olhar transdisciplinar nos remete a um todo significativo que emerge de um diálogo constante entre a parte e o todo e busca encontrar os princípios convergentes entre todas as culturas, para que uma visão e um diálogo transcultural, transnacional e transreligioso possa emergir. Ela leva também à relativização radical de cada olhar, mas sem cair no relativismo. Esse olhar transcende as

disciplinas individuais das ciências exatas, humanidades e ciências sociais, e as encoraja buscar uma visão e ação integradas umas com as outras e com a arte, a literatura e a experiência espiritual.

Transdisciplinaridade pode ser definida de várias formas: como um processo, uma moldura estrutural lógica, uma maneira de pensar. Contudo, sua finalidade busca a

compreensão do mundo de hoje a partir dos novos parâmetros emergentes da visão proposta. Neste sentido, ela é uma plataforma para expressar e reforçar as esperanças e as aspirações da humanidade. A Transdisciplinaridade se endereça a todos os homens e todas as mulheres que crêem ainda, apesar de tudo, num projeto futuro, além de todo dogma e de toda ideologia.

A universidade exposta à transdisciplinaridade

Por Hélène Trocmé-Fabre

“Hoje a transdisciplinaridade oferece à universidade a ocasião e os meios para ser um imenso estaleiro no qual a aprendizagem tem a possibilidade de tornar-se um elemento responsável e parceiro da mudança social, econômica e política, de que o planeta tem necessidade de maneira crucial”. É a opinião da pesquisadora francesa Hélène Trocmé-Fabre em artigo enviado à **IHU On-Line**. Segundo ela, um grande perigo ameaça o papel da Universidade. “O perigo é ser um supermercado do saber, um sistema distribuidor de diplomas, um lugar de turismo cultural”, acredita.

Participante do II Congresso Internacional sobre Transdisciplinaridade, que acontece de 6 a 12 de setembro, no Espírito Santo, a pesquisadora afirma que o ensino universitário tem sido compartimentalizado, e os cruzamentos entre as disciplinas ainda são poucos. Hélène é doutora em lingüística, em Letras e Ciências Humanas, e autora de diversos livros, entre eles **A Árvore do saber-aprender**. São Paulo: Triom, 2004. Lecionou na Universidade Sorbonne, na França e é professora emérita de Ciências da Educação na Université de La Rochelle, na França.

O título deste artigo, *A universidade exposta à transdisciplinaridade*, resulta de um longo companheirismo com a universidade. Na verdade, entrei na Universidade (Sorbonne, Paris) em 1948, ou seja, apenas três anos após o final da Segunda Guerra Mundial. Minha escolaridade tinha sido movimentada (êxodo, ocupação nazista, bombardeamentos aliados...) e eu dividia, com minha geração, a enorme esperança de poder, enfim, explorar, descobrir, aprender e ensinar livremente. Hoje, ainda que eu não ensine há alguns

anos, o papel da universidade está no centro de minhas preocupações. Parece-me que um grande perigo a ameaça, independentemente do país e da cultura onde ela se encontre. O perigo é o de ser um supermercado do saber, um sistema distribuidor de diplomas, um lugar de turismo cultural. Por que salientar esse perigo? Porque neste começo de século XXI, os ensinamentos universitários ainda são seguidamente compartimentados, encerrados como são as ciências e as disciplinas universitárias. As linhas de divisão

acadêmica são raramente traspassadas. Entretanto, novos conceitos já emergiram, graças às descobertas científicas: interface, co-determinação, potencialização, emergência, autocriação, auto-organização... Certos conceitos, hoje obsoletos, continuam, apesar de tudo, a fundamentar ensinamentos acadêmicos: objetividade, origem, causalidade, temporalidade... Conceitos que, graças às pesquisas em neurociências e ciências cognitivas, tornaram-se plurais: aprendizados, memórias, durações, linguagens... Tudo isso deveria, urgentemente, convidar-nos a redefinir nossa linguagem. Por exemplo, as ciências cognitivas nos explicam que o que chamamos de “informação” pode somente ser percebido através de um filtro de nossa sensorialidade, de nossa cultura e de nossa história pessoal. Continuamos, apesar de tudo, a pensar que a objetividade e o sentido residem em si mesmo, e isso nos conduz a conflitos inúteis, porém perigosos.

Hoje, a **transdisciplinaridade** oferece à universidade a ocasião e os meios de ser um imenso terreno no qual o aprendizado tem a possibilidade de se tornar um elemento *responsável e parceiro* da mudança social, econômica e política da qual o planeta necessita crucialmente. Abrindo-se ao que reúne os diferentes ângulos de visão do real, abordando os diferentes níveis de realidade, evitando o encerramento de um raciocínio bloqueado numa linearidade unidirecional (A → B), e na alternativa binária do “ou... ou”, a abordagem interdisciplinar se inscreve na fidelidade e observância das leis do vivo. Lembremos que o vivo tem por exigência se reunir, se auto-organizar e se auto-estruturar. Para isso, necessita de durabilidade e de um espaço aberto. Ele precisa ter consciência ao tornar-se. Ele necessita de que as responsabilidades educativas coloquem em prática as condições favoráveis para um verdadeiro aprendizado, ou seja, que

organizem o jogo de interações, permitindo a parceria com o coração do vivo.

Voltemos à reestruturação da linguagem. Antes que a palavra “transdisciplinaridade” tenha aparecido nos escritos de Piaget (1970), Alfred Korzybski¹ lembrava vigorosamente a impossibilidade de separar percepção, visão, audição e conhecimento. Todos os processos perpetuais, salienta ele (desde 1950), implicam, da parte de nosso sistema nervoso, a atividade de abstrair em níveis de complexidade diferentes. Existem, especifica ele, vários níveis de abstração: o nível microscópico (as informações sensoriais), o nível de denominação ou de descrição (as linguagens), e o nível de inferência (comunicamos nosso pensamento sobre nosso pensamento, de modo silencioso). Esta abordagem, a **Semântica Geral**, já nos engajava há meio século, a sermos prudentes e a relativizar o sentido das palavras em nossas trocas de palavras. A semântica nos interpela, hoje mais do que nunca, e nos convida, no contexto de nosso ambiente, a ancorar o que exprimimos, seja qual for nosso meio de expressão (língua, gesto, olhar, voz, postura, comportamento, atitude...)

De sua parte, a **abordagem sistêmica**, desde Bertalanffy², desenvolveu-se igualmente há

¹ Alfred Korzybski (1879-1950): fundador do estudo da Semântica Geral. Durante a Primeira Guerra Mundial, Korzybski serviu como oficial da inteligência no exército russo. Após ser ferido em seu pé e ter outros ferimentos, foi para a América do Norte, em 1916, (primeiramente, para o Canadá, e depois para os Estados Unidos) coordenar a parte dianteira da artilharia da guerra. Depois da guerra, decidiu se permanecer nos Estados Unidos, naturalizando-se em 1940. (Nota da **IHU On-Line**)

² Ludwig von Bertalanffy (1901-1972): biólogo alemão, fundador da Teoria Geral dos Sistemas. Discordava da visão cartesiana do Universo. Fez, então, uma abordagem orgânica da biologia e tentou divulgar a idéia de que o organismo é um todo maior do que a soma das suas partes. Criticou a visão de que o mundo é dividido em diferentes áreas, como física, química, biologia, psicologia, etc. Ao contrário, sugeria que se deve estudar sistemas globalmente, de forma a envolver todas as suas interdependências, pois cada elemento, ao ser reunido para constituir uma unidade funcional maior, desenvolve qualidades que não se encontram em

meio século, em particular graças à repercussão da Escola de Palo Alto³. Ela também salientou a importância de se considerar as interações e as interdependências dos fenômenos. Se as interações, evidentemente, sempre existiram na natureza, foi somente no século XX que a ciência as descobriu em quase todos os campos: física, biologia, ciências humanas, economia... Mas hoje as noções de sistema de estrutura tardam ainda a ser consideradas no ensino das diferentes estruturas acadêmicas. Todavia... o vivo é indissociável das noções de sistema e de estrutura!. Um sistema, definido como sendo um conjunto de elementos em interação dinâmica está, então, em via de transformar-se. Organizado em função de uma finalidade, ele é, dessa forma, orientado para um objetivo. Mal se vê como (e por que) abster-se das noções de sistema e de estrutura no ensino e aprendizado das diversas disciplinas acadêmicas, na elaboração de projetos e na menor das ações sociais, econômicas ou políticas.

O ser humano responde plenamente à definição clássica do sistema aberto: ele está em constante troca de energia e de matéria com o meio ambiente. Gregory Bateson⁴

seus componentes isolados. Autor do livro *General systems theory – Essais on its foundation and development*. New York. 1968. Publicou também *The Theory of open systems*, General System Yearbook. 1956. A primeira edição brasileira de *Teoria Geral dos Sistemas* foi publicada pela Editoras Vozes, de Petrópolis (RJ), em 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

³ A Escola de Palo Alto constitui hoje um dos núcleos de investigação mais prestigiados no âmbito psicoterapêutico e psiquiátrico. O seu fundador, Gregory Bateson, era um apaixonado pelo saber científico e, numa perspectiva ecológica da mente (*mind*), socorreu-se de conceitos cibernéticos para compreender os processos da psiquê humana, no pressuposto da similitude formal que acreditava existir no funcionamento de todos os seres vivos. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Gregory Bateson (1904-1980): cientista, antropólogo e filósofo. Sobre Gregory Bateson, *IHU On-Line* publicou o artigo *Gregory Bateson, pensamento que vive*, na edição n.º 108, de 5 de julho de 2004, por ocasião do centenário de seu nascimento. (Nota da *IHU On-Line*).

salientava que um sistema é uma unidade que comporta uma *estrutura de feed-back*. Isso é válido para os sistemas ecológicos, os sistemas sociais, para o indivíduo em seu meio ambiente: é com ele que está em interação e que constitui um sistema. A família é também um sistema, mas... a abordagem analítica continua sendo, na maioria das vezes, a única abordagem praticada nos ensinos, nos estudos de problemas socioculturais, econômicos ou políticos, porém, somente ela, não consegue responder à complexidade do vivo. Minha longa parceria com/e na universidade me permite sugerir que ignorar as características sistêmicas do homem, da sociedade humana e dos ecossistemas empobrece, de maneira considerável, as trocas e os projetos educativos e sociais. Penso, em particular, no que é (infelizmente) comum de ser chamado “a luta contra o analfabetismo”: a abordagem analítica do código alfabético grego-latino condena o aprendiz a não ultrapassar o estado de submissão ao código imposto pelo Ocidente. Felizmente admiráveis pioneiros, como Paulo Freire⁵, mostraram um outro caminho, o do aprendizado em parceria, à escuta daquele que sabe muitas coisas, mas ainda não sabe que as sabe.

Como respeitar as exigências do vivo, evitando os isolamentos, o reducionismo, o distanciamento de uma realidade que não cessa de mudar e que exige adaptarmo-nos

⁵ Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No *II Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, do dia 30 de setembro de 2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27 de setembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

sem cessar? Proponho respeitarmos seis princípios:

Recensar o que deve ser **evitado**: é um método eficaz e relativamente pouco dispendioso. Consiste em evitar toda abordagem linear, seqüencial tradicional, que pratica a justaposição dos elementos (1+1+1+1...), e que prefere o descritivo ao explicativo, o declarativo ao questionamento. Prefiramos a abordagem plural que propõe ângulos e perspectivas diferentes, que se inscreve na durabilidade, que reconhece o curto, o médio e o longo prazo.

Substituir a relação causa→ efeito pela relação contexto↔ efeitos, na qual a causalidade é mútua, recíproca. Os efeitos reagem sobre as causas e modificam o contexto. Todo aprendizado, toda comunicação funciona em pró- e retroação, e beneficia, assim, a relação tentativa ↔ erro.

Porque as definições constroem a realidade e a apresentam como um evento pontual, não passam a imagem da complexidade. Trata-se, então, de **preferir** explorar um conceito sob um ângulo triplo. Por exemplo, quando procurarmos “definir” a autonomia, devemos fazer-nos três perguntas:

Qual é a natureza da autonomia? Como descrevê-la? Com que se parece ela?

Qual é a função da autonomia? Qual é seu papel no sistema?

Qual é o estatuto da autonomia? A que leis ela obedece? Quais são seus limites?

Mostrar as interdependências, as retroações. Por exemplo, salientar a interdependência da ecologia, da biologia, da economia. Mostrar a interdependência do pensamento, da língua e do real que caracteriza cada cultura. Mostrar o impacto do ritmo subjacente sobre a pronúncia de uma língua, etc.

Ancorar o que é dito, ensinado, aprendido em relação a um eixo central ou a um contexto espaço temporal explicitado. Posicionar o que está em questão na durabilidade, em relação a um antes e um depois. Por exemplo, o ensino

da geologia a partir da divisão dos continentes permitirá a compreensão da geodinâmica, a evolução das espécies, às migrações de populações... Outro exemplo: antes de abordar um assunto, recensar as representações de cada um sobre a palavra central do tema (a que outras palavras eu a associo); dar a palavra ao imaginário (procurar analogias, “este assunto é como...”), posicionar-se em relação ao assunto (o que nos aproxima dele, o que nos afasta); encorajar o questionamento respectivo ao assunto (o que eu gostaria de compreender, explorar, saber...).

Cruzar os aportes da sistêmica e da interdisciplinaridade em nossas trocas, nos nossos ensinamentos, nos nossos aprendizados, nos nossos projetos. Isso consiste em:

- salientar as interações entre os temas, os assuntos, as etapas do processo de construção do saber;
- encorajar as interações, cultivar um duplo fluxo (↔) entre a inteligência individual e a inteligência coletiva;
- dar conta das retroações do processo cognitivo de compreensão;
- encorajar as explorações individuais e em parceria;
- manter o objetivo constantemente presente; questionar-se continuamente (em nome de que eu faço o que faço?).

Compreender-se-á que estas reflexões e proposições são frutos de um longo “vai-e-vem” entre o terreno e a pesquisa. Elas são um modesto testemunho das passarelas que puderam ser construídas entre os campos considerados, até então, como “reservados”. Por exemplo, para compreender as dificuldades do aprendizado encontradas por adultos, me foi preciso interrogar (seria mais correto dizer “interpelar”) pesquisadores em neurociências e em ciências cognitivas, pois a lingüística sozinha não podia fornecer respostas aos problemas cognitivos de

memorização, de estruturação de integração do ritmo, de transferência da escuta à palavra...

Estas poucas linhas são compartilhadas com a esperança de que contribuirão para a abertura do ponto de partida e o de chegada do grande terreno de interações humanas, que, muito frequentemente, ignoram as exigências do vivo e não escolhem a via (a voz) da paz. Existem, entretanto, caminhos que levam à paz, como aquele que propõe a

transdisciplinaridade. Mas esses caminhos devem ainda ser construídos através da caminhada. A universidade tem o papel crucial de interpretar para contribuir na **construção de uma nova cultura: a cultura da união**. Para isso, será preciso mudar seu sistema de avaliação e de validação, e não mais confiar somente aos números o papel de avaliar o processo de transformação que contribui para formar a mais antiga atividade do mundo: aprender.

A segmentação do conhecimento é um fruto perverso da modernidade

Entrevista com José Ivo Follmann

“A segmentação do conhecimento e as departamentalizações, tão caras à academia e que se tornaram também tão incômodas, podem ser vistas como frutos perversos da modernidade”. Com essa preocupação o professor José Ivo Follmann, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, da Unisinos, reflete sobre a importância da transdisciplinaridade e seus caminhos na construção de um conhecimento que dialogue entre seus diferentes campos. Follmann, que é padre jesuíta, coordena o programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC) e aponta a importância do diálogo entre as religiões. Ele participará do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, em Vila Velha, Espírito Santo, de 6 a 12 de setembro, com a apresentação de um estudo de caso no dia 8 de setembro.

José Ivo Follmann é graduado em Filosofia, Teologia e Sociologia. É mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain, U.C.L., Bélgica, com a tese *Religion, Politique et Identité*. Escreveu o livro *Igreja, ideologia e classes sociais*. Nova Petrópolis: Vozes, 1985 e organizou, em parceria com Ielbo Marcos Lobo de Souza, a obra *Transdisciplinaridade e universidade: uma proposta em construção*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. A *IHU On-Line* entrevistou José Ivo nas edições nº 51, de 17 de março de 2003, abordando a criação da faculdade da água pela Universidade do Bem Comum, na Bélgica; nº 56, de 22 de abril de 2003, falando sobre Max Weber; nº 48, de janeiro de 2003, sob o título Religião, identidade e diálogo. A entrevista, a seguir, foi concedida por e-mail.

IHU On-Line – Pesquisadores do mundo todo, das mais diferentes áreas de conhecimento, participarão do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade. Quais são

os principais avanços aguardados para esse encontro? Qual a metodologia que seguirá o Congresso que o diferencie de um evento disciplinar?

José Ivo Follmann – O fato de o II Congresso acontecer significa certamente um avanço. A transdisciplinaridade ampliou muito o seu “público” desde o I Congresso Mundial acontecido em Arrábida, Portugal (1994). A Carta da Transdisciplinaridade⁶, então escrita, circulou por muitos novos espaços e tomou, sobretudo, o espaço das universidades. O avanço que eu, pessoalmente, espero é o de se poder celebrar gostosamente todos estes avanços e encarar, com seriedade, os desafios que, certamente, se multiplicaram depois do I Congresso... Pessoalmente, sou um aprendiz e quero bater palmas para todos os pioneiros e pioneiras. Evidentemente, é exagerado falar que teremos, no Congresso, a presença de pesquisadores do mundo todo, mas, certamente, os participantes estarão preocupados com o mundo todo. Não me cabe, evidentemente, falar pelo Comitê Diretivo, mas posso dizer, sem dúvida, que esse Congresso não quer ser e não deverá ser a afirmação de mais uma corporação dentro da Academia. Pessoalmente, fico muito preocupado, às vezes, com certos congressos ou eventos acadêmicos, em que o mais evidente são os mecanismos de articulação em vistas da sobrevivência e do reforço da categoria ou corporação acadêmica. A verdadeira contribuição para a sociedade é o que menos acontece. A segmentação do conhecimento e as departamentalizações, tão caras à academia, e que se tornaram também tão incômodas, podem ser vistas como frutos perversos da modernidade. O que se observa, muitas vezes, na academia e nos mundos do conhecimento, não é a busca de

⁶ A Carta da Transdisciplinaridade foi elaborada pelos participantes do I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, realizado no Convento de Arrábida, em Portugal, de 2 a 7 de novembro de 1994. Os participantes adotaram o referido protocolo como princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional. No comitê de redação desta carta, estiveram Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. Ela pode ser lida, na íntegra, em www.cfh.ufsc.br/~let/carta.htm (Nota da **IHU On-Line**)

complementaridade, como estava na intencionalidade original de quem concebeu as divisões disciplinares, mas manifestações visíveis de disputas de poder. Não devemos, simplesmente, generalizar, pois seria uma inverdade com relação àqueles cientistas e pesquisadores do meio acadêmico que estão muito acima e além dessa rotina viciada. Eles transcendem essa coisa rançosa e, pode-se dizer, têm atitude transdisciplinar.

IHU On-Line – Quais são as maiores conquistas alcançadas pela transdisciplinaridade? Em função da crescente fragmentação do saber, como ela pode auxiliar o mundo a unificar o conhecimento?

José Ivo Follmann – A grande conquista é toda essa maior difusão, esse “espraizar-se” da própria idéia de transdisciplinaridade. Fruto de toda uma corrente de preocupações voltadas contra a fragmentação do saber, a transdisciplinaridade traz novos elementos decisivos para o avanço do conhecimento. Não se trata de unificar o conhecimento, muito menos de colocar empecilhos nos avanços disciplinares, e sim, de torná-los mais efetivos e fecundos em sua pluralidade. Sempre gosto de dizer que a transdisciplinaridade não veio para abolir as disciplinas, mas para consolidá-las, dando-lhes novas condições de efetiva contribuição no avanço das ciências e do conhecimento. Pessoalmente, além de estar na academia como sociólogo, sou também religioso, padre jesuíta, e, como estudioso das religiões, lido muito, sob diversas formas, com o campo religioso. Ultimamente, são sempre mais freqüentes os meus contatos com líderes de religiões e abordagens diferentes. Isso está sendo, para mim, uma experiência fantástica e me deixa também muito à vontade no meio transdisciplinar.

IHU On-Line – Como as religiões contribuem para construir um conhecimento transdisciplinar?

José Ivo Follmann - Bem, vamos devagar porque “o santo é de barro!”... Desculpe a expressão tirada do imaginário católico... Estamos, de fato, num terreno que exige muito cuidado e os avanços são lentos. As religiões tendem a se fechar sobre as suas verdades, pois, afinal, lidam com o que existe de mais profundamente desafiador na existência humana, o além dos limites da morte. O movimento de aproximação entre elas, que é desejável e esperado ansiosamente por muitos, deve ser muito cuidadoso, pois o risco de causar danos quase insuperáveis é também imenso, como a história o comprova.

Nos últimos anos, na Unisinos, venho vivenciando com um grupo, uma experiência muito interessante e que me faz refletir mais concretamente sobre a contribuição das religiões. Temos um “Grupo Inter-Religioso de Diálogo”, que faz parte de um Programa mais amplo, o GDIREC (Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo). O grupo é constituído hoje de líderes religiosos de treze denominações diferentes e se reúne mensalmente na Universidade, tendo como objetivo principal o conhecimento e reconhecimento mútuos e o cultivo das identidades religiosas diversas. Entendemos que não existe diálogo inter-religioso sem um profundo cultivo das identidades religiosas. O diálogo exige que se leve o outro a sério. A questão da identidade é fundamental. É necessário levar-se a sério!...

Da mesma forma, transdisciplinaridade não significa diminuição das disciplinas ou superação das mesmas. Significa, pelo contrário, levá-las mais a sério. Na transdisciplinaridade, as diferentes identidades disciplinares são levadas a sério e, além disso, são também levadas a sério outras vias de conhecimento que transcendem os limites disciplinares. A atitude transdisciplinar é, sobretudo, uma atitude de humildade, no sentido de estar sempre pronto para acolher a contribuição do outro. Posso dizer que tenho atitude transdisciplinar se minha postura é de

reconhecimento do outro e da possível pertinência de sua contribuição, para além dos limites de minha disciplina e de minha imaginação.

***IHU On-Line* – Nas universidades brasileiras, quais são os exemplos de transdisciplinaridade que merecem ser destacados?**

José Ivo Follmann – Nas universidades, tornou-se comum falar em multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, colocando as disciplinas em diferentes intensidades de colaboração mútua, no avanço do conhecimento científico. A atitude transdisciplinar, apesar de ter aparecido no final, é, para mim, a chave para tudo isso. Ou seja, é necessário ter a atitude de reconhecer humildemente a possibilidade, e mesmo a necessidade, da contribuição externa à disciplina. Estar sempre aberto a interrogantes externos. Vejo com entusiasmo que o tema da transdisciplinaridade e o tema da complexidade se tornaram recorrentes, hoje, em muitas Universidades brasileiras. Existem grupos de estudo e reflexão, institutos ou organismos semelhantes e, até mesmo, universidades, nas quais a transdisciplinaridade tornou-se opção prioritária institucional. Tudo isso certamente poderá ajudar a ampliar a atitude transdisciplinar no meio acadêmico. Não tenho condições de dizer quais os exemplos de transdisciplinaridade que merecem ser destacados. Existem as mais variadas iniciativas. Todas devem ser destacadas dentro da contribuição específica que trazem.

***IHU On-Line* – Que passos a Unisinos tem dado nessa direção?**

José Ivo Follmann – A Unisinos é hoje uma Universidade que extinguiu os Departamentos e extinguiu os Centros. É, sem dúvida, um meio facilitador, mas não é sobre isso que quero falar... Vou fazer uma leitura de dentro do viés no qual eu estou mais diretamente implicado. Um primeiro passo importante, no

meu entendimento, aconteceu quando, seguindo inspiração das Diretrizes da Associação das Universidades Jesuítas da América Latina (AUSJAL), em 1995, a Unisinos decidiu adotar, explicitamente em cada currículo, nos cursos de Graduação, a assim chamada “formação humanística de orientação cristã”. Tratava-se de ajudar os estudantes a abrirem os horizontes de seus entendimentos especializados e disciplinares para uma compreensão mais ampla de comprometimento com o ser humano (dimensão antropológica), com as exigências éticas nisso envolvidas (dimensão da responsabilidade ética) e a importância de nossa inserção latino-americana, no grande movimento da história na qual vivemos (dimensão da responsabilidade histórica). A proposta compõe-se, assim, de três vigorosos interrogantes externos para as disciplinas de cada curso. No meu entender, mesmo que isso não esteja diretamente explicitado na proposta, podemos entrever nela um movimento incipiente, mas de grande abrangência, na direção do cultivo da transdisciplinaridade nas atividades de ensino-aprendizagem da Universidade. Pena que isso nem sempre tenha chegado, com a mesma intensidade, até a percepção das coordenações dos cursos.

A partir do ano 2002, começou-se a esboçar, com mais clareza, o que hoje é conhecido como a opção institucional da Unisinos pela transdisciplinaridade. Sucessivamente, em 2002 e 2003, dois grupos de trabalho no processo de Planejamento Estratégico da Universidade juntaram elementos suficientes para que, com segurança, a instituição colocasse a transdisciplinaridade entre as suas três prioridades estratégicas e institucionais. Deve ser destacado o lançamento de uma publicação coletiva em 2003, intitulada: Transdisciplinaridade e Universidade – Uma Proposta em Construção (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003). A própria criação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em 2001 e todo o seu vigoroso processo de

consolidação, ao longo dos últimos três anos, significa um grande avanço na proposta transdisciplinar. Isto sem falar dos diferentes esforços que vêm sendo feitos, tanto em termos de pesquisa, ensino e extensão, quanto na gestão da própria Universidade.

***IHU On-Line* – Como o conhecimento transdisciplinar poderia contribuir para a formação de pessoas que saibam enfrentar as diferentes demandas sociais no momento político que estamos vivendo?**

José Ivo Follmann – Para ser breve, eu destacaria aqui a dimensão da ética. Nós precisamos permanentemente autotranscender-nos em nossas limitações, se quisermos ter como referência a importância da vida e da pessoa humana. O fechamento em determinadas fórmulas disciplinares ou de prática política, sem o devido horizonte ético, pode conduzir a desastres, às vezes, irremediáveis.

***IHU On-Line* – Há algum outro aspecto que deseja destacar e que não foi perguntado?**

José Ivo Follmann - Quero ainda sublinhar o seguinte: O tema da transdisciplinaridade é visto, muitas vezes, como algo da moda. De acordo, certamente existe muito modismo envolvido. No entanto, eu gostaria de dizer que é um modismo bom, porque ajuda para um despertar geral, provocando a convergência fecunda de caminhos diferentes e a mobilização de formas de conhecimento e de expressão esquecidas ou de culturas “perdidas”, com vistas a ajudar a humanidade a encontrar boas respostas para ela mesma dentro da complexidade do mundo de hoje. O modismo acaba sendo contagiado, de forma positiva, e é, em certo sentido, “prego na contramão”...

A transdisciplinaridade no meu entender, se conduzida com cuidado, “com disciplina”, ajudará, sem dúvida, a corrigir os rumos da humanidade. Pode-se falar, inclusive, na reinvenção do humano, na própria humanidade. Em suma, ser transdisciplinar, ou

ter “atitude transdisciplinar”, significa trilhar novos caminhos do conhecimento, revestindo-se da armadura da humildade e da esperança na humanidade. (Quero aproveitar este espaço, também, para prestar uma homenagem de gratidão a Américo Sommermann, Maria de Mello e Vitória de Barros do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS) SP, a Alfredo Gontijo do Instituto de Estudos

Avançados Transdisciplinares (IEAT), da UFMG, a Tereza Mendonça do Instituto de Estudos da Complexidade (IEC), da PUC/RJ, a Marta Tristão da UFES, a Celso Barcelos da ABRH e demais integrantes do Comitê Diretivo Nacional, pelo seu pioneirismo e pelo muito que deles venho aprendendo.)

“Tornar todos os saberes acessíveis para todos em toda a parte”

Entrevista com Gaston Pineau

Trabalhar problemas de maneira nova e “reatualizar o mito libertador fundador da universidade: criar uma sociedade de aprendizagem, tornando universais os procedimentos de pesquisa e de transmissão dos saberes”, além disso, fazer com que todos os saberes estejam disponíveis às pessoas. Essas são algumas das propostas da transdisciplinaridade, segundo o pesquisador francês Gaston Pineau, diretor do Laboratório de Ciências da Educação e da Formação da Universidade François Rabelais de Tours, França, em entrevista concedida à *IHU On-Line* por e-mail.

Pineau estará no Brasil, de 6 a 12 de setembro, no 2º Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, em Vitória, Espírito Santo. Será o mediador de uma das mesas-redondas no dia 9, com o tema Atitude Transdisciplinar. Em 11 de setembro, coordenará uma das Cátedras Itinerantes Transdisciplinares.

***IHU On-Line* - De que forma a educação pode contribuir para a construção de um conhecimento transdisciplinar?**

Gaston Pineau - A educação pode contribuir para a construção de um conhecimento transdisciplinar, desenvolvendo a revolução da aprendizagem, tal como é apresentada por Edgar Morin⁷ em *Educar*

para a era planetária. Esta revolução apresenta uma dupla face: em primeiro lugar, ela situa a aprendizagem antes do ensino e concebe a aprendizagem como uma curva autoformadora, alternando experiência e expressão. Mais concretamente, ela chama para duas aberturas, que são as seguintes:

políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Edgar Morin: sociólogo francês, autor da célebre coleção *O Método*. Os seis livros da série são tema do **Ciclo de Estudos sobre “O Método”**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e

- 1) Abertura da educação às aprendizagens ao longo da vida e em todos os seus setores, o que faz da vida a principal escola de conhecimento.
- 2) Abertura a uma educação que se alterne entre formação experiencial e formal. Isso quer dizer trabalhar para reconhecer e validar as aquisições das três fontes vitais de conhecimento: eu próprio, os outros e as coisas.

***IHU On-Line* - No que consiste seu conceito de autoformação e qual sua relação com a transdisciplinaridade?**

Gaston Pineau - A autoformação não é a solo-formação nem a ego-formação. A exploração de atividades formadoras próprias dos sujeitos que traz o prefixo “auto” não tem sido possível senão ligando-o a indicadores de outros pólos de formação: hetero - e co - primeiro, os que representam o pólo social; eco - que quer dar conta da influência formadora ou deformadora do meio ambiente material não humano; trans - enfim, que quer aproximar as transações unificadoras e transformadoras entre, com e além desses três pólos.

Esta valsa dos prefixos, envolvendo transações formadoras entre esses três pólos da formação – pessoal, social e ecológica –, varia no decurso das idades da vida. Globalmente, a primeira idade da infância e da adolescência está sob a responsabilidade socioeducadora dos pais e professores - é um regime de heteroformação. A vida adulta se forma principalmente pela autonomização desses poderes heterônomos. Ela está marcada pela apropriação progressiva do poder de se formar que constrói um regime de autoformação. Enfim, a terceira idade, com o declínio das forças autônomas, torna-as mais dependentes do meio ambiente material e vê o avanço mais ou menos consciente e voluntário da ecoformação. A abertura das aprendizagens ao longo da vida e em todos os seus setores obriga a sair das teorias educadoras herdadas, vendo a educação unicamente sob suas formas

iniciais como ação das gerações adultas sobre as dos jovens. Ela também obriga a ultrapassar os quadros disciplinares, tentando explicar a complexidade educativa segundo lógicas unicasais no horizonte hegemônico, carregadas pelo sufixo ismo: psicologismo, sociologismo, ecologismo. Com seus três pilares – diferentes níveis de realidades, terceiros inclusos e complexidade paradoxal – a transdisciplinaridade oferece um paradigma de compreensão na altura da revolução da aprendizagem levada pela autoformação: a aprendizagem vai bem além do ensino e se opera por curvas estranhas auto-reforçadoras. Nada de auto sem trans, como diz Basarab Nicolescu⁸: “Após o imperialismo disciplinar dos ismos, a valsa transdisciplinar dos prefixos envolve a alegria de viver e de conhecer.”

***IHU On-Line* - A tentativa da transdisciplinaridade de interligar os diferentes saberes é um indício de que a humanidade busca uma nova compreensão de si mesma?**

⁸ Basarab Nicolescu: físico teórico romeno, especialista na teoria das partículas elementares, é autor de diversos livros e centenas de artigos publicados em revistas especializadas e livros científicos coletivos na Europa, Estados Unidos, Japão e Brasil. Leciona Física Teórica na Universidade Pierre e Marie Curie, em Paris, onde foi fundador do Laboratório de Física Teórica e de Altas Energias. É também presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (Ciret) na França. Ultimamente, Nicolescu tem produzido diversos textos que procuram desvendar as relações entre arte, ciência e tradição, propondo novos modelos de pensamento que possam resgatar à cultura e à sociedade um ser humano mais completo, capaz de enfrentar os desafios da complexidade, a intrincada teia de relações entre conhecimentos, disciplinas e sistemas (naturais, culturais e econômicos), que caracteriza o mundo contemporâneo. Integra o corpo de pesquisadores do Centro de Educação Transdisciplinar (Cetrans), de São Paulo. De sua obra, em português, está publicado *Ciência, Sentido & Evolução - A cosmologia de Jacob Boehme*. São Paulo: Attarl, 1995 e *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Triom, 2001. Nicolescu concedeu entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, edição 122, de 8 de novembro de 2004, intitulada *A lógica quântica e a transdisciplinaridade*. Na edição 135 da *IHU On-Line*, de 4 de abril de 2005, o físico deu a entrevista *A lógica quântica exige mudanças dos nossos hábitos mentais*. (Nota da *IHU On-Line*)

Gaston Pineau - O processo transdisciplinar pode ser visto como um procedimento de passagem de um modo de pensamento moderno para um modo pós-moderno. O paradigma disciplinar da divisão social e técnica dos saberes está no coração da formação da modernidade. Este paradigma disciplinar é a força, mas também o limite da modernidade. Ele não considera como problemas disciplinares (a luta contra a pobreza, contra a exclusão, contra a poluição, pela paz,...). E ele cria tantos problemas de ligação quanto cria divisões disciplinares dos saberes. A pós-modernidade está, pois, às voltas com dois tipos de problemas: a pressão externa dos problemas não-disciplinares de sobrevivência terrestre e a exigência interna de se pôr em forma e no sentido dos recortes disciplinares. A atitude transdisciplinar tenta trabalhar estes novos problemas de maneira nova, com, mas também além das disciplinas.

IHU On-Line - Os atuais líderes das nações formaram-se em grandes universidades. De que modo a busca da transdisciplinaridade pode responder aos desafios que a sobrevivência do planeta nos apresenta?

Gaston Pineau - Para responder aos desafios de sobrevivência universitária que ultrapassam amplamente a formação de líderes, a transdisciplinaridade visa a reatualizar o mito libertador fundador da universidade: criar uma sociedade de aprendizagem, tornando universais os procedimentos de pesquisa e de transmissão dos saberes. Ela visa a tornar todos os saberes acessíveis para todos e em toda a parte.

IHU On-Line - O que deve mudar nas universidades para responder, de fato, a esses desafios?

Gaston Pineau - Os desafios planetários não poderão ser enfrentados senão mudando os quadros de pesquisa e de formação universitária, instituídos para fazer emergir as forças institucionais, o que implica uma

política audaciosa de pesquisa e de formação por redes universitárias e não-universitárias transnacionais.

IHU On-Line - O entendimento do mundo como um mecanismo interligado pode contribuir para que o homem do século XXI seja mais tolerante?

Gaston Pineau - Como diz ainda Morin, o grande paradoxo do século XXI a ser trabalhado é o da unidade e da diversidade. Compreender a diversidade como um recurso de criação, e não como uma lacuna.

IHU On-Line - Como avalia as iniciativas transdisciplinares de Fritjof Capra e outros autores contemporâneos que queira destacar?

Gaston Pineau - As iniciativas transdisciplinares como aquelas de Fritjof Capra⁹ devem ser compreendidas como momentos históricos pioneiros de emergência de um movimento de transição paradigmática. Eles abrem portas, descristalizando antigos modelos de pensamento e propondo elementos novos. Eles devem ser prolongados, conectando e desenvolvendo essas aberturas pioneiras. As revoluções paradigmáticas se estendem sobre diversas gerações.

⁹ Fritjof Capra: físico austríaco, cientista, ambientalista, educador e ativista. Surgiu para o mundo após lançar *O tao da física*, no qual discorre sobre os paralelos, a princípio impossíveis, entre a física quântica e o misticismo oriental. Estabeleceu-se no posto de pensador holístico com *O ponto de mutação*, explorando as mudanças no paradigma social que acompanham as descobertas científicas. Atualmente, vive em Berkeley, na Califórnia. Ele fundou o *Center for Ecoliteracy*, uma instituição que forma profissionais para ensinar ecologia nas escolas. É professor do Schumacher College, um centro de estudos ecológicos na Inglaterra. Em português, foram publicados, entre outros, os livros: *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982, *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, 1995, *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997, *O tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 2000, *As conexões ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002, *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

A transdisciplinaridade é levar o ser humano a sério

Entrevista com Josephine Papst

Josephine Papst é graduada em Estudos de Filosofia, Língua Alemã e Literatura pela Universidade de Graz (Áustria). É mestre em Filosofia, em Estudos em Ciências Cognitivas pela Universidade de Buffalo (EUA). Realizou trabalhos de pesquisa nas Universidades de Munique (Alemanha), Sofia (Bulgária), no Centro de Graduação na Universidade da Cidade de Nova York e na Universidade de Berkeley na Califórnia (EUA). Obteve doutorado em Filosofia em 1997 com a tese *Indexicality as the basis of the subsymbolic-reflexive structure of the mind*.

A pesquisadora atua como docente na Universidade de Graz e na Universidade Complutense de Madri. Dá aulas sobre filosofia da mente, filosofia da linguagem, epistemologia, ciências cognitivas, teoria das ciências, metafísica e o paradigma da transdisciplinaridade. No ano de 2004, fundou a associação científica Indexicals – Centre of transdisciplinary cognitive and state-system sciences, da qual é orientadora científica e presidente. Desde setembro de 2005, Josephine possui o site <http://indexicals.ac.at> Confira a entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios que a transdisciplinaridade deve enfrentar para obter efetividade na ciência contemporânea?

Josephine Papst- Em primeiro lugar, vou explicar o paradigma da transdisciplinaridade. Os principais desafios são: 1) Desenvolver a consciência científica individual e coletiva sobre as questões mais fundamentais. O que é isso? O que podemos conhecer? O que fazer a fim de contribuir para uma sociedade individualmente humana e um universo vivo? 2) Desenvolver uma sensibilidade disciplinar e mentes abertas. A consciência científica das questões mais básicas nos permite ver cada campo disciplinar com seus métodos restritos em seu objetivo limitado. 3) Buscar a introspecção científica de que precisamos no conhecimento das disciplinas particulares para descobrir onde estão seus limites, em vista de uma saída particular para entender e a modéstia para confessar seus limites. Isso nos dispõe para o acesso transdisciplinar às

soluções em questão. 4) Desenvolver a seriedade ou modéstia humana para aceitar que há soluções que nós não podemos explicar cientificamente – agora ou em princípio – por causa da complexidade da realidade. Nesse sentido, o principal desafio é gerar uma atitude transdisciplinar individual e coletiva. Gerar uma atitude transdisciplinar significa que ela não pode ser obtida por regras ou programas lineares vindos de fora, porque uma atitude transdisciplinar deve desenvolver-se a si mesma na base interna da mente de cada cientista individual, para tornar-se efetiva coletivamente. No caso em que uma atitude transdisciplinar não é gerada individualmente, ela não pode ser gerada coletivamente. Por isso, a aceitação da liberdade das ciências e da liberdade de consciência individual deve ser novamente estabelecida – especialmente na Europa – para ocorrer nas ciências, nas artes e na política.

IHU On-Line As universidades continuam ensinando mediante a segmentação do conhecimento em disciplinas. Como pode este modelo ser repensado para contemplar um diálogo sadio entre os conhecimentos?

Josephine Papst- Para mim, parece que o dano na educação superior das universidades não é causado pela segmentação das diferentes disciplinas, mas por arrastar os estudantes com um programa disciplinar num tempo tão curto quanto possível. Não lhes é deixado tempo para refletir a respeito, para expressar preocupações, etc. Eu pressuponho que os estudantes têm idéias próprias dos tempos anteriores, quando eram crianças. No entanto, para continuar um processo de desenvolvimento, as boas idéias próprias necessitam de tempo, necessitam de um ambiente inspirador, necessitam de boa fé pessoal nas atividades de estudo desenvolvidas. Os estudantes geram a consciência de que as soluções que lhes dizem respeito têm importantes conexões com outras disciplinas, e eles podem decidir tornar-se familiares com outras disciplinas ou simplesmente assimilar a consciência do objetivo limitado de sua orientação disciplinar. Se houver tempo suficiente, nenhum estudante deixará de ser capaz de tomar consciência do que é sadio ou não nas soluções que lhe dizem respeito, encontrando orientações comprovadas, e desenvolverá não só a sua competência científica, mas também a sua personalidade e a sua responsabilidade. É essa falta de liberdade das ciências e de liberdade da consciência na prática de ensino que deve ser reconsiderada. A liberdade científica e a liberdade de consciência devem ser reinstauradas para permitir individualmente a cada cientista e coletivamente às comunidades científicas comunicarem a cada um com mente aberta. Que possam ocorrer preocupações, incompreensões e divergências, é resultado de discussões sérias e dizem respeito a cada um, servindo, ao mesmo tempo, como

pressuposição para se chegar a convergências com a exigência de adequação. Qualquer “você deveria”, “você deve”, “você precisa”, “porque tempo é dinheiro” está no lugar errado na educação científica e superior.

IHU On-Line Em que a transdisciplinaridade pode mudar as práticas educativas, considerando, por exemplo, a complexidade?

Josephine Papst - Em primeiro lugar, gostaríamos de ter consciência de que a transdisciplinaridade se tornou um conceito muito popular. De um lado isso é bom, de outro lado, no entanto, se tornou um tanto inflacionário. Eu assumo o conceito desejado de transdisciplinaridade, o que significa ter a mente aberta em relação ao que existe realmente – em nossa realidade mental, física e metafísica –, para dar-nos conta de nosso próprio lugar no universo. Dar-nos conta do que conhecemos e do que não entendemos ou mesmo sabemos e não perder nossa boa fé. Este é o conceito desejado do paradigma da transdisciplinaridade. Você menciona a “complexidade”. Sim, eu penso que, nas práticas educacionais, desde os primeiros anos, o que, de certa maneira, é perceptível da complexidade da realidade em nosso tempo e responsabilidade limitados como seres humanos nesta terra poderia ter um imenso efeito, porque as crianças devem ser levadas a sério. As crianças devem ser levadas a sério em vista de suas expressões, esperanças e desejos, introspecções e temores individuais. Elas desenvolvem suas personalidades individuais no ambiente em que vivem e, ao mesmo tempo, elas mudam continuamente o ambiente além do que se pensa, de acordo com consistentes e bem inspiradas idéias que trazem. O efeito das práticas educativas transdisciplinares poderia ser que as crianças e os estudantes não sejam paralisados em seu desenvolvimento individual, e com base neste aspecto, o efeito é que eles não serão educados como deformações de seres humanos, com

todos os diversos tipos de danos mentais e psíquicos. A vantagem das práticas educativas transdisciplinares é que as crianças, os estudantes e os seres humanos são levados a sério e tratados respeitosamente. A mais ou menos intuitiva ou explícita percepção da complexidade da realidade nos permite tornarmos modestos em relação ao que podemos saber, nos ajuda a aceitar os limites de nosso conhecimento científico e nos permite conceber nossa responsabilidade por tudo aquilo que realizamos.

IHU On-Line Como você avalia o pensamento transdisciplinar de Fritjof Capra, Edgar Morin e algum outro autor contemporâneo que queira destacar e que reflete sobre a prática transdisciplinar?

Josephine Papst- Deixe-me dizer que não me sinto competente para avaliar tão grandes personalidades na ciência e na prática cotidiana. Contudo, gostaria de expressar algumas impressões sobre eles. O físico teórico Fritjof Capra é bem conhecido em todo o mundo por causa de seus assim chamados livros científicos populares (de divulgação científica). A doutrina do século XX em filosofia e nas ciências foi que cada coisa é redutível à física, e que, por isso, todo o antigo material metafísico e místico deve ser proibido nas ciências. E então aconteceu algo peculiar, principalmente os físicos começaram a criticar esta visão científica reducionista, porque seus resultados ultrapassaram suas investigações teóricas, experimentais e empíricas. Como resultado dos diferentes métodos de investigação e a formulação de diversas teorias sobre tópicos particulares da realidade complexa, o material de que consiste nossa realidade física provocou enigmas particulares, em vez de uma simples confirmação de teorias esperadas. Um desses físicos foi Fritjof Capra, que enfocou sabiamente os enigmas e entrou num tópico que filósofos contemporâneos reclamaram ser seu próprio domínio. Você pode imaginar qual foi a reação dos filósofos

usualmente engajados em sua luta entre escolas e advogando sua própria área, com suas queixas de não terem suficiente audiência e dinheiro, e desenvolvendo seus diferentes tipos de práticas institucionais incorretas. Fritjof Capra entrou no campo dos filósofos como consequência de suas intuições em seu campo profissional da física teórica e formulou suas intuições altamente importantes de uma forma que o povo tinha condições de entender. Apenas dois livros poderiam ser mencionados aqui, seu primeiro livro de 1975 *O Tao da Física* e seu livro em co-autoria *Ecomanagement*. Ele também instituiu, em Berkeley, o *Center for Ecoliteracy*. O último é importante para mostrar que Fritjof Capra não formula propriamente suas intuições em livros, mas que ele também é ativo em cada prática da vida humana, para educar a consciência de nossa responsabilidade por nosso meio ambiente natural. Ele chama isso de *Ecoliteracy*. Atualmente, este engajamento por uma espécie de educação por um mundo de vida sustentável é uma importante realização. Como sociólogo e antropólogo, Edgar Morin vale por sua boa fé. Como membro da resistência na França nos anos 40 do último século, ele se tornou familiar em face das crueldades que o fascismo promoveu por toda a Europa. Desde então, Edgar Morin jamais deixou de escrever, e, mais tarde, de ensinar no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), em Paris, por uma política de civilização e um mundo pensado humanamente. A infra-estrutura conceitual mais fundamental que ele nos forneceu é o da complexidade da realidade. Eu gostaria de dizer mais sobre ele e a relevância atual de suas obras e seu engajamento político em nossos dias de tão variadas mudanças em vista de um mundo de globalização nos diferentes contextos da realidade, mas isso não caberia num parágrafo. Há um autor contemporâneo no paradigma da transdisciplinaridade que não poderia ser esquecido aqui. É o físico quântico Basarab Nicolescu, que escreveu o livro *La*

Transdisciplinarité, Manifeste (para mencionar ao menos um de seus livros).

IHU On-Line A fixidez dos conceitos entre uma e outra disciplina parece dificultar a compreensão do mundo. Em que medida a transdisciplinaridade pode ajudar a pensar o mundo como um grande sistema, e não como minúsculos fragmentos?

Josephine Papst- Sabemos que devemos ser muito cuidadosos com os conceitos que usamos na comunicação científica e cotidiana, já que eles poderiam significar algo diferente num outro contexto. Às vezes, os conceitos são definidos com termos técnicos para cumprir uma função particular numa teoria particular, e como tais eles são fixados com sua compreensão própria. Sem tal compreensão clarificada no âmbito das teorias científicas não teria nenhum sentido comunicar uma matéria complicada. No entanto, poderia ocorrer que, em contextos particulares, o conceito seja inadequado, o que, em geral, poderia ser exceção. O desenvolvimento de um quadro conceitual apropriado é sempre um desafio para as teorias científicas. No caso de estarmos ligados à posição ontológica de que há uma realidade fora de nossas diferentes linguagens naturais e formais que usamos para descrever e explicar esta realidade, parece que existe uma convergência entre as diferentes concepções sobre a realidade, formuladas com a ajuda de diferentes quadros conceituais.

A noção de compreensão do mundo é problemática, cientificamente, na política e na vida de cada dia, porque todos os traços finamente trabalhados se perderam. O que podemos tentar compreender é que cada traço da realidade finamente trabalhado importa, porque é parte de um todo em progressão que, em princípio, é sempre inacabado. Compete à nossa percepção científica e humana e à nossa

boa-fé conduzir esses processos em todas as suas múltiplas bem trabalhadas ocorrências aqui e agora nessa direção adequada que identificamos com ou dentro da direção distópica. O último aspecto continua a paralisar nossas mentes humanas e a destruir o nosso ambiente social e natural na terra. Sim, eu penso que o paradigma da transdisciplinaridade, como formulado acima, poderia ajudar a progredir na direção adequada.

IHU On-Line Quais são as principais consequências da segmentação do conhecimento? Esta segmentação também gera consequências políticas e econômicas?

Josephine Papst - Penso que você entende como “segmentação do conhecimento” todos os esquemas pensados estreitamente – que realmente não são conhecimento –, que são usados para sobrecarregar crianças e estudantes num curto período de tempo com concepções que os professores avaliam com exames quantitativos. Sim, esse tipo de segmentação tem consequências econômicas e políticas, já que prejudica o processo de desenvolvimento das personalidades individuais, de modo que elas já não são mais capazes de se sentirem responsáveis pelo que fazem em suas vidas cotidianas profissionais na política, nos negócios públicos, nas instituições privadas e nas indústrias. Esse tipo de segmentação do conhecimento poderia produzir os assim chamados oficiais cegamente responsáveis, que causam repetidamente danos irreversíveis devido à má prática institucional que tem poder sobre o povo e as sociedades e pretende ser cientificamente justificada.

A visão engaiolada do mundo

Entrevista com Ubiratan D'Ambrosio

“O saber e o fazer das disciplinas foram se sujeitando a limitações epistemológicas, verdadeiras gaiolas epistemológicas. Mesmo a interdisciplinaridade não libera o saber e o fazer dessas gaiolas”. Essa é a opinião do matemático Ubiratan D'Ambrosio, professor emérito na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ele é graduado em matemática pela USP, doutor em matemática pela mesma instituição e pós-doutor pela Brown University, nos Estados Unidos. D'Ambrosio leciona no Programa de Estudos Pós-Graduados de História da Ciência da PUC-SP e no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp). É presidente da Sociedade Brasileira de História da Matemática (SBHMat) e do International Study Group on Ethnomathematics (ISGEm). É membro da American Association for Advancement of Science (AAAS) e presidente honorário da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). Escreveu *Educação para uma Sociedade em Transição*. Campinas: Papirus, 1999; *Temas Transversais e educação em valores humanos*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1999, com Ana Amélia Inoue e Regina de Fátima Migliori, e *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Leia, a seguir, a entrevista concedida via e-mail pelo professor D'Ambrosio.

IHU On-Line - Quais são as principais conclusões a que chegou com seus estudos sobre etnomatemática? No que eles avançam quanto à unificação de diferentes campos do conhecimento?

Ubiratan D'Ambrosio - A etnomatemática¹⁰ parte de uma reflexão sobre a evolução do conhecimento e do comportamento da espécie humana. E reconhece que, nessa evolução, o homem

desenvolveu técnicas, artes, modos e maneiras de explicar, entender e lidar com seu ambiente natural e social. Esse desenvolver é, necessariamente, transcultural e transdisciplinar.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que destacaria em relação ao diálogo entre disciplinas da área das humanidades e das exatas como a matemática?

Ubiratan D'Ambrosio - As disciplinas são um fato histórico, responsável pelo grande progresso científico e tecnológico. Mas o saber e o fazer das disciplinas foram se sujeitando a limitações epistemológicas, verdadeiras gaiolas epistemológicas. Mesmo a interdisciplinaridade não libera o saber e o fazer dessas gaiolas, ainda que sejam mais espaçosas. A visão de mundo do engaiolado é, obviamente, restrita e deformada. E assim, ao lado de maravilhosas conquistas nas ciências e na tecnologia, nota-se um total descalabro nas relações entre indivíduos. O humano e o

¹⁰ **Etnomatemática:** Estudo das práticas matemáticas de grupos culturais específicos ao tratar com problemas e atividades de seu meio ambiente. Etnomatemática é um movimento surgido no Brasil em 1975, tendo como base os trabalhos de Ubiratan D'Ambrosio. Rodney Bassanezi e Eduardo Sebastiani Ferreira, afinados com o projeto, também contribuíram com suas pesquisas. A UNESP de Rio Claro-SP, em seu curso de Pós-Graduação em Educação Matemática, produziu as primeiras pesquisas acadêmicas centradas em Etnomatemática. Em 1985, o movimento aumentou suas fronteiras, oficializando o Grupo de Estudo Internacional sobre Etnomatemática. (Nota da **IHU On-Line**)

social estão deploráveis. Sem dúvida, esse é o resultado da visão limitada do engaiolado.

IHU On-Line - Haveria conseqüências práticas trazidas pela transdisciplinaridade?

Ubiratan D'Ambrosio - Sem dúvida, a ação (conhecimento e comportamento) transdisciplinar permitirá a abordagem de situações nas quais o conhecimento disciplinar é insuficiente e limitado. Na ação transdisciplinar, há sempre uma visão ampla de todas as conseqüências da ação.

IHU On-Line - O senhor acha que é possível aspirar a uma teoria geral do conhecimento, como se propõe a Teoria dos Sistemas de Bertalanffy, por exemplo?

Ubiratan D'Ambrosio - Acredito ser possível recuperar o método holístico que caracterizava o pensamento até a Baixa Idade Média e o Renascimento.

IHU On-Line - Levando em consideração os pilares da transdisciplinaridade (complexidade, níveis de realidade e lógica do terceiro), é possível dizer que a humanidade busca uma nova compreensão de si mesma?

Ubiratan D'Ambrosio - Na minha percepção de transdisciplinaridade, complexidade é um enfoque transdisciplinar, portanto não é pilar, mas é, como a transdisciplinaridade, sustentado por pilares. Eu vejo a transdisciplinaridade como emergindo do reconhecimento da insuficiência da ciência e filosofia modernas, que repousam sobre três pilares: 1) o determinismo newtoniano (leis universais, estabelecendo uma relação de causa-efeito); 2) a lógica clássica (cujo princípio básico é o tertium non datur, critérios para afirmar é ou não é, sim ou não, verdadeiro ou falso); 3) os sistemas formais (validade de proposições sobre objetos fechados em seu universo). A insuficiência dessa ciência moderna reflete-se na fragilidade desses três pilares, conforme

nos mostram 1) a mecânica quântica (um estado físico requer, para sua descrição, variáveis selecionadas com base em uma variedade de observações possíveis - Max Planck¹¹ e a relação entre instinto e consciência repensada - Sigmund Freud¹². Ambas as propostas sugerem percepções de diferentes níveis de realidade e uma nova visão do universo material e do universo psíquico); 2) o intuicionismo¹³ de Brouwer (o

¹¹ **Max Karl Ernst Ludwig Planck** (1858-1947): físico alemão considerado o pai da teoria quântica. Em 1899, descobriu uma nova constante fundamental, chamada em sua homenagem *Constante de Planck*, que é usada, por exemplo, para calcular a energia do fóton. Um ano depois descobriu a lei da radiação térmica, chamada Lei de Planck da Radiação. Esta foi a base da teoria quântica, que surgiu dez anos depois com a colaboração de Albert Einstein e Niels Bohr. De 1905 a 1909, Planck atuou como diretor-chefe da *Deutsche Physikalische Gesellschaft* (Sociedade Alemã de Física). Como conseqüência do nascimento da física quântica, foi premiado em 1918, com o Prêmio Nobel de Física. Após sua morte o instituto KWG passou a chamar-se *Max-Planck-Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften* (MPG, Sociedade Max Planck para o Progresso da Ciência). (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Intuicionismo**: Aborda a matemática de acordo com a atividade mental construtiva dos humanos. Qualquer objeto matemático é considerado um produto da construção de uma mente e, portanto, a existência de um objeto é equivalente à possibilidade de sua construção. Isso contrasta com a abordagem clássica, que afirma que a existência de uma entidade pode ser provada através da refutação da sua não-existência. Para os intuicionistas, isso é inválido; a refutação da não-existência não significa que é possível achar uma prova construtiva da existência. Como tal, intuicionismo é uma variedade de construtivismo matemático, mas não a única. O intuicionismo faz a validade de um enunciado matemático ser equivalente a ele ter sido provado. (Nota da **IHU On-Line**)

tertium non datur não é parte de nossa intuição - Luitzen Brouwer¹⁴, 1905); 3) o teorema de Gödel (a validação de um sistema formal não pode ser feita dentro do próprio sistema - Kurt Gödel¹⁵, 1931). Nesses três novos pilares repousa a transdisciplinaridade.

IHU On-Line - Quais são as conseqüências políticas de uma formação disciplinar que a realidade atual de nosso País está mostrando?

Ubiratan D'Ambrosio - Na sua formação, a elite política e dirigente recebeu o conhecimento limitado pelas epistemologias específicas às disciplinas. Essas elites, nas suas decisões têm se mostrado incapazes de perceber a totalidade das conseqüências das suas ações.

IHU On-Line - Há algum outro aspecto que deseja destacar e que não foi perguntado?

Ubiratan D'Ambrosio - Sim. Uma pergunta freqüente é: Como pôr em prática um enfoque transdisciplinar na educação? É inútil esperar alguma reforma educacional que contemple a transdisciplinaridade. Jamais haverá proposta ministerial nesse sentido. O mais próximo que se conseguiu foi a proposta dos Temas Transversais, que oferecem a possibilidade de um tratamento

transdisciplinar. Infelizmente, essa abertura não está sendo aproveitada no potencial inovador que oferece. O método de trabalho pedagógico adequado para o tratamento dos Temas Transversais é o método de projetos, que é, essencialmente, uma prática transdisciplinar.

¹⁴ **Luitzen Brouwer** (1881-1966): matemático e lógico holandês que se opôs à escola do logicista Bertrand Russell e fundou a escola do intuicionismo do pensamento matemático. Foi um dos fundadores da topologia, e propôs o teorema invariante topológico em 1911. De 1912 a 1955, lecionou Matemática na Universidade de Amsterdã. Seus trabalhos referiam-se à lógica, à topologia, e a fundações da matemática. Entre outras coisas, postulou a lógica sem os princípios do meio excluído. Introduziu o conceito de existência matemática: algo existe tanto que pode ser construído (construtivismo). Contribuiu também na pesquisa sobre topologia. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ **Kurt Gödel** (1906-1978): lógico tcheco, naturalizado norte-americano. Formulou o Teorema da Incompletude, conhecido como *Teorema de Gödel*, por meio do qual demonstrou que não é possível construir uma teoria axiomática dos números que seja completa. (Nota da **IHU On-Line**)

“É preciso uma metodologia que permita integrar a complexidade da vida humana”

Entrevista com Patrick Paul

“Seria preciso formar grupos de pesquisa, grupos de reflexão, procurar pessoas de disciplinas diferentes que possam se reunir, começar a problematizar essas questões em pesquisas, em metodologias e, desse modo, conquistar terreno”, sugere Patrick Paul, doutor em Ciências da Educação pela Universidade François Rabelais, de Tours, França.

Ao analisar a função da Universidade na construção da transdisciplinaridade, o especialista no tema complementa: “Creio que se poderiam visar, como segunda etapa, coisas que seriam muito mais uma interação entre a universidade e a sociedade, porque é preciso situar o cuidado pela procura de metodologias, para poder ter essa reciprocidade entre a universidade e a sociedade”. O professor Patrick Paul integra o comitê diretivo estrangeiro do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que acontecerá entre 6 e 12 de setembro, em Vitória, no Espírito Santo. Sua tese de doutorado intitula-se *Pratiques médicales, formations et transdisciplinarité - contribution à la construction d'un modèle bio-cognitif de formation de la personne*, foi publicada em 2001, na França. Entre sua obra, destacam-se os livros *Formation du Sujet et Transdisciplinarité – Histoire de vie professionnelle et imaginaire*, de 2003, e *Transdisciplinarité et formation*, escrito em parceria com Gaston Pineau, de 2005, ambos publicados na França pela editora L'Harmattan.

Confira, a seguir, a entrevista concedida pelo professor, por telefone, à **IHU On-Line**:

IHU On-Line Como é possível construir um tipo de conhecimento que possa ajudar na compreensão do homem e da sociedade como um todo unificado?

Patrick Paul- A complexidade humana postula que há diferentes níveis de realidade no ser humano, isso significa afirmar que a epistemologia não pode ser monista, como é sancionada atualmente. A epistemologia, ainda hoje, ligada ao monismo materialista, que vê uma só realidade no ser humano, acaba reduzindo-o simplesmente à sua realidade material e biológica. Em todo caso, na minha maneira de abordar a questão, eu voltei, por exemplo, a uma visão bem mais

platônica, com uma dupla realidade do ser humano e do nível de realidade que reúne ou que redefine mais exatamente essas duas dimensões que estão no âmago do ser humano.

IHU On-Line Que consequências traz a transdisciplinaridade para a compreensão do indivíduo?

Patrick Paul- Em termos de atitudes, se procura, no momento, construir um pluralismo. Isso quer dizer que o ser humano está sempre num plural complexo e ligado à noção de caminho como via de transformação no sentido do conhecimento, de modo que há

toda uma diversificação da pessoa. Então, creio que isso se dá através de novas metodologias, por exemplo, atualmente, na França, eu trabalho bastante com a metodologia da história de vida, através da qual podemos tentar refletir sobre o cidadão, sobre sua própria história, sobre a história de outras pessoas, de um grupo ou de uma entidade social. Pode-se tentar fazer emergir um caminho e, em decorrência, as possibilidades de transformação que procuram preencher as particularidades.

IHU On-Line De que maneiras deve acontecer o diálogo entre os diferentes saberes, em vista da crescente compartimentação do conhecimento?

Patrick Paul- Para mim, no trans há, em primeiro lugar, o mistério do ser humano e a caminhada que deve visar a uma mudança epistemológica, fenomenológica, lógica que permite responder a esta questão. A segunda problemática não é filosófica, mas, diria, histórica em termos de disciplinas. Trata-se de toda a emergência de disciplinas sobre conhecimentos que surgiram após o século XIX e, muito mais, sobre a história da ciência, surgindo uma primeira ruptura com a física quântica, que muda completamente de paradigma em relação à visão clássica. Em seguida, há outras emergências que questionam a dimensão das disciplinas e a construção delas no sentido epistemológico. Isso significa que a partir do século XIX, as disciplinas são construídas sob uma visão reducionista. Então, cada disciplina vai procurar definir seu objeto, reduzindo ao máximo as coisas e uma outra disciplina constrói o seu próprio objeto, etc. Atualmente, temos um problema. Uma certa disciplina chega necessariamente a uma certa visão da realidade, mas há zonas indefinidas, porque os objetos definidos pelas disciplinas não podem responder a todas as nossas questões. Aparece, então, uma nova problemática que se exprimiu inicialmente

pela multidisciplinaridade, em seguida pela interdisciplinaridade, e agora pela transdisciplinaridade. E o nó da problemática é que há zonas fluidas e indefinidas nas fronteiras das disciplinas ou entre as disciplinas que não serão precisadas pelas metodologias disciplinares habituais e clássicas. Assim, para mim, a transdisciplinaridade, procura sair das disciplinas, sendo uma maneira de procurar resolver precisamente o que se situa nas fronteiras das disciplinas ou entre elas e que não é legitimamente apreendido pelas metodologias habituais e clássicas. Desse modo, a questão que se faz é como estabelecer pontes, como religar as disciplinas entre si, e como fazer emergir, talvez, a partir daqui, numa mudança de paradigma, uma nova concepção que integre as disciplinas, mas, ao mesmo tempo possa ultrapassá-las, para responder aos seus novos desafios, que estão interligados à complexidade.

IHU On-Line Quais são os aspectos que uma universidade transdisciplinar respeitaria em sua maneira de construir e socializar o conhecimento?

Patrick Paul- Na universidade, o recorte habitual e clássico das disciplinas tem sua razão de ser. Assim, eu não proporia uma revolução universitária, por exemplo. Paralelamente, o recorte das disciplinas é atual, tem seu prestígio extremamente definido e cada vez mais manifesto. Então, se colocam realmente duas questões. A primeira coisa, uma vez que não tenho resposta pronta, seria preciso realmente fazer o que já define a universidade e, em seguida, talvez, formar grupos de pesquisa, grupos de reflexão, procurar pessoas de disciplinas diferentes que possam se reunir, começar a problematizar essas questões em termos de pesquisas, de metodologias e, portanto, de ganhar terreno. Em seguida, à medida que essas dimensões ficassem claras, creio que se poderia visar uma segunda etapa, alguma coisa que seria da

ordem de maior interação entre a universidade e a sociedade, porque é preciso situar o cuidado pela procura de metodologias, para poder ter essa reciprocidade entre a universidade e a sociedade.

***IHU On-Line* Como constituir um conhecimento transdisciplinar que forme pessoas preparadas para responder aos desafios sociais do País?**

Patrick Paul- Para mim, as crises sociais são ao mesmo tempo verdadeiros e falsos problemas. Verdadeiros problemas, porque não se pode construir efetivamente uma sociedade sobre desequilíbrios tais como são gerados, por exemplo, no que se refere à questão do partido de Lula. Conhecemos algo semelhante na França com o Presidente da República atual, há aí problemas idênticos nos partidos políticos. Isso remete a uma questão que se relaciona à natureza humana. Quero dizer que a natureza humana está em busca de poder, em busca de dinheiro, há a violência, o não-respeito pelo outro, há falta de postura ética, por exemplo. O problema atual do Brasil revela um aspecto da natureza humana. Eu trabalho no campo da medicina, da educação da saúde, e os problemas que se referem à sexualidade, à violência, para mim, são do mesmo tipo que aqueles que se vêem nos partidos políticos. Quer dizer que o principal problema atual da sociedade e da universidade é ter uma visão ligada, por exemplo, à consciência... O ser humano é complexo. Na transdisciplinaridade, há uma desordem e uma ordem. Há também

consciente e inconsciente, e este é plural. Então, a violência se encontra no mundo animal, a relação de poder se encontra no mundo animal, etc. Assim, o que vai caracterizar o ser humano é, talvez, a ação de construir no interior de si mesmo. E esta interioridade vai se construir sobre vários níveis de realidade: e deve impor-se o esforço de abrir um caminho, um caminho de transformação interior, que conduzirá, necessariamente e de modo efetivo, ao mesmo tempo, à responsabilidade em face do outro, e à autenticidade em relação a si mesmo. Isso quer dizer que há dimensões éticas que vão aparecer caso se siga realmente este caminho, porém aceitando, e não tanto rejeitando a violência, a sexualidade, o poder, o dinheiro, etc., que é preciso ter metodologias que possam integrar essas complexidades dos comportamentos humanos, em vez de ter um comportamento mais normativo. Atualmente, vivemos em uma sociedade onde há normas. Na medicina, sou médico, isso é muito evidente, mas a gente vê bem que, por exemplo, que a norma política se sobrepõe, sobretudo, por exemplo, em relação ao poder, ao dinheiro. Mas na realidade, é como se pedíssemos para não sermos humanos onde somos humanos. Na realidade, em face desse modelo, que é preciso ter em conta, não significa aceitar tudo, e sim levar em consideração e poder trabalhar com tudo isso, ao invés de rejeitar, compreendendo que cada vez que se confrontam tais dificuldades, se confrontam crises lógicas, crises de consciência, crises de transformação.

A transdisciplinaridade no cooperativismo

Entrevista com José Odelso Schneider

Para o padre jesuíta e professor na Unisinos, José Odelso Schneider, o cooperativismo torna efetiva a transdisciplinaridade. Segundo ele, na entrevista concedida, pessoalmente, à *IHU On-Line*, as cooperativas continuam sendo empresas, mas precisam ter uma “visão mais holística de todo o processo. Dessa forma, é necessário trabalhar com uma visão inter e transdisciplinar”. Schneider é graduado em Filosofia, Sociologia e Teologia, possui mestrado em Ciencia Del Desarrollo, no Chile, e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUGR), com a tese *Democracia, participação e autonomia cooperativa*.

Pesquisador na área do cooperativismo e professor de diversas disciplinas ligadas ao tema no curso de Pós-graduação em Cooperativismo da Unisinos, Schneider escreveu *A educação cooperativa e suas práticas*. São Leopoldo: Unisinos, 2003; *Democracia, participação e autonomia cooperativa*. 2 ed. São Leopoldo: Unisinos, 1999; *Democracia, participación y autonomia em cooperativas agrarias de Rio Grande do Sul. Brasil*. Roma: FAO, 1994.

IHU On-Line Como o cooperativismo e a transdisciplinaridade se encontram na teoria?

Odelso Schneider- O objetivo da cooperativa deve ser o bem-estar, uma melhor renda e uma produção cada vez mais qualificada em produtos ou serviços. As cooperativas são formas de organização com dupla dimensão: social e econômica. Na dimensão social, é constituída por uma “associação de pessoas”, que lançam mão de uma empresa para a prestação de serviços, satisfazendo as suas necessidades. Na sua dimensão, social as cooperativas, pela cooperação, pela auto-ajuda reforçada pela ajuda mútua, buscam a realização plena das pessoas e, para isso, devem seguir uma lógica e racionalidade social. Busca-se um tipo de eficiência que eu chamaria de eficiência social. Tal objetivo, porém, não deve estar dissociado, durante todo o processo, da dimensão de empresa, que é um meio para prestar serviços aos associados, satisfazendo

suas carências e necessidades, e, para tanto, deve ater-se estritamente a uma racionalidade econômica. Neste tipo de empresa, porém, o foco não é a busca do lucro e a concentração de capital, e sim prestar, cada vez mais, melhores serviços a essa associação de pessoas e, indiretamente, a toda a comunidade, à luz de determinados valores, princípios e normas que enfatizam a solidariedade e o protagonismo comunitário. Se dermos ênfase à associação de pessoas em detrimento da empresa, essas pessoas não conseguirão realizar, de forma satisfatória, suas necessidades no mercado competitivo e individualista no qual vivemos. Por outro lado, se a cooperativa enfatizar demais a dimensão empresa, e quiser torná-la apenas um bom negócio, pondo toda a ênfase nos negócios, e não nas pessoas, ela fugirá do seu sentido central de ser uma empresa cooperativa. Por isso, no trato e na análise das ações cooperativas requer-se uma permanente preocupação holística, integral dos diversos

ramos do conhecimento, colocando-se numa perspectiva de inter e/ou transdisciplinaridade. Nessa ótica, a economia não apenas enfoca os aspectos econômicos, mas também os sociais, buscando o equilíbrio, entre as duas perspectivas, embora um equilíbrio freqüentemente tenso e conflitivo. Nos Cursos de Especialização em Cooperativismo, os Seminários de Integração de Conteúdos procuram ter presentes a visão integral e o enfoque transdisciplinar.

IHU On-Line Como o senhor percebe, na prática, os aspectos transdisciplinares do cooperativismo?

Odelso Schneider- A prática cooperativa geralmente é bastante contraditória. Há cooperativas que mais ou menos se aproximam do equilíbrio que deve haver entre o social e o econômico, entre a dimensão humana e a técnico-profissional, colocando a ênfase nas pessoas, e não nos negócios. Entretanto, nelas a racionalidade econômica e a busca da eficiência empresarial são meios indispensáveis para a realização dos objetivos, das metas e das aspirações das pessoas. Por outro lado, há cooperativas que são apenas empresas, que enfatizam o negócio, e nada enfatizam as pessoas. Aceitam de forma acrítica todas as prioridades e máximas de organização difundidas hoje pelo capitalismo neoliberal, concorrendo e competindo no mercado com as mesmas regras de jogo, com a mesma virulência das empresas concorrentes. Predomina nelas apenas a preocupação por uma boa gestão empresarial e o desafio de tentar sobreviver num mercado extremamente competitivo e exigente. Um terceiro grupo de cooperativas situa-se a meio do caminho de uma boa proposta de organização cooperativa.

IHU On-Line Há alguma experiência que o senhor queira destacar?

Odelso Schneider- É sempre perigoso apontar modelos de organização cooperativa.

Hoje o podem ser, e amanhã, por várias razões, já não mais. Mas, pensando em termos de cooperativas que funcionam razoavelmente como tais, podemos, por exemplo, apontar, na área do cooperativismo de trabalho, a Cootravipa¹⁶. Na área rural, temos a cooperativa Piá¹⁷, de Nova Petrópolis (RS), ou a cooperativa Ouro do Sul¹⁸. São pequenas ou médias cooperativas, dimensionadas para acompanhar, fortalecer e viabilizar a micro e pequena propriedade rural. Por outro lado, temos cooperativas que já foram boas e que hoje estão passando por várias crises, como a Cotrel¹⁹, que também é uma cooperativa de micro e pequenas propriedades rurais, que, por ser cooperativa, deu a eles condições de viabilidade econômica e social, permitindo que continuem na atividade primária. Hoje esta Cooperativa está passando por problemas, mas há um esforço para reerguê-la novamente. Finalizando, acredito que poderíamos ter mais cooperativas preocupadas com a

¹⁶ Cootravipa: Cooperativa de Trabalho, Produção e Comercialização dos Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre Ltda. Foi fundada em julho de 1984. Atualmente, o número de associados chega a 2.500 pessoas. Para mais informações, consulte o site www.cootravipa.com.br. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ Cooperativa PIA: Cooperativa Agropecuária Petrópolis Ltda, fundada em 1967. Tem hoje 8.200 sócios. Industrializa cerca de 230 mil litros de leite diariamente. É a primeira indústria de laticínios a introduzir a coleta individual do leite e a única a utilizar filtragem descartável, garantindo, com isso, um processo rigoroso de seleção de matéria-prima. Atua em 45 municípios da região serrana, e a comercialização de seus produtos concentra-se nos três estados do Sul. Para mais informações, consulte o site www.pia.com.br. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ Ouro do Sul: Cooperativa dos Suinocultores do Cai Superior Ltda, sediada no município de Harmonia, RS. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁹ Cotrel: Cooperativa Triticola Erechim Ltda. Foi fundada em 25 de setembro de 1957 para suprir as necessidades que os produtores rurais tinham para armazenar e comercializar seus produtos, sobretudo o trigo. Hoje atua em 39 municípios da região norte do RS e possui 13.400 associados. Para mais informações, consulte o site www.cotrel.com.br. (Nota da **IHU On-Line**)

viabilização do micro e pequeno produtor, do micro e pequeno prestador de serviços, do desempregado, hoje cada vez mais numeroso, e que pode encontrar trabalho e renda por meio de uma cooperativa de trabalho. Esse

poderá ser um canal importante para atender às necessidades de viabilidade econômica e social dos muitos excluídos da sociedade de hoje.

Brasil em foco

Olhares sobre a crise política brasileira

“Não acredito na refundação do PT”

Entrevista com Jorge Eduardo Durão

O diretor-geral da Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais (Abong) e diretor executivo da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), Jorge Eduardo Durão, avisa, em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, que não votaria em Lula, caso ele concorresse à reeleição. Também não votaria em seus concorrentes do PSDB ou do PFL. “Se eu me pautar pelas alternativas apresentadas pelas pesquisas do Ibope, me sinto sem alternativas”, afirma o advogado pós-graduado em Antropologia Social. Durão não poupa críticas à postura do Partido dos Trabalhadores (PT) e declara: “O PT se entregou de pés e mãos atados à política de cunho neoliberal”. Publicamos o artigo *Contradições e dilemas da sociedade civil*, de autoria de Jorge Eduardo Durão, no site www.unisinos.br/ihu, no dia 18 de agosto de 2005.

IHU On-Line – O presidente interino do PT, Tarso Genro, declarou na semana passada que não saberia quais argumentos poderia usar para que alguém votasse no partido. O senhor concorda que a crise seja tão grave assim?

Jorge Eduardo Durão – Tenho dificuldade para encontrar argumentos para votar em qualquer um dos partidos políticos brasileiros. Se nós examinamos os esquemas de corrupção que vêm sendo apurados pelo Congresso Nacional, vemos que não são novos e que alguns partidos maiores parecem ter usado esses esquemas para controlar os partidos menos importantes. Esses partidos assumem uma postura quase que de legendas de aluguel. Não é só isso. Para mim, essa crise política não é a questão central. A

questão central, no caso do PT, que não permite o encontro de argumentos para defender o voto no partido, é que houve um abandono de quase todos os seus compromissos históricos. O PT se entregou de pés e mãos atados à política de cunho neoliberal.

IHU On-Line – O que o senhor acha de o presidente do partido fazer esse tipo de afirmação?

Jorge Eduardo Durão – A afirmação sinaliza que Tarso Genro está condicionando a continuidade de sua relação com o PT. Quando ele diz, nas circunstâncias atuais, “não sei como defender o voto no PT”, quer dizer que para fazer isso futuramente, terá de haver uma mudança em profundidade,

chamada de refundação. Por outro lado, deixa implícito que admite a hipótese de um eventual afastamento dele do partido.

IHU On-Line – O senhor acredita que ele se afastaria?

Jorge Eduardo Durão – Dependendo do resultado do processo de renovação da direção do PT, ele pode ficar numa posição no partido que comprometa a sua sobrevivência política. Se o que ocorrer for um fiasco do ponto de vista dessa hipótese, se não houver renovação ou ruptura que aos olhos da opinião pública apareça como refundação, ele ficará numa posição muito difícil de sustentar. Não quer dizer que eu, pessoalmente, acredite na possibilidade desta refundação. Estou falando do ponto de vista dele e de uma coerência que eu suponho que ele terá.

IHU On-Line – No que o senhor acredita?

Jorge Eduardo Durão - A dificuldade desta refundação está no fato de que se isso significa que o PT volte aos valores e compromissos políticos que o caracterizaram ao longo de mais de duas décadas, significa também romper com a opção política feita pelo governo Lula. O Presidente Lula tem reiterado seu compromisso com a política do ministro Palocci e tudo que essa postura significa. Também não aposto que a maioria do PT leve essa revisão a esse grau de radicalismo. Logo, não acredito na refundação do PT. Acredito que as hipóteses mais prováveis sejam uma mudança mais cosmética e até uma cisão do partido. Isso já está sendo discutido abertamente por deputados da esquerda do PT como o senador Cristovam Buarque e outras pessoas importantes.

IHU On-Line – O PT desapareceria nessa cisão?

Jorge Eduardo Durão - Não acredito que o PT vá desaparecer. Mesmo na política que é

conduzida pelo atual campo majoritário, existe uma base de sustentação social. Até o presente momento, a política tem garantido uma aparente estabilidade. Não sei dizer se tem alguma solidez, mas tem beneficiado, por meio do bolsa-família, uma parcela não insignificante da população, por exemplo. Essa política continua com o apoio de segmentos importantes dos movimentos sociais, apesar da contradição destes movimentos combaterem a política econômica.

IHU On-Line – O que o senhor entende por “mudança cosmética” do PT?

Jorge Eduardo Durão – Maior afastamento possível e indolor do antigo núcleo dirigente. Mas não sei em que termos isso poderia ser negociado e apresentado para a opinião pública sem uma revisão a fundo do que significou a trajetória do PT no governo Lula. Inclui uma avaliação da relação de subordinação do PT ao governo.

IHU On-Line – O senhor acha que o Presidente Lula concorrerá à reeleição? O senhor votaria nele?

Jorge Eduardo Durão - Não sei se ele vai se candidatar à reeleição. No momento, ainda parece provável que vá. A não ser que houvesse uma verdadeira revolução no atual cenário político, não votaria nem em Lula e, obviamente, em nenhum dos seus opositores do PSDB e do PFL. Se eu me pautar pelas alternativas apresentadas pelas pesquisas do Ibope, me sinto sem alternativas.

IHU On-Line – Qual deve ser a postura das ONGs ante a crise política?

Jorge Eduardo Durão - A responsabilidade maior das ONGs e das direções dos movimentos sociais é contribuir para que aquilo que procuramos construir ao longo de décadas, em termos de uma sociedade civil autônoma, não-subordinada ao Estado e comprometida com valores e propostas de

transformação social, não se perca nessa avalanche política. Nosso papel principal é o de minimizar o desastre político e ideológico que essa situação atual representa.

IHU On-Line – Como o senhor vê a posição da mídia em relação à crise?

Jorge Eduardo Durão - A ação não pode ser simplificada. Por um lado, há várias ações da mídia que são relevantes para contribuir para a apuração de todas as denúncias. Como ouvi em um debate, o ritmo da crise contribui para certos comportamentos irresponsáveis da mídia. A maneira como O *Estado de S. Paulo* noticiou o pagamento que a Abong recebeu da agência SMP&B foi desonesto. Disseram que havia sido um depósito em meu nome. No dia seguinte, deram nossa nota de explicação, mas não desmentiram com clareza

o que disseram antes. Há um limite para o jornalismo investigativo, que é a séria apuração do que vai ser dito na mídia.

Denúncias infundadas contra pessoas inocentes é uma violação dos direitos humanos.

IHU On-Line – O senhor declarou, na época da matéria publicada no *Estado de S. Paulo*, que pensava em processar o jornal. O senhor está fazendo isso?

Jorge Eduardo Durão - Não estou processando porque a ambigüidade na maneira como procederam, segundo avaliação dos advogados que consultei, tornaria a ação muito difícil. Isso mostra um poder imenso. Você diz algo de maneira ambígua, mas que a maioria das pessoas entende de uma maneira, e depois não desmente.

“A mídia de massa está fazendo campanha para o enfraquecimento do governo”

Entrevista com Ilse Scherer-Warren

A professora Ilse Scherer-Warren, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, contribui com sua análise sobre a conturbada conjuntura nacional, em entrevista concedida pessoalmente à revista *IHU On-Line*. A professora esteve visitando a Unisinos e o Instituto Humanitas Unisinos durante sua participação no VII Corredor das Idéias do Cone Sul, que aconteceu de 17 a 19 de agosto, ocasião em que integrou a mesa-redonda *Identidade/Integração Cone Sul*. Ilse é graduada em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela UFRGS. É também doutora em Sociologia pela Université de Paris X (Paris-Nanterre), da França, e pós-doutora pela University of London, da Inglaterra. A professora é autora de vários livros, entre os quais citamos: *Cidadania Sem Fronteiras: Ações Coletivas Na Era da Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999 e *Redes de movimentos sociais*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

IHU On-Line - Era previsível uma crise assim desde que Lula começou a fazer suas alianças eleitorais, antes da eleição?

Ilse Scherer – O PT tinha uma proposta definida em uma certa direção, e as alianças que vieram compor o governo não se juntaram a essa proposta, mas buscaram

instrumentalmente ocupar uma parte do poder. Por isso, essa aliança se tornou bem complicada. Devemos nos perguntar o porquê de uma crise nesse momento. É claro que houve fatos que proporcionaram o desencadeamento da crise, e não podemos negá-los. Mas a forma como a crise se desenvolveu, o uso político que foi feito desses fatos e a intensidade da crise em termos políticos está muito vinculada a um certo oportunismo das oposições, a, praticamente, um ano das eleições, para fazer de tudo com o desejo de destituir o governo que aí está ou, pelo menos, desgastá-lo.

***IHU On-Line* – Quais os principais fatores que levaram à crise atual?**

Ilse Scherer – Poderíamos falar em dois fatores, ou de dois lados da moeda, que não estão aparecendo na imprensa. A mídia mostra só um lado da moeda e, assim mesmo, não o coloca em suas raízes, já que a imprensa é muito parcial e estimula a crise. Um lado da moeda é a necessidade de mudança no próprio sistema político e no sistema político eleitoral. O outro lado da moeda da crise é que as CPIs mostram que não há tanto interesse para resolver o problema estrutural brasileiro. O que há é demagogia e hipocrisia, pois está se fazendo uso político do que está acontecendo, com a intenção de desestabilizar o atual governo. Estamos vivendo uma situação de relativa instabilidade institucional no Brasil, mas existem muitos problemas subjacentes a essa institucionalidade. Algumas questões são estruturais e têm muita coisa a ser arrumada. Podemos dizer que em todo o sistema estatal institucional brasileiro o caixa 2 é uma prática comum. Isso porque, se o caixa 2 não for feito, muitas vezes, não é possível desenvolver os projetos dentro de uma instituição. O dinheiro, às vezes, é tão ligado a algumas siglas, e as formas de financiamento são tão morosas, que é preciso usar de alguns artifícios para poder desenvolver o trabalho cotidiano institucional.

Não reconhecer esse problema e não saber que todo mundo faz caixa 2 para poder sobreviver, é um pouco de hipocrisia. E a mídia está tratando isso como se fosse a coisa mais recente no Brasil, que surgiu só agora. Outro problema que está vinculado a esse é o exagero de custo das campanhas e o lado positivo dessa crise é a possibilidade de haver alguns saneamentos nesse custo. É um absurdo a quantidade de dinheiro que se gasta em campanha eleitoral em um país com tantas necessidades como o Brasil. O controle desses gastos também favorece a própria democratização das eleições, pois as pesquisas mostram que quem tem condições de fazer uma campanha eleitoral e de se reeleger normalmente são as pessoas ricas.

***IHU On-Line* - Quais os pontos mais fracos da forma de viver a democracia no Brasil que permitiu chegar à situação que hoje vivemos?**

Ilse Scherer – Um dos pontos fracos da democracia no País está vinculado, ainda, a situações institucionais, que, às vezes, nem sempre estão adaptadas da melhor forma para que a democracia seja estendida a toda a sociedade. Um dos maiores problemas são as próprias leis que não são as mais adequadas para a institucionalidade da democracia. Outro problema é a questão do sistema representativo, em que vemos uma distância muito grande entre a participação da sociedade civil organizada e o governo, que se coloca como representante da sociedade, mas que, normalmente depois de eleito, não tem mais nenhum tipo de relação com essa sociedade que o elegeu.

***IHU On-Line* - Qual deveria ser o papel da sociedade civil, que também está dividida, neste momento?**

Ilse Scherer – A sociedade civil está tentando se mobilizar, solicitando a apuração dos fatos e a punição dos culpados. Isso é unânime. Por um lado, temos um grupo que

está vindo mais do lado dos movimentos sociais, que percebe um jogo político por detrás da crise e está dizendo não a isso. E de outro lado, tem uma parte da sociedade civil que vem mais da linha de alguns sindicatos e também de alguns partidos da esquerda mais radical, que está contestando o governo de forma um pouco mais dura. E essa crítica também é vista como uma forma de crescer como esquerda.

IHU On-Line – Como a senhora vê que a crise repercute no cidadão comum, que recebe uma quantidade tão grande de informações? Como isso vai refletir futuramente na questão da democracia?

Ilse Scherer – O cidadão comum é muito influenciado pela grande mídia, que é muito parcial. Ela está fazendo a campanha com as oposições para o enfraquecimento do atual governo. Os movimentos sociais, a sociedade civil organizada, ou até mesmo cidadãos mais politizados da sociedade civil, têm outro tipo de mídia, muito diferente, que é a mídia alternativa da Internet. Ali circulam debates, pontos de vista críticos, em que há muito mais possibilidades de ver o pluralismo das idéias, para que cada um faça a sua própria análise. Essa parte da sociedade está fazendo uma avaliação crítica da situação sistêmica da corrupção, mas, ao mesmo tempo, fazem a crítica do jogo político que está por trás da crise, do uso que está sendo feito disso, e da própria mídia de massa. A grande massa da população fica um pouco atônita com isso. Os reflexos estão na queda do índice de popularidade do governo.

IHU On-Line - O que vai acontecer com o PT nos próximos meses?

Ilse Scherer – Enfraquecimento já houve e ainda vai continuar por algum tempo. Se as apurações não avançarem muito mais do que já foi visto até o momento, o PT continuaria sua trajetória. Mas vai ser difícil recuperar

tudo o que já foi manchado na figura do partido. De qualquer maneira, houve uma perda considerável.

IHU On-Line - Que proposta deveria ganhar a presidência do PT para devolver a credibilidade ao partido?

Ilse Scherer – Deixo claro que não tenho e nunca tive partido político. Como intelectual tenho que fazer a crítica de todos os lados. O PT, historicamente, sempre teve uma proposta muito mais voltada para o social. Hoje, poderíamos fazer alguma crítica em relação às práticas mais atuais do PT. As pessoas dizem: “se esperava que os outros partidos fizessem, mas que o PT não fosse fazer a mesma coisa”. Nem os outros podem fazer! Nem o PT, nem os outros! As características de um projeto para a presidência do PT, se o PT quiser continuar avançando na sua proposta histórica de partido, seriam a preocupação em ficar muito atento aos processos de radicalização da democracia no interior do próprio partido, na sua relação com a sociedade, e não abandonar a sua proposta de prioridade social. Com isso o partido avançaria. Nesse sentido, o Tarso Genro é uma figura importante para dar continuidade à proposta nessa direção.

IHU On-Line - Que caminhos a senhora apontaria para sair desta crise?

Ilse Scherer – O que falta no Brasil são políticos estadistas, que colocam a nação e o projeto de nação à frente das disputas meramente eleitorais. A maioria quer o poder pelo poder. A minha esperança é que, se, de fato, o que há de errado já foi colocado na esfera pública, aos poucos, a situação vá se normalizando e as pessoas consigam fazer seu próprio julgamento. Eu gostaria de ver a sociedade civil, tendo mais discernimento nesse processo, não se deixando manobrar pelos interesses políticos e pela mídia.

destaques da semana

teologia pública pg. XX

livro da semana pg. XX

entrevista da semana pg. XX

filme da semana pg. XX

deu nos jornais pg. XX

frases da semana pg. XX

Bento XVI à luz de Agostinho, Boaventura e Tomás

Joseph M. Komonchak, docente de Estudos Religiosos na Universidade Católica da América, em Washington, é o autor do artigo que segue, publicado na revista progressista estadunidense *Commonwealth*, em 3 de junho de 2005, tendo como título original *The church in crisis. Pope Benedict's theological vision*. A versão traduzida foi publicada na **Revista Adista**, n. 50, ano XXXIX, suplemento número 5829, de 2 de julho de 2005. Os subtítulos são nossos.

O teólogo Ratzinger e o ano 1968

Nos artigos sobre o Papa Bento XVI, muito se disse sobre sua experiência como estudante na Universidade de Tübingen, em 1968. Muitos consideram aquela experiência como a melhor prova da aparente virada intelectual que transformou o jovem teólogo progressista do Concílio Vaticano II no campeão da reação conservadora em teologia e em política eclesial. Há algo de verdadeiro nisso, e Joseph Ratzinger não foi o único intelectual europeu que foi profundamente tocado pelos excessos da extrema esquerda da época (todos nós conhecemos a definição de neoconservador: um progressista que foi seduzido).

Mas, dar demasiado realce àquela experiência de Tübingen poderia levar a diminuir a mais profunda continuidade da proposta e da visão teológica fundamental do novo Papa. Em seus primeiros estudos no seminário e na Universidade, Ratzinger se beneficiou amplamente da renovação da teologia e da prática pastoral iniciada antes da Segunda Guerra Mundial e que floresceu em fins dos anos 1940 e nos anos 1950. Ele

compartilhava da idéia de que a teologia escolástica “não era mais um instrumento para orientar a fé na discussão contemporânea”, que a teologia devia encontrar uma nova linguagem, uma nova abertura. Já não podia mais bastar a “teologia encíclica”, havia necessidade de espaço para respirar. Ratzinger havia descrito o “sentimento de uma mudança radical” em geral, quando estava cumprindo os seus estudos teológicos, “o sentido de uma teologia que tivesse a coragem de levantar novas interrogações e uma espiritualidade que se desembaraçasse do que havia de poeirento e obsoleto e que conduzisse a uma nova alegria na redenção. O dogma era considerado não como um elemento externo que limitasse a liberdade, mas como fonte viva que tornava possível pôr em primeiro lugar o conhecimento da verdade. A Igreja nasceu para nós, sobretudo na liturgia e na grande riqueza da tradição teológica”.

Scientia e Sapientia, **segundo Agostinho e Boaventura**

O mal-estar com respeito à neo-escolástica levou Ratzinger até a resistir à ênfase quase exclusiva do pensamento de S. Tomás de Aquino²⁰. A “lógica cristalina” deste último era para ele “demasiado fechada em si mesma, demasiado impessoal e pré-confeccionada”.

Ele preferia, em amplos termos, o personalismo de Agostinho em toda a sua paixão e profundidade. A dissertação do seu doutorado foi sobre a eclesiologia de Santo Agostinho. O grande santo teria continuado a exercer amplamente a máxima influência sobre seu pensamento, e não na distinção entre sapiência (*sapientia*) e conhecimento (*scientia*) e sobre a humildade como caminho necessário para a verdade. Sua tese de habilitação, sua segunda dissertação para tornar-se professor titular na Universidade, foi dedicada a um tema medieval, uma vez mais evitando Tomás e escolhendo para estudar a noção de revelação em São Boaventura²¹, grande representante do neo-

²⁰ Tomás de Aquino (1227-1274): frade dominicano e teólogo italiano, considerado santo pela Igreja. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Seus interesses não se restringiam à religião e filosofia, mas também à alquimia, tendo publicado uma importante obra alquímica chamada *Aurora Consurgens*. Sua obra mais famosa e importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ São Boaventura (1221-1274): bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambos carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon,

agostinismo. Quando o seu trabalho foi criticado por um professor pelo fato mesmo de ocupar-se com uma noção modernista e subjetivista da revelação, Ratzinger extraiu uma parte, publicando-a como *A teologia da história segundo S. Boaventura*.

Tomás de Aquino e Boaventura

O último capítulo desta obra ajuda a compreender a aproximação básica de Ratzinger à situação da fé no mundo moderno. Ele mesmo estabeleceu uma analogia entre a atmosfera pós-conciliar de fins dos anos 1960 e os anos turbulentos em meados do século treze, quando a tradução das obras de Aristóteles e dos seus comentadores árabes ameaçava a estrutura da teologia tradicional. Na resposta de Tomás à crise intelectual, começou a emergir uma distinção entre teologia e filosofia e, junto a esta última, as ciências naturais: distinção que compreende, obviamente, uma certa autonomia para estas outras disciplinas. Ratzinger mostra como Boaventura se tivesse enfileirado contra esta evolução e tivesse continuado a insistir na unidade da sapiência cristã, para a qual Cristo era o fulcro de todo o conhecimento. “Somente a fé”, escreveu Boaventura, “divide a luz das trevas”. Boaventura acabou num antiaristotelismo, que se aproximou de um antiintelectualismo e esteve entre aqueles que solicitaram às autoridades eclesiásticas no sentido de intervirem e censurarem as posições tomistas. Com estas primeiras influências intelectuais, Ratzinger se colocou no interior de uma ampla corrente de renovação teológica, aquela que incluía figuras como Henri de Lubac e

desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da igreja e canonizado em 1482. (Nota da *IHU On-Line*)

Jean Danielou, grandes defensores do retorno às fontes (*ressourcement*). Ele demonstrou pouco interesse por uma outra corrente (representada por figuras como Marie-Dominique Chenu²², Bernard Lonergan²³, Karl Rahner²⁴ e Edward Schillebeeckx²⁵), a

²² Marie-Dominique Chenu (1895-1990): teólogo dominicano francês. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Bernard Lonergan (1904-1984): teólogo jesuíta canadense, provavelmente o pensador mais significativo do século XX, pela ampliação dos domínios investigados, pelos resultados obtidos no campo da teologia, da filosofia (teoria do conhecimento e metodologias de vários domínios do conhecimento) e da teoria geral da economia. Entrou para a Companhia de Jesus em 9 julho de 1922. Estudou filosofia escolástica no Colégio de Heythrop na Inglaterra e teologia na Universidade Gregoriana de Roma, onde obteve o doutoramento em 1940. Na mesma Universidade, lecionou Teologia Dogmática. A partir de 1965, por causa de uma grave operação cirúrgica, deixou de ensinar em Roma e permaneceu no Boston College, em Massachusetts até 1983, publicando, além de outros escritos, o *Método na Teologia*, em 1972, e dando cursos curtos nos Estados Unidos e no Canadá. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II. Foi professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio deste ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de K. Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre K. Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os Cadernos Teologia Pública publicaram o artigo Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner,

qual, inspirada por Tomás, propunha e tentava um empenho positivo com os modernos movimentos intelectuais e culturais.

Ratzinger no Concílio Vaticano II

No Concílio Vaticano II, representantes de ambas as orientações contribuíram na produção do *golpe de Igreja* que orientou o Concílio numa direção bastante diversa daquela expressa nos esquemas propostos pela cúria à atenção dos bispos. Com apenas trinta e cinco anos, quando foi aberto o Concílio, Ratzinger era consultor teológico do cardeal Joseph Frings, arcebispo de Colônia. Ratzinger descreveu os textos preparados como um reflexo da “neurose antimodernista” que fizera uma contradistinação na resposta da Igreja aos desafios intelectuais e culturais do século precedente; foi ele que escreveu o discurso, o qual o cardeal Frings iniciou com um claro e firme *non placet*, refutando um texto sobre a revelação. Nos encontros entre bispos alemães e franceses, Ratzinger se uniu a teólogos do calibre de Yves Congar²⁶, Danielou²⁷, de

de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Edward Schillebeeckx (1914), teólogo holandês, frei dominicano, é considerado um dos mais importantes peritos oficiais do Vaticano II e um dos mais importantes teólogos do século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ Yves Marie-Joseph Congar (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria *Memória* da edição 150, de 8 de agosto de 2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22 de junho de 1995. Também dedicamos a editoria *Memória* da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar (Nota da *IHU On-Line*).

Lubac²⁸, Rahner e Schillebeeckx, visando remover da agenda os textos doutrinários preparatórios, e, com Rahner, preparou um texto com o qual o grupo esperava poder substituí-los.

Elogiou com grande entusiasmo as decisões tomadas durante a primeira sessão do Concílio, como uma reviravolta “epocal” em seu gênero, que tornava possível um “novo início”.

A questão levantada por este novo início, obviamente, era: “E agora?”. De que forma o Concílio teria apresentado e interpretado a Palavra de Deus em seu tempo? As três sessões sucessivas do Concílio foram dedicadas a responder à pergunta, e os dezesseis documentos do Vaticano II são o seu fruto. Ratzinger trabalhou de perto os textos sobre a Igreja, sobre a Revelação divina, sobre as missões e sobre a Igreja no mundo moderno, temas sobre os quais publicou também eruditos ensaios nas revistas teológicas. Ele colaborou no conselho dos consultores da nova revista progressista *Concilium* e contribuiu para seu primeiro volume com um importante ensaio sobre a colegialidade.

Sobre os principais textos doutrinários os teólogos progressistas se mantiveram unidos, mas logo que o Concílio passou ao texto referente à Igreja no mundo moderno (*Gaudium et Spes*²⁹), as divisões entre eles se

tornaram cada vez mais evidentes. O texto foi inspirado, em grande parte, por Chenu e seguiu uma impostação na perspectiva da encarnação, procurando, nos movimentos sociais e culturais contemporâneos, os sinais de uma aspiração ao espiritual, aos quais a Igreja pudesse dirigir a sua mensagem sobre Cristo. Chenu chamou estas aspirações de *pierres d'attente* [pedras de espera, pedras que são depositadas nos lados de um muro para poderem, eventualmente, continuar a construção]. Defendeu fortemente o método de ler os “sinais dos tempos” e de responder, acima de tudo, com um diálogo respeitoso ao outro. Era uma extensão da concepção basilar tomista sobre a relação entre natureza e graça, no âmbito social e histórico.

Da Introdução ao Cristianismo (1968) até o papado

Joseph Ratzinger estava entre os teólogos alemães que criticavam este esboço, porque não considerava o pecado no mundo, porque confundia o natural e o sobrenatural, e por sua imprecisa concepção de “mundo” e de “Igreja”. A sua descrição da situação contemporânea oferecia pouco mais do que lugares comuns sociológicos, nos quais as referências a Cristo e à sua obra pareciam ser acrescentadas quase como se se tratasse de uma justaposição embaraçada. O texto, afirmou, era indulgente “à ficção de que é possível realizar uma imagem racional e

(voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Jean Danielou: jesuíta francês, que, com os dominicanos Chenu e Congar e os jesuítas Henri De Lubac e Karl Rahner, entre outros, foi um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II. (Nota da *IHU On-Line*).

²⁸ Henri de Lubac (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ *Gaudium et Spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora”

filosófica de homem, compreensível a todos e sobre a qual todas as pessoas de boa vontade podem estar de acordo, enquanto as verdadeiras doutrinas cristãs são justapostas a isso como uma espécie de coroação conclusiva”. Teria preferido que o texto tomasse as diretrizes “do verdadeiro Credo cristão que, precisamente enquanto profissão de fé pode e deve exprimir a sua inteligibilidade e racionalidade”. O diálogo estava sendo substituído pela proclamação da fé. A distinção agostiniana entre conhecimento e sapiência teria oferecido uma epistemologia mais profunda do que a de Tomás, e uma ênfase maior sobre a cruz como necessário ponto de contradição entre Igreja e mundo teria permitido ao Concílio evitar uma linguagem e conceitos semipelagianos. Enquanto algumas das preocupações dos alemães foram aplainadas durante a revisão do texto, o último comentário de Ratzinger sobre os primeiros parágrafos da *Gaudium et Spes* revelam que ele continuava a pensar que as suas principais críticas ainda fossem justificadas.

O debate ocorrido no Concílio, pouco notado na época, revela os pontos nos quais Ratzinger se afastava dos representantes da aproximação tomista (não obstante os numerosos pontos sobre os quais Karl Rahner e ele podiam estar de acordo – liturgia, exegese bíblica, etc. – Ratzinger dizia: “Rahner e eu vivíamos sobre dois planetas teológicos diferentes”). E, a partir do Ratzinger da *Introdução ao Cristianismo* (1968) até o Ratzinger da homilia pronunciada por ocasião da entronização como Papa Bento XVI, veio à luz uma aproximação distinta e coerente. Tento fazer uma síntese.

A teologia do pós-Vaticano II

A Igreja vive hoje num Estado de crise intelectual ou cultural. Outrora, a teologia

podia fundamentar a articulação da visão cristã sobre uma herança intelectual comum. A tradição filosófica tinha como centro de interesse a realidade e a busca da verdade. Na sua ligação com a fé cristã, ela consentia à teologia penetrar nas profundezas da realidade e, em definitivo, reconhecer a verdade das coisas em sua emergência das mãos de um Criador inteligente e amoroso. Mas, a teologia não pode mais dar por descontada aquela herança intelectual e cultural comum. Através de várias passagens, a filosofia abandonou a orientação ontológica e metafísica que outrora a caracterizava. Sofreu o fascínio da fenomenologia e, da emergência das ciências naturais, retirou um interesse positivista pelos fatos como eles aparecem; pôs agora o seu fundamento não na realidade das coisas, mas na reflexão sobre a compreensão humana. O nascimento da compreensão histórica deslocou a atenção da realidade, do modo como tinha ela sido criada por Deus, à realidade no modo como ela foi construída pelos seres humanos. Com Marx, a atenção se deslocou da tentativa de compreender o mundo, assim criado, àquela de modificá-lo; “Verdade” se refere agora não à realidade dada, nem àquilo que foi feito, mas àquilo que resta por fazer. Por meio de todos estes processos, a filosofia se dissolveu numa multiplicidade de filosofias.

A tragédia da teologia do pós-Vaticano II é que, após ter destronado a obsoleta visão neo-escolástica, ela se voltou, não à antiga sapiência expressa pelos padres da Igreja e pelos doutores medievais, mas a várias formas de filosofia moderna. Perdeu, portanto, a sua distância crítica e se tornou subordinada a várias formas de positivismo, ligando-se, em particular, a outras visões do futuro, quer seja aquela que os liberais esperam da tecnologia, quer seja aquela que os marxistas esperam da revolução política e econômica.

Os resultados desta escolha desastrosa estão todos em torno de nós, numa Igreja que se mimetizou com os mundos que a

circundavam e perdeu o seu sentido de identidade e missão, num mundo no qual o triunfo do positivismo levou a uma dissolução e alienação cada vez maiores.

A visão teológica de Boaventura

A única resposta que nos pode salvar desta escravidão para com as nossas próprias obras, é a apresentação da mensagem cristã como única força verdadeiramente libertadora. A teologia não pode contar com nenhuma ajuda por parte da filosofia contemporânea ou das ciências humanas e naturais. Nos escritos de Ratzinger há bem poucas referências positivas aos desenvolvimentos intelectuais fora da Igreja: elas aparecem quase sempre como antitéticas com respeito ao que é especificamente cristão. Não há *pierres d'attente*, culturais ou sociais. Ao contrário, dicotomias, contrastes entre as noções cristãs de verdade, liberdade, natureza e aquelas outras correntes na cultura ocidental. A fé deve ser apresentada como contracultural, como apelo ao não-conformismo. Ela pode apelar ao difuso senso de desilusão nos confrontos daquilo que a modernidade prometeu, mas não teve condições de dar. Fará apelo, apresentando a visão cristã em sua sintética totalidade, como estrutura global de significado que, quase sobre cada ponto, rompe com os comportamentos assimilados, as estratégias e os hábitos da cultura contemporânea. O evangelho nos salvará, não a filosofia, não a ciência e não a teologia científica. O grande modelo desta empresa é o mesmo que, na Antigüidade, serviu para apresentar o evangelho num mundo estranho e para construir aquela visão da sapiência cristã própria das grandes épocas da fé, antes que a filosofia, a ciência e a tecnologia se separassem em áreas autônomas de reflexão e atividade.

Esta é uma visão teológica “boaventurana”. Nas últimas fases de sua viagem intelectual, e em face dos desafios culturais de seu tempo, o grande franciscano respondeu com uma concentração religiosa sobre a santidade e sobre a interpretação escatológica dos desenvolvimentos intelectuais contemporâneos que o levaram a um “antiaristotelismo apocalíptico”, que era antifilosófico, antiintelectual e indiscriminado, a ponto de incluir, nas suas condenações, os esforços de S. Tomás em afrontar, criticamente, o desafio aristotélico. Há impressionantes paralelismos entre a visão final de Boaventura, como é descrita por Ratzinger, e o comportamento de fundo que o próprio novo Papa adotou em face das grandes mudanças na Igreja do pós-Vaticano II.

Que Bento XVI tenha levado consigo esta perspectiva quando foi eleito Papa, fica claro por sua homilia no dia em que foi solenemente investido. Em muitos pontos, a homilia era uma apresentação muito bela e positiva do cristianismo e dá motivos para esperar que caracterizará a pregação e o magistério do novo Papa. Em dois pontos, todavia, também revelou como ele enxerga o mundo ao qual Cristo deve ser anunciado. O primeiro é quando descreve os muitos tipos de desertos que hoje existem: “Há o deserto da pobreza, o deserto da fome e da sede, o deserto do abandono, da solidão, do amor destruído. Há o deserto da obscuridade de Deus, do esvaziamento das almas sem mais conhecimento da dignidade e do caminho do homem. Os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos. Por isso os tesouros da terra não estão mais a serviço da edificação do jardim de Deus, no qual todos possam viver, mas estão a serviço das potências do desfrute e da destruição. A Igreja em seu conjunto, e nela os Pastores, como Cristo, devem pôr-se a caminho para conduzir os homens para fora do deserto”. A

outra imagem é mutuada pela metáfora do pastor como “pescador de homens”. A imagem supõe certamente que seja coisa boa para o peixe ser pescado e puxado para fora de seu ambiente natural. E, para explicar isto, o papa afirma: “Nós homens vivemos alienados, nas águas salobras do sofrimento e da morte; num mar de escuridão sem luz. A rede do Evangelho nos retira das águas da morte e nos conduz, no esplendor da luz de Deus, à verdadeira vida”. Por mais bela que seja a descrição do que o Evangelho tem a oferecer, é realmente assim? E, Cristo à parte, o mundo é só um deserto, ou “águas salobras do sofrimento e da morte”, “escuridão sem luz”?

Quando um bispo se lamentou por alguns livros publicados após o Concílio, Paulo VI replicou que o melhor modo de opor-se aos maus livros é com bons livros. Joseph Ratzinger expressou a idéia que a paciente atitude de Paulo VI, referente aos desenvolvimentos teológicos após o Concílio, foi vencida e que, como no século XIII, é dever da autoridade eclesiástica intervir. Este apelo à autoridade tem as suas raízes na situação da Igreja no mundo após o Vaticano II. Interrogamo-nos sobre o papel da religião e da teologia numa Igreja que, após haver simplesmente repudiado todo o experimento moderno e depois de haver construído a sua restrita contra-sociedade, tentou, com o Vaticano II, adotar um comportamento crítico e uma série de estratégias mais diluídas. Há muito tempo, o mundo havia relegado a religião a uma esfera privada e havia banido a teologia de uma série de considerações intelectuais. Que tipo de Igreja temos podido ser, e que tipo de teologia temos podido construir naquelas circunstâncias?

A tentativa de dar uma resposta àquelas perguntas dividiu os católicos desde o Concílio, e um elemento daquela divisão tem sido a divisão da teologia. A subcultura do

catolicismo romano se rachou amplamente, e esta desintegração tornou muito difícil dizer que a Igreja oferece um conjunto unificado de respostas aos desafios contemporâneos. Quase todos concordamos com o fato de que a neo-escolástica pré-conciliar não oferece uma base teológica adequada para poder refletir sobre o desafio, e depois, as divisões continuam muitas e grandes, sendo que as mais relevantes dizem respeito ao ponto até o qual os modernos desenvolvimentos intelectuais podem ser considerados apropriados.

Pluralismo religioso

Sob a direção de Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé³⁰ (CDF) as reservas teológicas romanas em relação ao pluralismo religioso e à oposição ao dissenso teológico tinham as suas raízes precisamente nestes problemas. Ratzinger queria que a Igreja ainda fosse capaz de propor uma alternativa real, um sistema de significados e de valores que pudessem se situar a uma distância crítica e salvífica da cultura contemporânea. É a importância de seu ser como resposta eclesial, não só teológica ou intelectual, aos desafios de hoje que levaram Ratzinger a insistir sobre a unidade interna. É a Igreja, e não a teologia, que oferece uma real alternativa; e os teólogos foram, freqüentemente, considerados – seja nos fatos, seja por princípio por causa da sua defesa do dissenso público – aqueles que impediam a unidade necessária para um eficaz serviço salvífico da Igreja no mundo. Uma posição desse gênero é obviamente mais

³⁰ Congregação para a Doutrina da Fé: a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como *Sacra Congregação da Inquisição Universal* quando passou a se chamar *Santo Ofício*. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da *IHU On-Line*)

fácil quando se retém que o diálogo ameaça o ato verbal distintivo da Igreja, a proclamação do evangelho na sua unicidade, o chamado à decisão da fé. O Concílio, em um dos seus documentos fundamentais, não pensava que o diálogo e a proclamação do evangelho fossem incompatíveis; na verdade até se pode dizer que considerava o diálogo e o discernimento dos sinais dos tempos aspectos essenciais do anúncio da palavra de Deus. O que requer claramente uma esfera de liberdade, um lugar de discussão, de experimentação de novas idéias, de exploração de um terreno comum, de esforços por reconciliar posições talvez só Félix Nada, um dos pioneiros da fotografia, procurava pontos de vista não usuais. Ele foi dos primeiros a utilizar a iluminação artificial, e dessa maneira fez fotos impressionantes de catacumbas. Em 1858, a bordo de um balão, fez as primeiras fotografias aéreas da Terra. Ainda que de maneira dissimulada, Nadar participou da primeira viagem à Lua, imaginada pelo seu amigo Júlio Verne. Em *Da Terra à Lua*, que Verne publicou em 1865 - com o curioso subtítulo *Trajetos direto em 97 horas e 20 minutos* - três personagens são enviados à Lua, a bordo de um projétil disparado por um canhão especialmente construído. O sobrenome de um deles, Michel Ardan, é anagrama de Nadar. Nesta história, tudo acontece em um final de ano. O projétil é lançado em 1º de dezembro. Devido à fumaça causada pelo disparo, e às más condições meteorológicas, só no dia 12 de dezembro se observa, aqui da Terra, que o projétil fica aprisionado na órbita da Lua, girando como um satélite. No relato de Verne, não há alusões ao que sentiu Ardan/Nadar ao mirar a longínqua Terra.

A viagem imaginada por Verne aconteceu em 1968. Na véspera do Natal daquele ano, três astronautas, a bordo da Apollo 8, entraram na órbita da Lua e nos permitiram ver a Terra pelos seus olhos: uma esfera azul e branca, brilhante, isolada na escuridão do espaço. Na volta para casa, o astronauta James Lovell

aparentemente contrastantes. A CDF, sob a condução de Joseph Ratzinger, fez bem pouco para criar esta esfera de liberdade, como demonstra um dos seus últimos atos, a remoção do Pe. Thomas Reese da direção de *América*. Podemos esperar que, com a responsabilidade maior que agora lhe tocou, Bento XVI reconheça que a necessária proclamação do evangelho de Jesus Cristo compreenda momentos para escutar não apenas o mundo ao qual ele se dirige, mas também os outros - de mentalidades diversas e diferentes propostas - na moldura da fé.

referiu-se à Terra como “um grande oásis na vastidão do espaço”. As fotos que traziam, mostravam a Terra de um novo ponto de vista. Fotos feitas a 300.000 km de distância da Terra; prova contundente daquilo que a teoria de Copérnico prenunciara: a insignificância do nosso planeta.

No início de 1969, na prisão, Caetano Veloso viu as tais fotografias em uma revista *Manchete*. Anos depois, lembrando delas, compôs “Terra”.

A divulgação dessas fotografias, juntamente com a difusão do conceito de “Espaçonave Terra”, criado por aqueles astronautas, teve grande importância para a conscientização da humanidade sobre a necessidade da preservação ambiental. Aquela que foi “a maior viagem desde Colombo”. Terminou no dia 28 de dezembro de 1968. No dia 30 de dezembro, pela primeira vez, um jornal - o *New York Times* - trouxe um editorial, clamando pelo fim da destruição do meio ambiente. Em 1969, o então secretário da ONU, U-Thant, estimava que tínhamos cerca de 10 anos para prevenir danos irreversíveis ao meio ambiente no Planeta. Naquele mesmo ano, escolas de Direito passaram a oferecer cursos de Direito Ambiental. De 1968 a 1970, o espaço destinado a notícias sobre o meio ambiente no *New York Times* passou de 51 cm para 559 cm.

Neste ano de 2004, pudemos ver fotos do pôr-do-sol em Marte e fotos com detalhes nunca antes vistos dos anéis de Saturno. Mas os nossos problemas ambientais continuam existindo.

No mês de maio de 2005, teremos uma nova oportunidade de olhar para a Terra de um ponto de vista inusitado. O Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, organizado pelo Instituto

Humanitas, promoverá a discussão sobre alternativas para o futuro do Planeta a partir da Ética universal, do desenvolvimento sustentável, da teoria da complexidade, da economia, e da contribuição das grandes religiões da humanidade. Os temas serão abordados por ilustres habitantes vindos de várias partes do Planeta. Certamente não faltarão fotógrafos.

Livro da Semana

Gilles Lipovetsky, Elyette Roux.

O Luxo eterno. Da Idade do Sagrado ao Tempo das Marcas.

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Luxo à la carte

Antônio Madalena é o autor do artigo que aqui transcrevemos, sobre o novo livro *O Luxo Eterno*, de Gilles Lipovetsky e Elyette Roux, recém-lançado pela Editora Companhia das Letras.

Madalena é coordenador de eventos da Livraria Cultura, em Porto Alegre. Nela, todas as quartas-feiras, das 19h30min às 21h30min, o Instituto Humanitas Unisinos oferece o programa **Quarta com Cultura Unisinos**. O evento divide-se em três atividades: **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** e **Ciclo de Estudos sobre “O Método” de Edgar Morin**. A Livraria Cultura localiza-se no Bourbon Shopping Country.

Antônio Carlos de Madalena Genz, Tom Madalena, defendeu, recentemente, a tese de mestrado *A música silenciosa do Dharma: um estudo antropológico das práticas e representações de uma comunidade zen budista em Porto Alegre*, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

O artigo foi escrito por ocasião da vinda do filósofo, sociólogo e escritor francês Gilles Lipovetsky a Porto Alegre, para a abertura do XV Congresso de Marketing e Vendas da Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil (ADVB), em 17 de agosto, na sede da entidade. Nessa ocasião, o filósofo desenvolveu um debate intitulado *O Consumidor Hipermoderno*.

Lipovetsky é professor da Universidade de Grenoble – França. É autor de alguns livros como *A era do vazio*. Lisboa: Relógio de Água, 1989; *La crepuscule du devoir. L' éthique indolor des nouveaux temps démocratiques*. Paris: Gallimard, 1992 (*O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Pub. D. Quixote, 1994); *A Terceira Mulher. Permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; *O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Com Eliette Roux escreveu o livro *Le luxe éternel: De l'âge du sacré au temps des marques*. Paris: Editions Gallimard, 2003; *Les Temps Hypermodernes*. Paris: Grasset, 2004 (*Os Tempos Hypermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004) e *Metamorfoses da Cultura Liberal Ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Lipovetsky concedeu entrevista à *IHU On-Line*, edição 105^a, de 14 de junho de 2004 com o título *Moda, Luxo e hiperindividualismo*. Na edição 143, a *IHU On-Line* reproduziu a entrevista que o pensador francês concedeu à Carla Rodrigues, publicada no site *No Mínimo*, em 17 de maio de 2005, sob o título *O filósofo da moda*.

Há alguns anos, Gilles Lipovetsky já havia causado certo estardalhaço, e desconforto nos meios filosóficos ao tomar para si a tarefa de analisar um fenômeno que, a princípio, não teria relações com a filosofia. Em *O império do efêmero*³¹, ele mostrava a relação da moda com o processo de transformação das sociedades democráticas, um fenômeno que seria original e exclusivamente ocidental. Agora, em companhia de uma especialista em marketing e gestão de marcas de luxo, ele volta a agitar as águas, a princípio impassíveis da filosofia, com um tema novamente estranho, porque ligado à esfera do banal ou frívolo.

A democratização do luxo, um fenômeno recente que tomou forma a partir dos anos 1980 é o tema que provoca o encontro pouco comum entre filosofia e marketing. Os dois ensaios que formam *O luxo eterno* (Gilles Lipovetsky e Elyette Roux³², Companhia das Letras, 196 p.) se complementam e formam uma unidade, com base na compreensão de que o luxo se tornou uma espécie de mais-

valia emocional numa época de individualismo exacerbado.

Expondo-se às críticas de uma retaguarda zelosa, com suas distinções rígidas entre o domínio de uma alta cultura e fenômenos que, por sua frivolidade, parecem colocar em risco os valores especificamente humanos da "cultura", Lipovetsky examina essa nova configuração de época em que o luxo se torna um direito de todos. Se as análises clássicas na sociologia viam o fenômeno do luxo sob o prisma de uma distinção de classe, a ênfase agora se exerce sobre o modo de afirmação da subjetividade de cada um num cenário marcado pelo indivíduo e a afirmação do seu modo de ser. Se antes o luxo era, sobretudo, um modo de ostentar e mostrar-se ao outro, distinguindo-se deste, ele agora se centra mais numa contemplação narcísica³³, ligada ao desejo de deleitar-se

³¹ *O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

³² O original francês é do ano 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Contemplação narcísica: referente à lenda de Narciso, surgida provavelmente da superstição grega segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte, possui um simbolismo que fez dela uma das mais duradouras da mitologia grega. Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-río Cefiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. Indiferente aos sentimentos alheios,

consgo mesmo. Uma mudança de registro, em que a ostentação não é o objetivo, e sim o prazer de sentir-se único, diferente, distante da massa, expressando originalidade e liberdade. Sob o efeito dessa onda democrática, em que o valor supremo é a subjetividade de cada um, o próprio conceito de luxo se pulveriza. Cada indivíduo está livre para definir e exibir sua própria idéia do que é o luxo.

É com essa noção de democratização do supérfluo, do luxo como uma aspiração de massa legítima que Elyette Roux mostra as transformações por que passou a indústria do luxo. A partir dos anos 1980, os produtos de luxo assistiram a um crescimento extraordinário, não só do lado do consumo, mas da produção, abandonando uma lógica artesanal e familiar para assumir uma cara industrial e financeira. Incorporou as técnicas mais avançadas, e de massa, do marketing, para poder fazer frente aos novos padrões de concorrência. Da moda e vestuário aos cosméticos e bebidas, o setor acompanhou a lógica de um capitalismo internacional, com fusões e entrada de grande capital. A partir daí, uma nova realidade em que a necessidade do gerenciamento de marketing no lançamento de novos produtos de luxo, todos eles na cifra de milhões de dólares em investimento em publicidade, é a condição para se fazer visível e sobreviver como marca.

Narciso desprezou o amor da ninfa Eco e seu egoísmo provocou o castigo dos deuses. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e contemplou-a até consumir-se. A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera. Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente. Foi, no entanto, a versão tradicional, reproduzida por Ovídio em *Metamorfoses*, que se transmitiu à cultura ocidental por intermédio dos autores renascentistas. Na psiquiatria, particularmente, na psicanálise, o termo narcisismo designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo. (Nota da *IHU On-Line*)

Shakespeare³⁴ já afirmava que mesmo "o último dos mendigos tem sempre um nadinha de supérfluo! Limitai a natureza às necessidades naturais, e o homem torna-se um animal", Lipovetsky e Roux mostram que, nesses novos tempos, hipermodernos talvez, o luxo responde a uma necessidade de sentido, em que os produtos e as marcas estabelecem universos estéticos e oferecem visões de mundo, no qual cada indivíduo está "livre" para aderir ao que mais lhe convém, ou se ajusta ao seu figurino.

³⁴ William Shakespeare (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. A habilidade de Shakespeare em ultrapassar as fronteiras puramente narrativas das suas obras, penetrando, de uma forma incisiva, nos aspectos mais íntimos da natureza humana, granjeou-lhe uma fama e um prestígio que o tornam um dos mais brilhantes gênios universais. Sua obra influenciou artistas de, praticamente, todas as regiões do planeta, pelo seu caráter intrinsecamente universal - suas tragédias são facilmente transponíveis para qualquer outra cultura. Pensa-se que terá escrito a maior parte das suas obras de 1585 a 1610, ainda que as datas não sejam conhecidas com precisão. (Nota da *IHU On-Line*)

Entrevista da Semana

“O controle de nosso destino biológico estará cada vez mais em nossas mãos”.

Entrevista com Craig Venter, biólogo que impulsionou a sequência do genoma humano

O biólogo estadunidense, J. Craig Venter, dirigiu a equipe privada que obteve, em 2000, em competição com uma equipe internacional pública, o primeiro rascunho da sequência do genoma humano. Atualmente, está envolvido na pesquisa detalhada da diversidade biológica dos oceanos. Na entrevista abaixo, concedida durante o congresso Milken Global Conference em Los Angeles, fala da sua pesquisa que realiza no momento. Reproduzimos a entrevista publicada pelo jornal *El País*, em 16 de agosto de 2005, que traduzimos. Os subtítulos são nossos.

El País - Quais são os desafios da engenharia genética?

J. Craig Venter - Estamos numa fase de tal complexidade, que não conhecemos exatamente o que pode suceder. O progresso, nesta área, não é linear. Há alguns anos, quando fizemos o mapa do genoma humano, descobrimos que temos uns 20.000 genes, em vez de 300.000. Isso quer dizer que nossa biologia é muito mais complexa do que pensávamos. Os genes e combinações de genes, influenciados pelo ambiente, dão resultados diferentes em cada pessoa. Possuir a tecnologia para conhecer a sequência dos genomas³⁵ não quer dizer que compreendamos a biologia. Eu fiz o mapa de meu genoma e ainda estou tentando compreendê-lo.

³⁵ Genoma: conjunto de genes de uma espécie. Podemos dizer que genoma humano é o código genético do ser humano, ou seja, os genes humanos. (Nota da *IHU On-Line*)

El País: Qual é o passo seguinte?

J. Craig Venter - Tratamos de fazer engenharia com a biologia, como se fez com a química. Queremos poder construir cromossomos sintéticos de células simples. Já o fizemos com vírus. Os genomas bacterianos são bastante simples, mas quando nos introduzimos em organismos multicelulares – nós temos uns cem bilhões de células –, o progresso não será linear. Se, nos próximos 20 anos, conseguirmos compreender a complexidade de nosso organismo, será um dos maiores milagres da ciência.

El País - De que modo isso afetará os pacientes?

J. Craig Venter - A possibilidade mais importante é a da medicina preventiva. Por exemplo, o câncer de cólon. Sabendo-se disso,

não se espera que lhe façam uma colonoscopia³⁶ aos 50 anos. A prática da medicina e o controle de nosso destino biológico estarão cada vez mais em nossas mãos. Sem embargo, em torno de uns 30% de cânceres são devidos a mudanças somáticas nos genes, mudanças que sucedem depois do nascimento. É de se esperar que, dentro de 20 anos, conheçamos a importância do ambiente e possamos medir a influência ambiental, seja a dieta, a exposição ao sol, aos raios X ou às toxinas. E também temos que mudar a sociedade. Estamos dispostos a pagar pelos cuidados médicos quando já existe a enfermidade, mas não a pagar pela prevenção. Isso é importante, porque, nos próximos 20 anos, o conhecimento de nosso código genético será insuficiente para fazer engenharia genética em seres humanos.

El País - A clonagem é o tema mais polêmico. O que opina sobre ela?

J. Craig Venter - O problema é que a gente não tem educação científica. Pensa que clonar é fazer uma cópia idêntica de uma ovelha, um cão ou uma pessoa. Mas, é claro que, até os gêmeos idênticos, têm impressões digitais distintas. Ao desenvolvermos de um a cem bilhões de células, ocorrem tantas mudanças fortuitas que cada pessoa é um experimento distinto. Clonar seres humanos não tem nem valor nem sentido. Não o faremos. Seria gastar muita energia numa direção equivocada.

El País - Qual é o avanço mais significativo em genética?

J. Craig Venter - Uma das áreas mais interessantes, ao menos nos Estados Unidos, é o financiamento da pesquisa com células-tronco³⁷ na Califórnia. Nunca entenderemos como nosso código genético leva ao desenvolvimento de tantas células para cada um de nós, cada uma com sua própria função, se não entendemos as células-tronco. A medicina regeneradora, que permitirá modificar nosso organismo para que se repare a si

mesmo, só será possível quando conhecermos como e por que funcionam as células-tronco. A área mais importante da ciência é compreender a fisiologia, o caminho de nossos genes, a nossa biologia.

El País - Por que está agora navegando pelos oceanos, coletando espécies?

J. Craig Venter - É parte do esforço de compreensão do ambiente que nos circunda, a outra parte da genômica. O que estamos encontrando é que cada milímetro cúbico de água do mar tem milhões de bactérias e 10 milhões de vírus. Deveríamos pensar nisso cada vez que tragamos um gole de água do mar. Até esta expedição não sabíamos sequer que existiam essas espécies. Só conhecíamos 5.000 microorganismos em sua quase totalidade, os que cremos estarem associados a enfermidades. Em um só ano, dobramos o número de genes na base pública de dados. Encontramos 50 mil novas espécies em um só barril de água do mar e achamos que a maior parte da biologia na superfície dos oceanos está impulsionada pela luz do sol na forma de fotorreceptores. Anteriormente, conhecíamos somente um e agora temos milhares. É provavelmente a família de genes de maior presença no planeta.

El País - Qual é o objetivo?

J. Craig Venter - É muito simples. Não tem sentido tentar curar o câncer, se não fizermos algo sobre a destruição do ambiente, porque não sobreviveremos como espécie para fazê-lo. É cada vez mais difícil viajar pelo oceano sem encontrar tudo cheio de lixo. Temos a tendência de tratar o ambiente como se fosse infinito. A cada 350 quilômetros, 85% da diversidade biológica é única. Imaginemos, com tão grande diversidade, que, da mesma forma como as células em nosso corpo, também há cem bilhões de organismos deferentes no ambiente em que vivemos, com os quais interagimos e que afetam nossa química pessoal. Quando entendermos esses organismos, entenderemos melhor, para o bem ou para o mal, a relação humana com o ambiente. O que podemos aprender dos processadores fotossintéticos que estamos descobrindo para utilizá-los na produção de hidrogênio diretamente do sol? Conhecer este mecanismo biológico pode

³⁶ Colonoscopia: exame indicado para diagnosticar e tratar doenças do intestino grosso através de um aparelho chamado colonofiboscópio. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁷ O tema células-tronco embrionárias foi a matéria de capa da edição número 134, de 28 de março de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

mudar nossa perigosa dependência dos combustíveis fósseis. A compreensão das espécies oceânicas é crucial.

Proprietário de uma coleção milionária

J. Craig Venter é o novo proprietário de uma das coleções mais importantes da história da biologia molecular, após pagar por ela uma quantia que ronda os três milhões de dólares (2,4 milhões de euros). Os documentos foram recopilados por Jeremy Norman, que dá nome à coleção, e Al Seckel, da Califórnia. Contém material de Rosalind Franklin³⁸, cujas imagens de raios X deram pistas a James Watson e Francis Crick³⁹ para decifrar, em 1953, a estrutura do DNA, incluída a famosa foto número 51. Também figura uma versão anterior e mais escandalosa (com o título *Honest Jim*) do popular livro de Watson *A dupla hélice*⁴⁰, que a editora não se animou a publicar até que o autor o dulcificou.

Watson, que não se dá bem com Venter, não o levou a mal, pensando que este ganhou a partida de um grupo de cientistas que tentavam conseguir que a coleção ficasse no Cold Spring Harbor, o laboratório que Watson dirigiu durante muitos anos e ao qual deu seu legado. Já em 2001, foi Watson quem conseguiu que a poderosa fundação britânica Wellcome Trust se encarregasse dos papéis de Crick, que faleceu em 2004. Aquela compra, no valor de 2,4 milhões de euros, indicou a alta valoração da biologia

molecular, que agora se confirmou. Venter disse que manterá completa a referida coleção.

³⁸ Rosalind Franklin: especialista inglesa em difração de raios X. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁹ James Watson: bioquímico estadunidense que, em 1953, com o britânico Francis Crick, descobriu a estrutura de espiral dupla do ácido deoxirribonucleico, o DNA. Watson foi um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina, em 1962, com Francis Crick pela descoberta desta estrutura. Os cientistas e sua descoberta foram tema de capa da 62ª edição do **IHU On-Line**, de 2 de junho de 2003, que teve como título **DNA: 50 anos Uma nova gramática dos seres vivos**. Também dedicamos a editoria *Memória* da edição 110, de 9 de agosto de 2004, a Francis Crick, em razão da sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁰ Rio de Janeiro: Gradiva Publicações, 1981. 211 p. (Nota da **IHU On-Line**)

Filme da semana

Os filmes comentados nesta editoria já foram vistos por algum colega do IHU.

Hotel Ruanda

Ficha Técnica:

Nome: Hotel Ruanda

Nome original: Hotel Rwanda

Origem: África do Sul - EUA – Itália

Ano produção: 2004

Gênero: Drama

Duração: 122 min

Classificação: 14 anos

Direção: Terry George

Elenco: Don Cheadle, Sophie Okonedo, Nick Nolte, Joaquin Phoenix

Sinopse: Paul (Don Cheadle) é um gerente de um hotel em Ruanda que arrisca a sua vida para salvar a vida de centenas de pessoas durante um dos períodos mais conturbados da história de seu país - quando a etnia hutu se volta para o massacre de seus rivais, os tutsis.

Na edição desta semana, *IHU On-Line* destaca o filme *Hotel Ruanda*, de Terry George. Para tanto, reproduzimos dois artigos. O primeiro é uma crítica escrita por Neusa Barbosa e veiculada no site da Cineweb (www.cineweb.com.br) em 16 de agosto de 2005. O segundo é de autoria de Contardo Calligaris, e foi publicado no jornal Folha de S. Paulo, de 25 de agosto de 2005. Contardo Calligaris é psicanalista e doutor em psicopatologia clínica. De Contardo Calligaris, publicamos um artigo na edição número 43, de 18 de novembro de 2002, outro na edição número 38, de 7 de outubro de 2002, uma entrevista feita pelo *IHU On-Line* na edição número 35, de 16 de setembro de 2002. Publicamos também, de Calligaris, A Fantasia do Pedófilo na edição número 33, de 2 de setembro de 2002. Nas edições número 63, de 9 de junho de 2003, e número 78, de 6 de outubro de 2003, reproduzimos outros artigos do autor. Além disso, na edição nº 89, de 12 de janeiro de 2004, na editoria Artigo da Semana, transcrevemos o texto, intitulado O governo somos nós, fala sobre o governo Lula. O psicanalista esteve na Unisinos, em 9 de setembro de 2003, ministrando a palestra intitulada O que quer o pedófilo? num evento promovido pelo IHU e o Laboratório de Filosofia e Psicanálise do PPG em Filosofia do Centro de Ciências Humanas da Unisinos.

Hotel Ruanda

Por Neusa Barbosa

Quando se fala em genocídio, a primeira idéia que vem à mente é o massacre dos judeus na II Guerra Mundial. Infelizmente, depois disso, vários outros fizeram jus ao nome e, o que é pior, não receberam a devida atenção. Um dos casos mais escandalosos nesta categoria é o ocorrido em 1994, em Ruanda, entre hutus e tutsis. Um milhão de pessoas, na esmagadora maioria tutsis, morreram sob os machados de seus inimigos hutus – uma diferença étnica, aliás, totalmente artificial, criada pelos colonizadores belgas do país e que teve as consequências mais trágicas.

Naquela altura, os países ocidentais apressaram-se em retirar seus cidadãos brancos do país em guerra civil, deixando para trás algumas esparsas tropas da ONU que muito pouco podiam fazer. Dentro do caos sangrento que manchou a nação africana, um obscuro gerente de hotel, Paul Rusesabagina (Don Cheadle), transformou seu estabelecimento em campo de refugiados, conseguindo salvar a vida de mais de 1.200 pessoas.

A história de Paul atraiu a atenção de Terry George, diretor e roteirista irlandês, acostumado a associar seu nome a empreitadas políticas – como *Mães em Luta*, seu filme de estréia como diretor, e *Em Nome do Pai*, de Jim Sheridan, no qual obteve uma indicação ao Oscar pelo roteiro. Ele dedicou três anos de sua vida para tornar filme a história deste africano comum e apolítico, transformado em herói por circunstâncias absolutamente extraordinárias.

Rusesabagina teve até motivos pessoais para empenhar-se na proteção aos tutsis. Afinal, mesmo sendo um hutu, é casado com uma tutsi, Tatiana (Sophie Okonedo), e pai de três filhos com ela. Valeu-lhe também sua habilidade como negociador, capaz de obter, com lábia ou suborno, as mercadorias necessárias ao funcionamento do hotel, depois a própria garantia de que ele não seria invadido por tropas tão ávidas de sangue quanto de dinheiro.

Em nenhum momento, o filme mostra diretamente os massacres, motivo pelo qual o diretor Terry George chegou a ser criticado. Ele se defendeu, dizendo que não pretendia que a censura ao filme fosse muito grande, para que os mais jovens também pudessem vê-lo. Independente dessa escolha, o cineasta cria cenas do mais puro horror – como num momento em que a van onde está o gerente passa por uma estrada coalhada de corpos.

Mesmo que Rusesabagina esteja no centro da narrativa, o filme dá conta de passar a História mais ampla do país, com H maiúsculo. O pano de fundo deste relato não é outro que não o de um país tido como periférico na ordem mundial, abandonado à própria sorte depois que os colonizadores partiram. A vida de um milhão de pessoas pareceu não indignar os altos órgãos mundiais porque se tratava de africanos, não de europeus. No século XXI, em que se alega ter superado tantos anacronismos, persiste firme o abominável conceito de cidadão de segunda classe.

“Hotel Ruanda” e o espírito de porco da razão

Por Contardo Calligaris

O que você estava fazendo entre abril e junho de 1994? Para mim, foi uma época sem grandes eventos: atendia a meus pacientes, cuidava de filhos, família e tal. Pois bem, enquanto tocávamos nossa vida, em Ruanda (um pequeno país que até então mal sabíamos situar no mapa da África) 1 milhão de homens, mulheres e

crianças foi assassinado. Uma média de 10 mil por dia, a golpes de facão. Graças à estréia do filme (imperdível) *Hotel Ruanda*, de Terry George, muito está sendo escrito, nestas semanas, sobre a história do massacre e suas "causas" absurdas.

Mas quero apenas pensar no grito das vítimas, pedindo ajuda e na nossa capacidade (ou incapacidade) de ouvir e intervir. No caso de Ruanda, a intervenção foi nula: depois do assassinato de dez soldados da força que devia manter a paz no país, as Nações Unidas evacuaram os ocidentais e diminuíram sua presença armada até à insignificância. O maior esforço da ONU, durante a crise, consistiu em evitar qualificar os acontecimentos como genocídio, pois esse termo teria forçado o conselho de segurança a recorrer à força para pôr fim ao massacre e punir os responsáveis. As hesitações do mundo inteiro eram compreensíveis: uma expedição militar apropriada custaria caro em fundos e vidas.

Agir sem a coragem de encarar baixas seria uma estupidez; a prova já fora feita em 1993: depois da morte de 18 soldados americanos em Mogadíscio (narrada em *Falcão Negro em Perigo*, de Ridley Scott), a ONU, simplesmente, voltou para casa, deixando a Somália nas mãos de hordas de bandidos. Obviamente, qualquer governo, na hora de oferecer meios e tropas, prefere sentir-se legitimado pela opinião de seu povo: se não pela voz das massas, ao menos pela das elites pensantes.

Quando o presidente Clinton, em 1995, despachou 20 mil soldados para a Bósnia, sua decisão era aprovada por apenas 36% da população americana. No entanto, muitos intelectuais e jornalistas americanos pressionavam o governo: viajavam para a Bósnia, relatavam o horror e elevavam sua voz pedindo uma intervenção imediata. Chegaram a ser chamados "bombardeiros de laptop". Ora, freqüentemente, durante as tragédias dos últimos anos, as elites intelectuais ocidentais se esqueceram daquela idéia da razão moderna que diz assim: qualquer homem é nosso semelhante, nosso vizinho. Com isso, recusaram-se a ser porta-vozes do grito das

vítimas. Preferiram (e seguem preferindo) adotar outros traços da razão moderna, confirmando o pessimismo de Max Horkheimer em *Eclipse da Razão* (ed. Centauro).

Para a razão moderna em sua versão cínica, 1) não há avaliação objetiva dos atos, ou seja, o que importa não é considerar os efeitos de um ato, mas avaliar as motivações do agente, 2) toda motivação é, em última instância, interesseira. Conclusão: a ação é sempre culpada, pois suas "verdadeiras" razões devem ser sórdidas.

Uma das conquistas iniciais da razão moderna foi a descoberta seguinte: os acontecimentos não se confundem com necessidades naturais - atrás deles, sempre há interesses subjetivos. Essa conquista se transforma em miséria por causa de um estranho espírito de porco, que conclui: quem se mete é sempre sujo, melhor não se meter e reservar-se assim o direito de berrar, ao mesmo tempo, contra a inação dos poderosos ou, caso eles se atrevam a agir, contra os motivos supostamente abjetos de sua ação. Assim, as tropas brasileiras estão no Haiti para servir à política escusa (e fracassada) do Itamaraty. Imaginar que elas estejam salvando vidas, por mais que seja um fato, seria um conto para boi dormir. Se houver baixas brasileiras, só ouviremos críticas à política do governo; nenhuma palavra sobre o grito dos haitianos: será que ninguém ouve? Os que dizem hoje que Hotel Ruanda é um ato de acusação contra a covardia do Ocidente são os mesmos que protestaram contra a intervenção da Otan na Bósnia. Os que se indignam porque o Ocidente deveria intervir hoje no Sudão gritariam, se a intervenção acontecesse, que o Ocidente está apenas perseguindo seus sinistros desenhos. Para eles, quem age é vergonhosamente interesseiro e quem não age é um covarde: só eles, que protestam contra os dois, saem bem na foto. Essa é a moral do espírito de porco da razão moderna.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU)

O Brasil não precisa de presidente, precisa de um líder, segundo Plínio de Arruda Sampaio

Reconhecendo que está difícil ser petista, Plínio de Arruda Sampaio, candidato a presidente do PT, afirma que não quer “saber se levou dinheiro para casa, se fez caixinha no serviço. Estou discutindo o fato de se financiar um partido socialista com o dinheiro de empresário. Isso é um escândalo para o socialismo. Outro é o uso do marketing político. O princípio de um político socialista é dizer aquilo que é preciso para o bem da população, entenda ela ou não. O do marqueteiro é “não diga nada que o povo não quer ouvir”. A afirmação está na entrevista publicada dia 22-8-05, pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Criticando Lula, Plínio confidencia que chegou a dizer uma vez: “Lula, o Brasil não precisa de um presidente, o Brasil precisa de um líder” - o grande líder nacional, o grande líder popular, um cara que conte para o povo as coisas, um tipo Mandela, um tipo Gandhi, um tipo De Gaulle... O Gandhi não foi nem vereador na Índia”.

O novo papa inicia seu pontificado em Colônia, afirma o jornal Le Monde

Quase um milhão de pessoas assistiu, na semana passada, a missa presidida por Bento XVI no fechamento das Jornadas Mundiais da Juventude. Fazendo referência o aumento da presença dos jovens nos movimentos que apresentam a espiritualidade oriental, o papa denunciou a religião que se transforma “em produto de consumo”. Segundo o jornal *Le Monde*, 22-8-05, os outros momentos fortes da sua presença em Colônia foram a condenação da Shoah, “um crime abjeto”, quando fez a visita, sem precedentes, a uma sinagoga e o apelo ao muçulmanos para se engajarem na luta contra o terrorismo. O papa encontrou-se também com representantes de outras confissões cristãs. As próximas JMJ serão na Austrália, em 2008. Mas Bento XVI não disse, como João Paulo II, “arrivederci”, ou seja, “até logo”, “nos veremos lá!”. A próxima viagem de Bento XVI deverá ser, segundo o jornal espanhol *El País*, 22-8-05, para Istambul, visitando o patriarcado de Constantinopla, que dirige uma comunidade ortodoxa relativamente pequena mas de grande autoridade moral na igreja oriental, e líderes muçulmanos.

Em Colônia, Bento XVI começa a ser ele mesmo

“No curso das Jornadas Mundiais da Juventude, em Colônia, Joseph Ratzinger deixou de ser o “sucessor de João Paulo II”. O seu pontificado iniciou, verdadeiramente, em Colônia. Aí ele se tornou

Bento XVI”, afirma Giancarlo Zizola, jornalista especializado nos assuntos do Vaticano, em entrevista publicada dia 22-8-05, no jornal francês *Libération*. Zizola, juntamente com Jacques Duquesne acaba de publicar o livro *Benoit XVI ou le mystère Ratzinger* (Bento XVI ou o mistério Ratzinger) pela editora Le Seuil. O livro faz um balanço dos primeiros meses do pontificado de Bento XVI. Em Colônia, segundo Zizola, Bento XVI “apresentou um programa e mostrou vários sinais significativos de descontinuidade com o seu predecessor. Com uma plataforma teológica bem mais estruturada, ele se fez o apóstolo do cristianismo interior que rompe com as manifestações barrocas de João Paulo II. Desde a sua primeira mensagem em Colônia, como ontem no decorrer da missa, ele recomendou o retorno a um cristianismo vivido como uma ‘peregrinação interior’. É uma evolução importante, ainda mais relevante por ser enunciada na terra de Lutero. Ao cristianismo de massa e espetacular de João Paulo II, ele opõe um cristianismo anônimo e mais pessoal. E o faz no contexto das JMJ que são uma invenção de Karol Wojtyła. Neste contexto, ele quis, voluntariamente, manter um estilo minimalista, privilegiando o conteúdo ao espetáculo. Eu imagino que para os ‘papa boys’ isso é um trauma”.

Bento XVI manifesta o desejo inovador do seu pontificado em Colônia

“Às margens do Reno, Bento XVI revelou o desejo renovador do seu pontificado. Ele declarou sua adesão aos conceitos do concílio Vaticano II, reafirmou o desejo de diálogo com a sociedade, de uma Igreja que escuta as aspirações do mundo. Ele tomou uma direção reformadora bem clara”, afirma Giancarlo Zizola, na entrevista ao *Libération*, acima citada. “Ele também, constata Zizola, reconheceu a falibilidade da Igreja, contrariamente às esperanças dos conservadores”. Para Zizola, “se se analisa o percurso de Joseph Ratzinger, se percebe uma grande disponibilidade para as mudanças e uma grande flexibilidade de pensamento. Em Colônia, esta capacidade de abertura se confirmou plenamente. O seu discurso parecia ter sido escrito pelo cardeal Martini. Esta é uma derrota para os conservadores, que pensavam utilizar Joseph Ratzinger para voltar atrás. Pelo contrário, Bento XVI, num estilo muito diferente, acentua as orientações de João Paulo II no que diz respeito ao diálogo com o mundo e com as outras religiões. Podemos esperar surpresas, não tanto nas questões que dizem respeito à sociedade, mas sobre a primazia e a infalibilidade do soberano pontífice. Espera-se uma reforma da Cúria e do papado. O próximo sínodo dos bispos poderá ser uma ocasião para dar mais autonomia aos episcopados nacionais”. Zizola conclui a entrevista afirmando que “Bento XVI age dando passos pequenos. Ele imediatamente mandou o secretário pessoal de João Paulo II, Stanislaw Dziwisz, para Cracóvia, quando ele queria permanecer em Roma. Ele fará mudanças. Com

vagar. Ele quer mudar, sem destruir. Em Colônia, diante do mundo, Bento XVI tomou posse do seu pontificado”.

Juros elevam dívida em R\$ 100,5 bilhões

As declarações do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, de que a política econômica não será alterada ou mesmo abrandada pela crise política, levaram calma ao mercado financeiro. Se por um lado, a manutenção dos “pilares da economia”, como definiu Palocci, reduziu a tensão dos investidores, mostra-se, do outro, um componente maligno às contas públicas. Resultado divulgado ontem pelo Tesouro Nacional mostra que o endividamento em títulos cresceu R\$ 105 bilhões nos últimos sete meses. Culpa da política monetária excessivamente restritiva adotada pelo Banco Central, que mantém a taxa de juros real no Brasil como a maior do mundo. A taxa básica (Selic) corrige mais da metade do débito do governo e tem impacto direto sobre o endividamento, que em julho atingiu R\$ 915,67 bilhões. A notícia é do *Jornal do Brasil*, 23-8-05. O montante representa crescimento de 1,12% em relação ao mês anterior, quando a dívida era de R\$ 905,51 bilhões. O Tesouro admite que o aumento se deu por conta da apropriação de juros sobre o estoque. Política que, como assegurou Palocci, será mantida com o aval do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Brasil gasta R\$ 7 bi com o Bolsa Família e R\$ 140 bi com juros de dívida pública

“É um pesadelo saber que o Brasil gastará, neste ano, R\$ 7 bilhões com o Bolsa Família, enquanto pagará mais de R\$ 140 bilhões de juros de dívida pública. Pochmann estima que 80% desses bilhões se destinem a pouco mais de 20 mil famílias. Temos o primeiro lugar mundial em taxa de juros real, com o dobro do segundo colocado. Tanto o superávit espetacular (5% do PIB) como o déficit nominal ainda assustador, apenas para os rentistas”. A constatação é do economista Carlos Lessa, ex-presidente do BNDES, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 27-8-05.

Somos a terra prometida dos banqueiros, afirma industrial em entrevista ao Le Monde

“A economia vai bem. Está melhor que no início da crise, há três meses”, constata Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Federação da Indústria do Rio de Janeiro – Firjan – em entrevista publicada dia 23-8-05, no jornal francês *Le Monde*. Segundo o industrial, “as exportações batem recordes e o crescimento econômico será superior às previsões de 4%. Mais ainda. Os investidores estrangeiros nos amam, pois graças às taxas de juros, nós somos a terra prometida dos banqueiros do mundo inteiro”. Para o presidente da Firjan, “a elite do Brasil quer que o Brasil seja bem gerido, sem

ideologia. Lula faz isso muito bem. Ele foi eleito, em 2002, com o apoio das empresas e, até recentemente, tudo mundo imaginava que seria reeleito no próximo ano". Segundo Eduardo Gouvêa Vieira, "Lula fez algo incrível: ele desmistificou o medo de que uma vez no poder, a esquerda no poder cairia no populismo". E conclui: "A política econômica de Lula é séria e nada indica que ela será mudada".

Marilena: Lula rendeu-se à 'armadilha tucana'

O governo Lula falhou ao se render à "armadilha tucana" de promover uma transição com base em imperativos econômicos e financeiros em vez de fazer logo a reforma tributária, fundamental para melhorar a distribuição de renda e viabilizar o Fome Zero, e a reforma política, essencial para assegurar a governabilidade. Esta foi a análise da filósofa Marilena Chauí, expoente da intelectualidade petista, sobre a crise política ao abrir, ontem à noite, no Consulado da França, o ciclo de debates "O silêncio dos intelectuais". A notícia é do jornal *O Globo*, 23-8-05. Para ela, ao se "assumir como transição, e não transformação, o governo caiu em uma armadilha tucana de que os petistas não se deram conta". Chauí, criticando o governo Lula, disse que "a primeira ação, que daria um sentido mais que simbólico ao Fome Zero, seria a reforma tributária. Em vez disso, se fez a reforma da Previdência, que os tucanos não tiveram coragem de fazer. Conheci muitos tucanos no ambiente acadêmico, e é preciso ficar com dois pés, duas mãos e a cabeça atrás com o que eles propõem". Para Marilena Chauí, "pautada pelas teses da pós-modernidade, a sociedade contemporânea transformou a política numa operação de marketing e o político num produto a ser consumido pelo eleitor. Neste mundo que hoje entendemos como sociedade do conhecimento os intelectuais se transformaram em especialistas com receitas de bem-estar a serviço da lógica das empresas. Nesse sistema, quem detém algum conhecimento comanda os demais, e no Brasil isso é acentuado porque o nosso intelectual é herdeiro da autoritária tradição ibérica dos bacharéis e dos poetas de prestígio".

"Economia colonizou a política", diz Chico de Oliveira

O sociólogo Francisco de Oliveira disse ontem que no Brasil a economia colonizou a política e que este é o verdadeiro golpe de Estado que ocorre atualmente no país. "Há um golpe de Estado permanente no Brasil, mas não está na política. Está na economia. O ritmo que a globalização está impondo ao Brasil é suicida com a política. Requer uma permanente adaptação e uma permanente aceleração que uma economia periférica não tem como acompanhar." A notícia é do jornal *Valor*, 23-8-05. De acordo com o sociólogo, que participou de um debate sobre política em São Paulo, há uma superação da economia sobre as instituições democráticas que acabam por anular o poder que o voto dos eleitores têm. "A política torna-se

praticamente inexistente. A massa de recursos para investimentos no país não pode ser controlada pela política. Aquilo que o Congresso levou meses discutindo no Orçamento, o Banco Central pode, com uma penada, liquidar. É um circuito fechado de consultores privados. A economia colonizou a política." Oliveira criticou a pouca influência que os Três Poderes têm no direcionamento da política econômica do país. "Podemos verificar a forma como os poderes republicanos interferem na economia. É quase nula. Os diretores são escolhidos pelo Executivo que os submete à sabatina no Senado. Antes, tinha o senador Aloizio Mercadante (PT-SP) nessas sabatinas. Ele até encostava lá. Mas agora ele defende a autonomia do Banco Central e restou o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) para questionar."

Para Wall Street, Palocci é a coluna central do governo Lula

"O mercado aprecia mais a ascendência de Palocci sobre o presidente da República do que a própria ortodoxia da política econômica. A influência do ministro, a confiança do presidente em sua palavra, é a garantia de que a política será sempre ortodoxa. Sem Palocci, em quem Luiz Inácio Lula da Silva vai confiar?" A análise é de Cristiano Romero, jornalista, em artigo publicado dia 24-8-05, no jornal *Valor*. Segundo ele, "o ministro da Fazenda é, na sede do poder em Brasília, um defensor solitário da política econômica. Fora do núcleo, também está quase só - a honrosa exceção cabe ao ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, que o apóia e a suas políticas desde sempre. No PT, Palocci não tem suporte algum. A devoção que alguns dentro do governo pregam à política econômica é falsa, tática. Porque Palocci está firme no comando da economia com o aval de Lula, não ousam questioná-la diante do chefe". "Sem Palocci, - escreve Cristiano Romero - o contexto muda radicalmente. Não haverá mais quem defenda a política econômica, mesmo que Lula continue abraçando-a como uma escolha sua. Sobrará no Palácio do Planalto e arredores quem a ataque e defenda uma guinada". Para o jornalista, "Palocci é imprescindível, porque conjuga qualidades raras. A primeira é o trânsito político em todas as esferas: no Palácio do Planalto, na base aliada, na oposição. Ele é um político extremamente competente, com grande habilidade, e voltou a confirmar isso na entrevista de domingo", sustenta o economista Paulo Leme, diretor de mercados emergentes do banco Goldman Sachs, em Nova York. "Palocci é sensato, inteligente e tem postura de estadista. A percepção de Wall Street é que ele vai além das funções de ministro. Ele é hoje a coluna central do governo."

Assembléia Constituinte é golpe, afirma professor Lenio Streck

"Começa a ganhar corpo a tese da convocação de uma Assembléia Constituinte exclusiva, encabeçada pelo presidente da OAB nacional, que - para nossa surpresa - diz que a Constituição não serve mais. A tese representa um golpe, do mesmo modo que a tese de uma

Constituinte congressional (defendida pelo PPS). Caso vingue qualquer delas, o Brasil será alvo de chacota. Será a primeira democracia a fazer um haraquiri. Em 17 anos, passamos por crises econômicas, reformas constitucionais e um impeachment. E na mais plena normalidade, como agora. E tudo isto acontece - com transmissão ao vivo - exatamente porque existe democracia. Que funciona. E funciona porque está assentada em regras constitucionais". A opinião é de Lenio Luiz Streck, procurador de Justiça e doutor em Direito, em artigo publicado dia 24-8-05, no jornal *Zero Hora*. Lenio Luiz Streck é também professor na Unisinos. Para o professor de Direito, a proposta de uma constituinte é "tão inconstitucional que o porteiro do Supremo Tribunal a barraria. E mais não precisa ser dito. Por isto, os republicanos estão convocados para a defesa da Constituição".

Um Woodstock do perdão no adeus ao Irmão Roger Schutz

"Senhor, perdoe, porque ela não sabe o que fez". A emoção invade, improvisamente, os seis mil fiéis, presentes, no meio-dia de 23 de agosto, na igreja da Reconciliação de Taizé, na França, quando o novo responsável pela comunidade ecumênica, Irmão Aloísio, pronuncia, com segurança, as palavras de perdão no funeral do Irmão Roger, fundador da comunidade assassinado por uma senhora romena, acometida de uma doença mental, na semana retrasada. É assim que Orazio La Rocca, enviado especial do jornal italiano *La Repubblica*, narra o funeral do fundador da Comunidade de Taizé, sob o título acima. A reportagem foi publicada no dia 24-8-05. O pedido de perdão, escreve o jornalista italiano, "o cume de um happening da paz, de uma Woodstock do perdão iniciada logo depois do assassinato do prior, apunhalado na mesma igreja da Reconciliação enquanto recitava as vésperas do ofício divino, circundado de crianças e milhares de jovens. Durante uma semana o corpo do Irmão Roger foi velado por longas procissões de fiéis. Os funerais foram presididos pelo Irmão Aloísio, alemão, prior que sucede o Irmão Roger e pelo cardeal Walter Kasper, representando Bento XVI. A revista *IHU On-Line*, da semana passada, publicou um amplo artigo sobre a vida e a obra de Roger Schutz, fundador da Comunidade de Taizé. A revista está disponível no sítio www.unisinos.br/ihu

Frases da semana

Tarso Genro

"Se tivesse uma votação dentro do partido para escolher quem é o candidato na prévia [à Presidência], o Palocci não seria meu o candidato". – Tarso Genro, presidente do PT - **Folha de S. Paulo, 24-8-05.**

"Neste momento, não saberia dar argumentos (para votar no PT na próxima eleição)". – **Tarso Genro, presidente do PT - Valor, 24-8-05.**

Alma ferida

"O Brasil está com a alma ferida com o que está acontecendo, mas é bom que isso esteja ocorrendo". – **Chico Buarque, cantor e compositor - O Estado de S. Paulo, 24-8-05.**

"Só espero que tudo isso tenha algum proveito e não provoque apenas a alegria raivosa de quem não votou nele". - **Chico Buarque, cantor e compositor - O Estado de S. Paulo, 24-8-05.**

Alegria raivosa da direita

"Estou é encantado porque a gente vai se ver livre desta raça, por, pelo menos, 30 anos". – **Jorge Bornhausen, presidente do PFL, referindo-se ao PT - O Globo, 27-8-05.**

A Escola da Biomassa e o Capitalismo Videofinanceiro Colonial

Por Gilberto Felisberto Vasconcellos

A escola da biomassa e o capitalismo videofinanceiro colonial será o tema do evento **IHU Idéias** do próximo dia 1º de setembro, a ser conduzido pelo Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos, que é professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, de Minas Gerais. Sociólogo pela USP, ele é doutor em Sociologia pela mesma universidade com tese intitulada *Ideologia Curupira*, e pós-doutor pela École Pratique Des Hautes Études (EPHE), França. É autor de diversos livros, entre eles: **O Príncipe da Moeda**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997; **O Poder dos Trópicos**. São Paulo: Casa Amarela, 1999 e **A salvação da lavoura: receita da fartura para o povo brasileiro**. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

Gilberto Vasconcellos participou do **Seminário Nacional A Era Vargas em Questão 1954 – 2004**, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004, na Unisinos, ministrando a conferência *Getúlio Vargas e a revolução brasileira*. Nessa ocasião, ele concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** número 112, de 23 de agosto de 2005.

O artigo que segue, foi elaborado pelo professor especialmente para a **IHU On-Line**, comentando o tema da palestra que apresentará no evento da próxima quinta-feira. Ele também será responsável por conduzir a tarde de estudo sobre a obra de Luís Câmara Cascudo no **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, no mesmo dia. Sobre esse tema, confira nesta edição uma entrevista com o professor Vasconcellos.

É preciso explicar que, por escola da biomassa, designo (tal como se diz da escola de Frankfurt, da escola de Chicago) o pensamento sobre a energia vegetal e a tecnologia autóctone, elaborado pelos cientistas brasileiros J.W. Bautista Vidal⁴¹ e Marcelo Guimarães⁴².

⁴¹ José Walter Bautista Vidal: engenheiro baiano, com pós-graduação em Física pela Universidade de Stanford (EUA). Foi professor universitário, secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, secretário de Tecnologia Industrial e principal implementador do Programa Nacional do Alcool. Atualmente, vive em Brasília e presta consultoria a diversos organismos internacionais e nacionais. É autor de numerosos livros, entre os quais citamos *Poder dos Trópicos - Meditação sobre a alienação energética na cultura brasileira*. Casa

Biomassa: bio=vida, massa=volume. É a energia concentrada nas plantas (cana-de-açúcar, mandioca, dendê, babaçu), de onde se extrai o combustível que irá, necessariamente, substituir o petróleo, o qual é fóssil, finito e poluente, enquanto os derivados da biomassa são renováveis e limpos.

Amarela, São Paulo: 1998 e *Brasil, civilização suicida*. Brasília: Nação do Sol, 2000. **IHU On-Line** entrevistou Bautista Vidal na 67ª edição, de 7 de julho de 2003. Na próxima edição de nossa revista semanal, confira uma entrevista exclusiva com professor. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴² Marcelo Guimarães de Mello: geólogo mineiro considerado o herdeiro de João Guimarães Rosa na geologia. (Nota da **IHU On-Line**)

Existe também a lenha, a biomassa florestal, além do carvão vegetal, ou seja, trata-se de um arco energético sólido, gasoso e líquido. Isso quer dizer o seguinte: tudo, absolutamente tudo o que se faz na indústria e transporte com petróleo e petroquímica, pode ser feito – e melhor – com o álcool e os óleos vegetais, ou seja, a álcoolquímica.

A questão energética e tecnológica relaciona-se à geografia, ao território, enfim, à política, porque a energia vegetal é rica nos trópicos, e não nos países hegemônicos que tiveram petróleo ou foram buscá-lo na terra dos outros.

Então, o que se delineia neste século XX é que o Hemisfério Norte está na penúria energética, assistindo ao acaso do petróleo e à interdição ecológica de se usar o poluente carvão mineral, enquanto o trópico detém a fonte eterna do futuro energético por causa da

incidência solar e da abundância de água doce.

O capitalismo videofinanceiro é o atual estágio do imperialismo em que se conjuga a televisão e o capital especulativo do banco. Esse enclave econômico, operado pelo combustível fóssil, coloca enormes obstáculos à utilização soberana e popular da biomassa energética por parte dos países dos trópicos. O Brasil é o maior país tropical. Os governos, inclusive o atual, ficam atados, de braços cruzados diante da possibilidade de se erguer aqui uma bela e solidária civilização dos trópicos, e não meramente nos trópicos.

Moral da história: o capitalismo videofinanceiro colonial impede que o objeto de estudo da escola da biomassa floresça. O pior é que os intelectuais e as universidades, ao invés de se aperceberem do espaço e tempo tropicais, reproduzem a decrépita ideologia do imperialismo fóssil.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de setembro

08 de setembro - "Inteligência Artificial: desafios contemporâneos da robótica" – Prof. MS Farlei Jose Heinen - Unisinos

15 de setembro - "Novos serviços utilizando tecnologias da informação: oportunidades para o Brasil" - Prof. Dr. Paulo Bastos Tigre - UFRJ/RJ

22 de setembro - "Ética e sentimentos morais" - Prof. Dr. Thomas Kesselring - Universidade de Berna – Suíça

29 de setembro - "Religião e Juventude"- Prof.^a Dr.^a Léa Freitas Perez – UFMG

A ciência do povo brasileiro. A obra de Câmara Cascudo

Entrevista com Gilberto Vasconcellos

O professor Dr. Gilberto Vasconcellos, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, de Minas Gerais será o responsável pela apresentação do tema A ciência do povo brasileiro, tendo como base a obra de Luís da Câmara Cascudo. O evento acontecerá na próxima quinta-feira, dia 1º de setembro,

das 14h às 17h, na sala 1G119, junto ao IHU. Confira mais informações sobre o professor na nota sobre o evento IHU Idéias, nesta edição.

A entrevista que segue aproxima os leitores do tema que será discutido no evento de quinta-feira à tarde, e foi concedida por e-mail, na última semana.

IHU On-Line - É difícil não se lembrar de Luís da Câmara Cascudo quando o assunto é “costumes brasileiros”. Qual o principal legado deste autor considerado umas das maiores autoridades em folclore nacional?

Gilberto Vasconcellos - O maior legado de Cascudo é a investigação sobre a cultura do povo brasileiro. São 150 livros. Um melhor do que o outro. Nenhum chute. Nenhum improviso. Tudo rigorosamente científico, escrito num estilo sublime, aliás é o melhor escritor das ciências humanas.

IHU On-Line - Que características compõem a “ciência brasileira”?

Gilberto Vasconcellos - Não há ciência brasileira. Ciência é universal. O que há são especificidades nossas. Lembro o velho Cascudão que dizia que todo mundo tem coração, mas o ritmo cardíaco é diferente em cada um.

IHU On-Line - Como é possível que ele tenha sido o único estudioso em sua especialidade com uma visão verdadeira de nosso folclore, mesmo tendo vivido por quase nove décadas, somente no Rio Grande do Norte?

Gilberto Vasconcellos - Cascudo viajou por todos os lugares e, aí mesmo no Rio Grande do Sul, publicou um livro sobre Dante. Magnífico! Tinha vários amigos gaúchos. Correspondia com Deus e o mundo. Sabia escrever carta como ninguém, nem o Pe. Antônio Vieira chega perto.

IHU On-Line - E como o jornalismo o vê como o primeiro jornalista a escrever crônicas sobre manifestações populares?

Gilberto Vasconcellos - O jornalismo não vê nada. Cascudo passou em brancas nuvens pelo jornalismo, pelas ciências humanas e pela filosofia também. Quantas teses já foram escritas sobre Mário de Andrade? Nenhuma sobre o Cascudo! Loucura, Horácio, Loucura!

IHU On-Line - Quais eram as técnicas que o professor Cascudo utilizava para estabelecer comparações e reunir novas informações sobre hábitos e costumes do povo brasileiro?

Gilberto Vasconcellos - As técnicas são várias: desde a capacidade de ouvir o povo, 60% aprendendo ouvindo, o restante lendo. Dotado de ouvido excepcional, ouviu o desejo do povo, tal qual Heitor Villa-Lobos, ambos amigos, sendo Cascudo “pianeiro”, tocador de piano de ouvido. Trouxe comparações de costumes de vários lugares, por exemplo; a dança de Moçambique não existe em Moçambique, o gosto de dar bananas como gesto obscuro, beijar o chão, a mulher, a criança. Trocou correspondência e aprendeu na universidade da vida. Ele dizia que não tinha método, mas escreveu um alentado volume *Civilização e Cultura* com 600 páginas. Manejou as análises antropológicas do difusionismo, do paralelismo e do estruturalismo. Escreveu que, na jangada do nordestino, havia 3 traves atadas entre si.

IHU On-Line - Quais as maiores contribuições das obras *Dicionário do Folclore Brasileiro*, *Antologia do Folclore Brasileiro* e *Contos Tradicionais do Brasil*. O senhor destacaria mais algum livro das 160 obras de Câmara Cascudo que tenha um importante papel na descrição e construção da “ciência brasileira”?

Gilberto Vasconcellos – Tudo do Cascudo é bom. Qualquer livro. De História de Mossoró a Anúbis e Outros Ensaios. Existe o livro de sua lavra, chamado Tradição Ciência do Povo, a mais importante interpretação da cultura brasileira. Nele se destaca o ensaio acerca da superstição que não tem equivalente intelectual no mundo civilizado. Empiricamente, o povo não sobrevive se não na obra de Luís da Câmara Cascudo.

IHU On-Line - O nome de Câmara Cascudo se tornou uma legenda no estudo do saber do povo. De que forma o povo brasileiro hoje é influenciado pelas obras desse autor?

Gilberto Vasconcellos – Cascudo ainda está no ostracismo em sua própria terra, de modo que ele não influenciou o povo. Na verdade, foi o povo quem o influenciou. Era preciso a iniciativa editorial de um Che Guevara para publicar a obra do mestre à maneira de Dom Quixote em Cuba. A esperança talvez esteja em Hugo Chavez na Venezuela, traduzindo a obra completa do mestre, Von Kaskudo.

IHU On-Line - O senhor gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Gilberto Vasconcellos – Não digo nada, nem me foi perguntado. Às vezes, Luís da Câmara Cascudo terminava assim quando estava a fim de por um ponto final em seus textos.

A eclesiologia do Concílio Vaticano II

Mais uma edição do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II** foi realizada no último dia 25 de agosto de 2005. Na ocasião, o padre Cleto Caliman falou sobre os avanços e impasses atuais da eclesiologia do Concílio Vaticano II. Ele analisou um dos grandes documentos emanados do Concílio Vaticano II, a *Lumen Gentium* (Luz dos Povos). Sobre os 40 anos desse documento, *IHU On-Line* entrevistou, na matéria de capa da 124ª edição, de 22 de novembro de 2004, Dom Aloísio Lorscheider, Dom Boaventura Kloppenburg, Álvaro Barreiro, Ronaldo Muñoz e o próprio Caliman.

Cleto Caliman, padre salesiano, é professor no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte. Ele concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* na 152ª edição, de 22 de agosto de 2005, sobre o tema do evento que apresentou na semana passada. A próxima etapa do evento, que terá como tema *O Concílio Vaticano II e as novas hermenêuticas bíblicas*, acontecerá dia 25 de agosto. A palestra será ministrada pela professora doutora Lúcia Weiler, da ESTEF, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Entrevista com Achyles Barcelos

Professor titular no Centro de Ciências Econômicas da Unisinos, o Prof. Achyles Barcelos da Costa é mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele apresentará o tema *Desenvolvimento econômico no capitalismo: a visão de Schumpeter* no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, no próximo dia 31 de agosto, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, em Porto Alegre.

Joseph Alois Schumpeter (1883 –1950) foi um dos mais importantes economistas do século XX. Nasceu na cidade de Triesch, (à época, parte do Império Austro-Húngaro, atualmente na República Checa), em 1883, no mesmo ano da morte de Karl Marx e do nascimento de John Maynard Keynes. Começou a lecionar Antropologia em 1909, na Universidade de Czernovitz (hoje na Ucrânia) e, três anos mais tarde, na Universidade de Graz. Em março de 1919, assumiu o posto de ministro das Finanças da República Austríaca, permanecendo por poucos meses nesta função. Em seguida, assumiu a presidência de um banco privado, o Bidermannbank de Viena, que faliu em 1924. A experiência custou a Schumpeter toda a sua fortuna pessoal e deixou-o endividado por alguns anos. Depois desta passagem desastrosa pela administração pública e pelo setor privado, decidiu voltar a lecionar, desta vez na Universidade de Bonn, Alemanha, de 1925 a 1932. Com a ascensão do nazismo, teve que deixar a Europa, e viajou pelos Estados Unidos e pelo Japão, mudando-se, em 1932, para Cambridge (Massachusetts, EUA), onde assumiu função de docente na Universidade de Harvard. Permaneceu lá até sua morte em 8 de janeiro de 1950. Schumpeter não era considerado pelos alunos um professor muito bom, pois costumava resumir muita coisa a cada palestra; porém, adquiriu vários leais seguidores.

O mesmo tema será apresentado na Unisinos, dia 15 de setembro, pelo professor Paulo Bastos Tigre, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A entrevista que segue foi concedida pelo professor Achyles, por e-mail, na última semana. Nela, ele adianta os caminhos que irá percorrer em sua explanação da próxima quarta-feira. Também no intuito de melhor embasar a temática do evento, traduzimos e publicamos, após a entrevista do professor Achyles, um artigo sobre Joseph Schumpeter, de autoria de Gilles Dostaler, publicado na revista *Alternatives Économiques*, de janeiro de 2004.

IHU On-Line - Quais as maiores contribuições de Schumpeter para a Economia?

Achyles Barcelos - Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) foi um pensador original e criativo, deixando sua marca na história do pensamento econômico. Os seus estudos buscam desvendar a dinâmica daqueles elementos caracteristicamente econômicos do capitalismo. Enxerga esse modo de produção, movendo-se por meio de rupturas e desequilíbrios. Ou seja, para ele, o fato observável na sociedade capitalista de que esse sistema evolui economicamente de maneira cíclica, alternando períodos de desaceleração e de prosperidade, tem como causa movimentos oriundos em seu próprio interior. Os fatores básicos que geram essas mudanças são o que ele chamou de “novas combinações”, ou inovações (novos produtos, novos processos, etc.). Schumpeter colocou, assim, o progresso técnico no centro da análise para se compreender o desenvolvimento econômico.

IHU On-Line - Como o pensamento desse economista pode ajudar a compreender a sociedade contemporânea?

Achyles Barcelos - A sociedade contemporânea vem passando por profundas transformações, particularmente a partir do último quartel do século XX. No cerne dessas modificações, sem dúvida alguma, encontra-se o estabelecimento de um novo paradigma tecnológico, associado às inovações da chamada III Revolução Industrial. Embora não se pretenda um reducionismo tecnológico, o desenvolvimento e a difusão de tecnologias de informação e comunicação, os avanços na área da biotecnologia e o surgimento de novos materiais têm impactado a sociedade em variadas dimensões, mesmo que impressionisticamente percebem-se os efeitos que essas inovações têm no dia-a-dia das pessoas. O computador, a Internet e outras

tecnologias de base microeletrônica, bem como a compreensão do código genético, que permite ao homem influir no próprio desenvolvimento da vida, modificam as relações sociais e a própria maneira que os homens produzem sua vida material. Schumpeter nos fornece um instrumental teórico de modo que possamos compreender esses fenômenos de maneira organizada.

IHU On-Line - Em que sentido o pensamento de Schumpeter pode ajudar a compreender a situação socioeconômica brasileira atual?

Achyles Barcelos - As idéias de Schumpeter têm um caráter de universalidade, aplicando-se a diferentes formações econômicas capitalistas. Embora, como se disse na resposta anterior, nem tudo possa ser reduzido à ação do progresso técnico, a economia brasileira carece, ainda hoje, de domínio tecnológico, mostrando-se limitada na geração, adaptação e difusão de novos conhecimentos, fatores esses fundamentais no processo de desenvolvimento econômico na ótica de Schumpeter. Em um mundo em que a produção de novos conhecimentos é o motor da geração de riquezas, o Brasil encontra-se em uma posição retardatária. Essa situação explica, em parte, o porquê de sua inserção sem maior expressão na divisão internacional do trabalho.

IHU On-Line - Schumpeter não acreditava no futuro do capitalismo, pensando que o mesmo estava especialmente ameaçado pelo desaparecimento dos empresários. Embora sua conclusão não se tenha verificado, por que é tão interessante analisá-la?

Achyles Barcelos - Desde logo, convém sublinhar que Schumpeter não estabeleceu um limite temporal para a vigência desse sistema de produção. A proposição do “fim da história” deve ser considerada apenas

como uma hipótese, e não como um fato consumado. Schumpeter chega à conclusão de que o ocaso do capitalismo deriva de sua análise teórica, assim como fez Marx⁴³. Schumpeter tinha plena consciência das limitações dos prognósticos. Entretanto, segundo ele, para não enveredar em profecia, é preciso ter presente fatos e argumentos. Afirmava que a análise econômica nos indica apenas tendências de algo que se observa hoje e, a partir daí, o que aconteceria no futuro caso essas tendências permanecessem. O futuro em si, obviamente, é incerto, mas isso não significa que sobre ele nada possa ser dito. É por isso, entre outros motivos, que estudar Schumpeter continua sendo atual.

IHU On-Line - Schumpeter extraiu elementos das visões marxista, neoclássica, walrasiana cambridgeana, para construir uma síntese original e evolucionária, chamada "schumpeteriana". Como seria essa síntese?

Achyles Barcelos - A originalidade da obra de Schumpeter não está na síntese que, porventura, tenha feito com outras contribuições, mas em desenvolvimentos próprios. Isso não significa afirmar que tenha sido refratário às idéias de outros analistas. Schumpeter, como pensador sério, concordava ou discordava de outros autores não por ideologia, mas naquilo que suas teorias ajudavam na compreensão da realidade. É o caso em relação a Marx. Estudou a obra de Marx, procurando estabelecer os seus limites e alcances. É

⁴³ Karl Heinrich Marx (1818 – 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof^a Dr^a Leda Maria Paulani, no último dia 23 de junho. O *Caderno IHU Idéias*, edição número 41, teve como tema "A (anti)filosofia de Karl Marx", com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**).

interessante mencionar esse ponto, pois Schumpeter não se considerava marxista nem nutria simpatias pelo socialismo. A sua conclusão sobre a tendência do sistema ao socialismo era resultado de análise, e não de desejos ou fé. Daí sua concordância com Marx, a quem admirava como intelectual. Contudo, essa concordância sobre o fim do capitalismo era apenas quanto ao resultado, não em relação às causas. Essas, para ele, eram decorrentes das virtudes do sistema e não de suas contradições como afirmava Marx. Em relação à teoria neoclássica, Schumpeter a considerava inadequada para interpretar o desenvolvimento econômico, dada a sua natureza estática e de equilíbrio. Tinha Leon Walras⁴⁴ em alta conta, mas avaliava que o seu sistema de análise não explicava as mudanças econômicas. Schumpeter possuía vasto conhecimento e procurava estar a par dos assuntos sobre Economia. Isso transparece em sua *História da Análise Econômica*, publicada postumamente em 1954.

IHU On-Line - De que forma o senhor vê Schumpeter como prático da transdisciplinaridade, levando em conta que ele considerava dever a análise econômica ser estreitamente ligada a outras disciplinas, tais como a história, a sociologia, a psicologia e a teoria política, contribuindo, ele mesmo, com vários campos do saber?

Achyles Barcelos - Indubitavelmente, Schumpeter transitou por diferentes áreas do

⁴⁴ Léon Walras (1834-1910): economista e engenheiro, fundador da Escola de Lausanne, base do neoliberalismo. Criou as teorias do equilíbrio econômico. Fundou a *economia pura*, refletindo sobre um modelo ideal, matematicamente determinado, estabelecendo conceitos como os de monopólio, oligopólio e concorrência perfeita. O equilíbrio geral consegue-se por meio de uma concorrência sem restrições, obtendo-se uma espécie de regresso à ordem imutável. Substituiu a noção de causa pela de função. Escreveu *Éléments d'Économie Politique Pure* (1874) e *Théorie Mathématique de la Richesse Sociale* (1883). (Nota da **IHU On-Line**).

conhecimento, sabendo retirar ensinamentos de distintas disciplinas. Capitalismo, Socialismo e Democracia⁴⁵ talvez seja a sua obra em que apareça de maneira mais clara a articulação dessas fontes de conhecimento. Ali, conceitos de economia são mesclados com categorias analíticas retiradas da sociologia, da política e de outras disciplinas para compreender a trajetória do capitalismo. Assim, para ele, um bom economista deveria não só ter domínio de teoria econômica, mas também fazer uso de instrumental matemático-estatístico e conhecer história.

IHU On-Line - A análise da moeda e do crédito constitui uma contribuição central da obra de Schumpeter. Como isso aparece na sua obra e no seu legado?

Achyles Barcelos - De fato, o crédito desempenha para Schumpeter um papel central no desenvolvimento econômico. À semelhança de Keynes⁴⁶, para ele a parcimônia não era a fonte dos recursos utilizados no financiamento. O capitalismo funciona endividado. Os bancos desempenham papel relevante no sistema em sua tarefa de criar poder de compra e carrear esses recursos para investimentos em “novas combinações”. O excedente, gerado por esses investimentos, é que vai sacramentar ex post aquele poder de compra criado ex ante. Essa é uma abordagem não trivial, contrastando com o pensamento convencional e de senso comum.

⁴⁵ SCHUMPETER, J. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁶ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e um artigo no *Cadernos IHU Idéias* número 37, de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Que teorias econômicas contemporâneas se inspiram em Schumpeter?

Achyles Barcelos - Modernamente, tem se difundido uma corrente de pensamento econômico que tem em Schumpeter a sua fonte de inspiração: são os chamados “neoschumpeterianos”, ou evolucionários. O que esses economistas buscam fazer é teorizar o progresso técnico, ou seja, encontrar os determinantes econômicos dessa fonte de “destruição criadora”, para usar a expressão de Schumpeter.

Joseph Schumpeter ou a dinâmica do capitalismo

O artigo que segue, por nós traduzido, foi publicado na revista **Alternatives Économiques**, nº 221, janeiro de 2004. O autor é Gilles Dostaler, historiador de economia e professor na Universidade de Québec, em Montreal, Canadá, e também colaborador da revista **Alternatives Économiques**. Publicou recentemente o livro **Keynes et ses combats** (ed. Albin Michel), sobre o qual reproduzimos uma entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005. Sua especialidade é a história do pensamento econômico, sobre a qual já publicou uma dezena de livros e numerosos artigos. De Gilles Dostaler também publicamos quatro artigos, um sobre Malthus e um sobre David Ricardo, na 138ª edição, de 25 de abril de 2005, outro sobre Keynes, na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e outro sobre Veblen, na 151ª edição, de 15 de agosto de 2005. Para ele, Joseph Schumpeter, que pôs em evidência o papel do empresário, estava convencido de que o capitalismo estava condenado.

Joseph Schumpeter é um personagem complexo e contraditório. Conservador e elitista, ele se uniu aos seus amigos marxistas no seio da Comissão de socialização alemã e se tornou, por pouco tempo, ministro das Finanças de um governo de maioria social-democrata. Personalidade ardente, amante do luxo, provocador e “*enfant terrible*”, como ele mesmo se descrevia, ele estava sujeito a períodos de depressão profunda. Quando banqueiro, contraiu uma enorme dívida, que durou uma boa parte de sua vida. Ele tinha o hábito de dizer aos seus alunos americanos que, sendo jovem, ele decidira tornar-se o melhor amante da Áustria, o melhor cavalheiro da Europa e o maior economista do mundo, acrescentando que ele falhara no segundo objetivo. Hostil ao intervencionismo keynesiano e ao *New Deal*⁴⁷ de Roosevelt, ele, ao mesmo tempo, estava convencido de que o capitalismo estava condenado e que o socialismo venceria. Durante sua vida, ele manteve com Marx, que ele considerava, com Walras⁴⁸, como o maior economista, uma relação de amor e ódio. Ele censurava

Keynes⁴⁹, ao qual ele se assemelhava sob mais de um aspecto, de lhe haver, por duas vezes, tirado o chão de seus pés com seu *Treatise on Money* e sua *Teoria geral*.

Não se pode classificar em nenhuma teoria este pensador, a quem repugnava a idéia de organizar uma escola em economia. Formado pelos economistas da Escola austríaca, ele era considerado por estes últimos, de maneira justa, como um dissidente. Admirador de Max Weber⁵⁰, ele era crítico quanto à aproximação neoclássica, tanto walrasienne quanto cambridgeana, sem, no entanto, aderir ao institucionalismo ou ao marxismo. Na realidade, ele extraiu elementos de todas essas

⁴⁹ Conferir nota de rodapé anterior. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵⁰ Maximilian Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU Em Formação** nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrará a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁷ New Deal: nome dado às reformas executadas por Roosevelt nos EUA., a partir de 1933, que consagrava certa intervenção do Estado nos domínios econômico e social. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴⁸ Conferir nota de rodapé anterior. (Nota da **IHU On-Line**)

visões, para construir uma síntese original, que se qualifica, por vezes, de “schumpeteriana” ou ainda, de evolucionária. Ele considerava que a análise econômica devia ser estreitamente ligada a outras disciplinas, tais como a história, a sociologia, a psicologia e a teoria política. Ele mesmo contribuiu com vários campos do saber. Ele foi um dos maiores historiadores das idéias econômicas. Ele começou sua carreira com trabalhos neste tema e a terminou com um tomo de erudição, inacabado, de mais de mil páginas densas, a *História da análise econômica*, referência incontornável.

Inovação, empresário e crédito

Schumpeter admira esse edifício intelectual impressionante, que é a teoria do equilíbrio geral de Walras, mas ele lhe censura ser incapaz de dar conta do movimento do capitalismo, de seu crescimento e de sua evolução. A *Teoria da evolução econômica*, que ele publica aos 28 anos, visa a cobrir essa lacuna. O investimento ocupa um lugar central na mecânica do capitalismo. Schumpeter distingue um investimento induzido, que depende de lucros realizados anteriormente, de um investimento autônomo, cujo movimento explica as flutuações econômicas. Este último está ligado às inovações, conceito chave da análise schumpeteriana. As inovações não devem ser confundidas com as invenções, que não têm, em seu todo, significação econômica. Elas se manifestam por novas combinações nos métodos de produção, os bens, os mercados, as fontes de matéria-prima e as maneiras de organizar a produção. Neste último domínio, por exemplo, Schumpeter considera que a extensão das diversas formas de monopólio constitui uma das inovações maiores, e produtivas, do capitalismo contemporâneo. As inovações não suscitam automaticamente o crescimento. Dois personagens são necessários para que elas se transformem em investimentos reais: o empresário e o

banqueiro. O empresário desempenha o papel principal nessa peça. Ele não é um agente racional que calcula custos e benefícios. Ele é um personagem ambicioso, enérgico, inteligente, mas movido por seus impulsos, egocêntrico, com frequência não-conformista. É ele que capta as oportunidades, gera as inovações e as transforma em investimentos. Ele não pode, todavia, chegar até aí sozinho. A poupança previamente realizada jamais pode bastar para financiar os novos investimentos. O crédito é essencial. Este crédito é uma criação *ex nihilo* de moeda pelo banco. O banqueiro, com base na confiança que ele concede ao empresário, lhe avança os fundos necessários para realizar os seus projetos. Ele será remunerado pelo juro, que constitui uma punção sobre o lucro. A moeda efetua, assim, um circuito, do qual o banco é o ponto de partida. A análise da moeda e do crédito constitui uma contribuição central da obra de Schumpeter. Nos anos 1920, ele assumiu a redação dum tratado sobre a moeda que ele jamais concluiu, entre outras razões porque Keynes se lhe antepôs com o seu *Treatise on Money* [Tratado sobre o dinheiro]. *L'essence de la monnaie* (*Das Wesen des Geldes*) [A essência da moeda] foi publicado em 1970.

Ciclos econômicos e destruição criadora

O crescimento do capitalismo não é, e não pode ser, regular, sem sobressaltos. A história o mostra. Resta explicá-lo, Schumpeter presta aqui homenagem a Marx, que, por primeiro, mostrou que as crises eram uma consequência necessária da acumulação do capital. Elas não são incidentes de percurso devidos a choques exógenos ou a imperfeições do mercado, tais como o monopólio sindical. Elas são, ao contrário, endógenas, ligadas à própria natureza do capitalismo.

As inovações não aparecem de maneira regular e contínua. A um certo momento, os empresários mais dinâmicos lançam um movimento que outros, em seguida, imitam.

As inovações se expandem por “cachos” descontínuos. Elas provocam vagas de investimentos financiadas pela criação de crédito bancário, o que envolve expansão e crescimento cumulativos. Depois, gradualmente, os efeitos se atenuam, as inovações são menor performance, os lucros diminuem, os bancos começam a restringir o crédito face às empresas menos rentáveis. Inevitavelmente, crises e depressões se sucedem. Elas não somente constituem momentos necessários do desenvolvimento capitalista, mas são o solo sobre o qual avançarão novas ondas de inovações e de investimentos. Trata-se, assim, duma “destruição criadora”.

Em *Business Cycles*, Schumpeter mostra que o crescimento é caracterizado por um emaranhamento complexo de desenvolvimento em longo prazo e de três tipos de ciclos, batizados com o nome daqueles que primeiro os identificaram: Kondratiev (em torno de cinquenta anos), Juglar (em torno de dez anos) e Kintchin⁵¹ (em torno de quarenta meses).

O fim do capitalismo

Para repousar do *Business Cycles*, passado despercebido após a publicação da *Teoria geral*, de Keynes, Schumpeter escreve *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942).

⁵¹ A literatura econômica distingue três tipos de ciclos, de periodicidade desigual: o de Kondratiev, o de Juglar e o de Khintchin. O primeiro é o das chamadas “ondas largas”, ou ciclos de Kondratiev (em homenagem a Nikolai Dmitrievitch Kondratiev, economista russo que primeiro os apontou). Esses ciclos têm um período variável entre 54 e 60 anos. O primeiro, historicamente verificado, situa-se entre 1783 e 1842; o segundo, de 1842 a 1897; o terceiro ainda está em curso. Os ciclos de Juglar (por terem sido estudados por Clément Juglar, economista francês), têm duração de nove a dez anos; portanto, um ciclo de Kondratieff contém aproximadamente seis ciclos de Juglar. A um terceiro tipo pertencem os ciclos que têm duração de cerca de quarenta meses, ditos ciclos de Khintchin (por alusão ao matemático russo Aleksandr Lakovlevitch Khintchin), três dos quais constituem aproximadamente um ciclo de Juglar. (Nota do autor)

Nesta obra, ele anuncia que o capitalismo é um sistema condenado, ao qual o socialismo é chamado a suceder. As razões que ele expõe não são as de Marx, para quem o capitalismo será vítima do desenvolvimento de suas contradições econômicas. Para Schumpeter, são razões de ordem ideológica, política e sociológica que irão minar os fundamentos deste sistema. O capitalismo está condenado por causa de seus sucessos econômicos. De um lado, o dinamismo empresarial enfraquece, sendo os empresários substituídos por funcionários do capital. Do outro, cresce o rosar dos deixai-por-conta do sistema. Paralelamente, a ideologia socialista se impõe, cada vez mais, junto aos intelectuais. Os valores do capitalismo são postos em questão. Para serem reeleitos, os homens políticos cedem a essa opinião ambiental. É assim que o intervencionismo keynesiano e o *New Deal* de Roosevelt preparam o caminho ao inelutável declínio do capitalismo.

A queda dos regimes de tipo soviético e o ressurgimento do liberalismo clássico nos últimos decênios do século passado parecem enfraquecer as teses de Schumpeter. Todavia, sua análise da dinâmica capitalista, da inovação e do crédito aparece, aos olhos de muitos, como uma aproximação fecunda das tendências atuais. As teorias contemporâneas do crescimento endógeno se inspiram nele. A fundação, em 1986, da Internacional Joseph A. Schumpeter Society dá testemunho da grande audiência de sua obra.

Marcos biográficos:

- 1883:** nascimento em Triesch, no Império austro-húngaro.
- 1887:** falecimento de seu pai, industrial da área têxtil.
- 1893:** mudança para Viena, após o segundo casamento de sua mãe.
- 1901:** começa a estudar direito e economia na universidade de Viena, onde é aluno de Böhm-Bawerk e Wieser, fundadores da Escola austríaca. Ele participa dum seminário que reúne os teóricos marxistas Otto Bauer e Rudolf Hilferding.
- 1906:** doutorado em direito.
- 1907:** desposa Gladis Ricards Seaver na Inglaterra, onde permanece por um ano.
- 1907:** empregado por uma firma jurídica no Egito.
- 1908:** *La nature et l'essence de l'économie théorique.*
- 1909:** professor associado na universidade de Czernowitz.
- 1911:** professor na universidade de Graz. *Théorie de l'évolution économique.*
- 1913-1914:** professor convidado na universidade Colúmbia de Nova York.
- 1914:** *Esquisse d'une Histoire de la science économique.*
- 1919:** ministro das Finanças do governo austríaco de coalizão social-democrata e social-cristão, de março a outubro.
- 1920:** divórcio de Gladis.
- 1921:** presidente do Banco Biedermann, de Viena, que vai à falência em 1924.
- 1925:** professor de finanças públicas na universidade de Bonn. Casamento com Anna Reisiner.
- 1926:** decesso de sua mãe, de sua esposa e de seu filho recém-nascido.
- 1927-1928:** ensino em Harvard, aonde ele retorna em 1930 e participa da fundação da Sociedade de econometria.
- 1931:** ensino no Japão.
- 1932:** professor em Harvard.
- 1937:** presidente da Sociedade de econometria. Casamento com Elizabeth Boody, economista.
- 1939:** *Business Cycles.*
- 1942:** *Capitalismo, socialismo e democracia.*
- 1948:** presidente da American Economic Association.
- 1950:** morre aos 8 de janeiro de uma hemorragia cerebral em sua casa de Taconic, no Connecticut, no momento em que ele seria eleito primeiro presidente da nova Associação internacional de economia.
- 1954:** *História da análise econômica*, editada por Elizabeth Boody.
- 1970:** *L'essence de la monnaie.*

Uma expressão extrema da religiosidade e do fanatismo

Existe uma linha divisória entre a religiosidade e o fanatismo? Como as romarias transformam-se em instrumento de catarse de um povo esquecido? Essas e outras questões são respondidas na exposição fotográfica **Entre a Fé e a Febre: Retratos** do paraense Guy Veloso, 35 anos.

A mostra é um estudo que expressa a busca do sagrado em 20 retratos feitos em manifestações religiosas ocorridas no interior do país. O evento acontece em Brasília, de 8 de setembro a 23 de outubro, no Teatro Nacional Cláudio Santoro.

O autor faz, desde 1999, o registro periódico de romarias como as de São Francisco do Canindé (Ceará), Bom Jesus da Lapa (Bahia), Juazeiro do Norte (Ceará). Algumas de suas imagens já fazem parte do acervo de museus e galerias do país e do Exterior, inclusive, da coleção de arte latino-americana da University of Essex Collection, em Colchester, na Inglaterra. *IHU On-Line* conversou com Veloso por telefone, que falou sobre seu trabalho diretamente de Belém, no Pará, onde vive. Confira a entrevista:

IHU On-Line Existe uma linha divisória entre a religiosidade e o fanatismo?

Guy Veloso – Acho que sim. Sempre haverá os extremos. Na minha exposição, tento mostrar não o que divide, mas o que une os dois. As fotos são a expressão das condições mais extremas da religiosidade e do fanatismo. Por exemplo, nas romarias de Juazeiro do Norte, há pessoas que vão para um local chamado Santo Sepulcro onde existem muitas pedras grandes. Fica na zona rural da cidade. Eles passam entre as pedras para fazerem sacrifícios, como um ritual de iniciação. Marcelo Buainam, fotógrafo de Natal, diz que “a fé é a maior vaidade” dos romeiros menos favorecidos, que são a maioria, pois são pessoas que não têm nada. Estão ali, no êxtase, na alegria da romaria, e depois voltam para casa muito mais resignadas.

IHU On-Line O que lhe atraiu na imagem da religiosidade? Porque essa paixão?

Guy Veloso – Isso surgiu naturalmente. Fotógrafo desde 1989 e comecei a ver, olhando meus contatos depois de dois, três anos, que a maioria das fotos abordava a religiosidade. Isso acabou sendo uma expressão de uma busca minha religiosa. Já fiz o caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, já fui à Índia. Não sei o que começou primeiro: a busca ou as fotos, mas isso se reflete no meu trabalho. Sobre o caminho de Santiago, lancei um livro de texto e fotos intitulado *Via Láctea*, pela editora Tempo de Imagens, e que já está na quinta edição. Ir à Índia me levou a várias exposições individuais, inclusive à Bienal de Curitiba, em 1998, e ao Colóquio Fotográfico de Havana, em Cuba, no mesmo ano.

IHU On-Line Qual é o contexto antropológico do seu trabalho?

Guy Veloso – Não quero fazer um trabalho só artístico, pegando os ângulos mais bonitos ou mostrando ao máximo a alma das pessoas.

Quero também saber a história delas. Tento conversar com elas e anotar tudo o que percebo e o que elas falam. Quem sabe isso venha a servir de objeto de estudo daqui a alguns anos. Além do acervo fotográfico que deve ter mais de 500 filmes batidos, tenho 35 horas de gravações em vídeo e anotações das minhas concepções em torno do movimento religioso no Norte e Nordeste.

IHU On-Line- O que o senhor vai fazer com esse material?

Guy Veloso - A exposição dos retratos surgiu de uma ansiedade minha em mostrar algo e de convites de vários curadores para que eu colocasse na rua o projeto Romarias. No final de dez anos, penso em fazer um livro, com patrocínio. Penso também em um documentário. Essas fotos foram feitas durante sete anos. Escolhi somente os retratos: as pessoas que pararam e posaram

para mim. Mas isso é apenas uma parte do projeto.

IHU On-Line- Quanto tempo o senhor passa viajando por ano?

Guy Veloso - Durante a quaresma, fico direto 40 dias sem voltar. É a melhor hora para encontrar as pessoas dispostas em procissões ou rezando. Vou aos locais de um Brasil profundo, passando até por estradas de terra. Durante o ano, faço mais umas seis viagens de final de semana para pontos de romaria no Brasil. Quando retorno às cidades, muitas vezes, encontro romeiros que já fotografei, e dou a foto de presente para eles. Há pessoas que não têm foto sua em casa. Vira uma coisa muito especial.

IHU On-Line- Qual é a próxima viagem?

Guy Veloso - Será a Romaria de Nossa Senhora das Dores, de Juazeiro do Norte, no Ceará, no dia 15 de setembro.

Violência X Cultura da Paz – Preparando o referendo sobre o desarmamento

O tema desarmamento esteve em debate na Unisinos, no último dia 24 de agosto, durante a conferência *Vamos construir uma cultura da paz*, ministrada pela Prof.^a Dr.^a An Vranckx, da Bélgica. A palestra também foi proferida no Colégio Anchieta, de Porto Alegre, no dia 23 de agosto.

Publicamos um artigo da professora An Vranckx e uma entrevista com Lúcio Jorge Hammes, doutor em Educação e membro da Organização Não-Governamental Educadores Para Paz, na 152ª edição da **IHU On-Line**, de 22 de agosto de 2005.

Peões, de Eduardo Coutinho, na Unisinos

O Instituto Humanitas Unisinos, por meio do Projeto *Cinema BR em Movimento*, promove na próxima semana a exibição do filme *Peões*, de Eduardo Coutinho. A projeção acontecerá no dia 31 de agosto, das 16h às 18h30min, na sala 1G119 - IHU, na Unidade de Ciências Humanas da Unisinos, incluindo o debate posterior, que será conduzido pelo Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira, professor e coordenador do curso de História da Unisinos. O evento é gratuito e aberto à comunidade acadêmica e em geral.

O filme conta a história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que lideraram o movimento grevista de 1979 e 1980. Concluído pouco antes da vitória do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2002, o documentário fala das origens desses trabalhadores, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então.

Segundo Eduardo Coutinho, *Peões* resgata a memória do movimento sindical do ABC paulista através de seus protagonistas ocultos. “O filme fala de 21 homens e mulheres comuns que participaram ativamente daquelas greves, mas desde então viveram à margem da história oficial, da história do poder e dos poderosos, dos que mandam”. A memória das greves, portanto, vai sendo traçada por cada um dos anônimos presentes no filme. A reconstrução da narrativa é intercalada por cenas breves do período citado em que Lula, seu maior protagonista, discursa nos grandes comícios da época. As aparições de Lula equilibram a estrutura do documentário no que diz respeito às suas duas construções históricas: uma que vem da vida cotidiana, residual e fragmentária do homem simples e a outra que se tornou oficial, mítica e universal, e que teve o Lula como sujeito histórico principal. *Peões* é o encontro da História com a sua manifestação no vivido, nem sempre harmônico e nem sempre coincidente.

O filme recebeu duas indicações ao Grande Prêmio Cinema Brasil, nas categorias de Melhor Diretor e Melhor Documentário, além de ganhar o Candango de Ouro de Melhor Filme no Festival de Brasília.

O debate sobre este documentário já apareceu nas páginas da *IHU On-Line* em duas edições, na 148ª edição, de 4 de julho de 2005, com um comentário de Amir Labaki, e na 123ª edição, de 16 de novembro de 2004, com um artigo de Jurandir Freire Costa.

Entreatos e Peões

O IHU está providenciando a exibição do documentário **Entreatos** de João Moreira Salles, pois acredita que o documentário **Peões** precisa ser visto juntamente com **Entreatos**. A partir dos dois pode-se entender melhor a atual crise política.

Idade Média e Cinema

No próximo sábado, dia 3 de setembro, começará mais um novo evento promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos. O curso **Idade Média e cinema** acontecerá todos os sábados pela manhã, até o dia 12 de novembro de 2005, sempre das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU.

O objetivo geral do curso é oportunizar o contato com obras cinematográficas de significativa importância para o estudo do cinema como arte, documento e representação da história. E o objetivo específico é possibilitar aos estudantes, professores e interessados uma leitura e atualização sobre abordagens alternativas em História Medieval, contemplando a relação do cinema com a História. Será fornecido certificado a todos os que tiverem, no mínimo, 75% de frequência.

O investimento é de R\$ 100,00 para profissionais, R\$ 80,00 para estudantes e R\$ 50,00 para alunos do curso de História (currículo 4) da Unisinos.

A Idade Média através do cinema

Entrevista com José Rivair de Macedo e José Alberto Baldissera

A primeira palestra do evento **Idade Média e cinema**, no dia 3 de setembro, será sobre *A Idade Média através do Cinema* com os professores Dr. José Rivair de Macedo, da UFRGS, e Dr. José Alberto Baldissera, da Unisinos.

José Rivair Macedo é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Graduado em História, é doutor em História Social pela USP. Obteve também pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. É autor de diversos livros, entre os quais citamos *A Mulher Na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002 e *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

José Alberto Baldissera é professor no curso de História da Unisinos. Graduado em Filosofia e em Letras, é mestre e doutor em Educação pela PUCRS. O professor é

autor de, entre outros, *História do Pensamento Humano*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.

Ambos os professores foram entrevistados pela *IHU On-Line* por e-mail. Confira:

IHU On-Line - Como vocês vêem a mudança de olhar da sociedade contemporânea sobre a Idade Média?

José Rivair - Não tenho certeza se o modo de olhar mudou. Para mim, tal qual no passado, a Idade Média continua a ser vista não pelo que ela foi, mas pelo que poderia ter sido. Quer dizer, a Idade Média lembrada hoje nas mídias, na literatura e mesmo nas artes é um tempo mitificado, interessando mais certas imagens esteticamente em consonância com os anseios atuais do que um tempo efetivamente histórico, vivido, que um dia possuiu concretude. Por isso, estabeleço sempre a distinção entre uma Idade Média histórica e uma Idade Média imaginada, e, no caso atual, seria mesmo o caso de falar de uma “Idade Média fantasiada”. Isso quer dizer que, para nossa sociedade de consumo, ávida por imagens que lhe permita evadir-se do cotidiano, a Idade Média funciona como um repositório de temas míticos, românticos, bélicos e propriamente imaginários. Fora desta perspectiva “midiática”, o período histórico continua a interessar pelo que legou à história das atuais nações européias e para a própria formação da Europa. No caso de países como o Brasil, tal período continua a interessar pelo que significou na formação dos povos que para cá trouxeram suas experiências e suas vivências, implantando-as em nosso território no período colonial.

Baldiessa - A Idade Média tem sido muito valorizada e, também, muito mitificada, pois nela se organizam aspectos importantes dos fundamentos da Civilização Ocidental. Também é valorizada por causa dos novos olhares sobre a História, isto é, a história do imaginário, do cotidiano, das mentalidades, onde se procura abranger aspectos da História não só do ponto de vista econômico e político, mas também de toda sua abrangência cultural e social. A Idade Média

ofereceu esse grande filão, explorado por grandes medievalistas como Jacques Le Goff⁵², Georges Duby⁵³, Johan Huizinga⁵⁴, entre outros; e, no Brasil, Hilário Franco Júnior⁵⁵, entre outros. Umberto Eco contribuiu bastante com seu romance histórico *O Nome da Rosa* para essa nova visão da Idade Média, vertido inclusive para o cinema.

IHU On-Line - Como a Idade Média retratada no cinema ajuda a compreender a história desse período?

⁵² Jacques Le Goff: medievalista considerado um dos principais expoentes da história das mentalidades. Nascido na França em 1924, formou-se em história e logo se integrou à escola dita das *Annales*, revista da qual é atualmente co-diretor. Presidente, de 1972 a 1977, da VI Seção da École des Hautes Études en Sciences Sociales, é diretor de pesquisa no grupo de antropologia histórica do Ocidente medieval dessa mesma instituição. Entre outras altas distinções, Le Goff recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pela primeira vez atribuída a um historiador. Boa parte de sua obra, está ao alcance do leitor brasileiro, traduzida para o português, como, por exemplo, *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980; *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. Lisboa: Gradiva, 1982; e *A civilização no Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ Georges Duby (1919-1996): historiador francês, especializado em Idade Média. Entre seus livros publicados em português citamos *História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; e *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ Johan Huizinga (1872-1945): filósofo e historiador holandês, foi reitor da Universidade de Leyden. É conhecido por seu trabalho na história da cultura da Idade Média. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ Hilário Franco Júnior: historiador especialista em História da Idade Média, disciplina que ensina há vários anos na Universidade de São Paulo. A maior parte de suas publicações também tem como tema a História Medieval, dentre elas duas premiadas com o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (*A Eva barbada - Ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da USP, 1996; e *Cocanha - A história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

José Rivair - A Idade Média retratada no cinema ajuda mais a compreender a história contemporânea do que a história medieval propriamente dita. Alguns filmes de reconstituição histórica primam pela fidelidade no que diz respeito ao figurino e ao cenário, e, por vezes, na referência a acontecimentos efetivamente históricos. Nesse aspecto, alguns filmes recentes que retratam a Idade Média conseguem ultrapassar certos clichês cinematográficos de até pelo menos a metade do século XX, por exemplo, apresentando os vikings com elmos ornados, com chifres, ou apresentando guerreiros de todas as épocas da Idade Média, portando armadura metálica (quando se sabe que este equipamento militar é utilizado com maior frequência no fim da Idade Média). Nesse sentido, o recente filme *Cruzada*, dirigido por Ridley Scott, apresenta-nos uma reconstituição muito bem feita do cenário e dos personagens “medievais”. Outro filme bem mais antigo, *O Senhor da Guerra*⁵⁶, dirigido por Franklin Schaffner (1965), também já trazia, em seu cenário e em seu figurino, os cavaleiros normandos do século XI sendo retratados de modo muito parecido com o que nos mostra a famosa Tapeçaria de Bayeux, em que estão bordadas a conquista da Inglaterra por Guilherme, o Conquistador, e a Batalha de Hastings. O próprio filme *Alexandre Nevski*, de Sergei Eisenstein, dirigido em 1938, de alguma forma recuperou historicamente a visualidade da Rússia Medieval, embora o tratamento do enredo seja permeado por um discurso e por uma ideologia próprios do século XX e da doutrina do Partido Comunista Soviético na era de Stálin. Eis, aliás, talvez o maior limite da aproximação da ficção cinematográfica com a realidade

⁵⁶ O filme *Senhor da Guerra*, de Franklin Schaffner, produzido em 1965, será exibido no próximo dia 8 de outubro, no curso **Idade Média e cinema**, promovido pelo IHU, com comentários do Prof. Dr. José Rivair de Macedo, da UFRGS, das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119, junto ao IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

histórica: embora o aspecto visual, em geral, recupere, por vezes, com grande veracidade, os hábitos, costumes, e o modo de pensar dos personagens são sempre contemporâneos, sendo em geral transpostos para a Idade Média. Isso se verifica nos pontos de vista a respeito de conceitos ou valores que são eminentemente modernos (como liberdade individual, progresso, revolução) ou de sentimentos que não tinham o mesmo significado na Idade Média (amor, compaixão, fraternidade). O que se tem, na maior parte das vezes, são pessoas de nosso tempo, falando para gente de nosso tempo, num cenário estranho e bizarro. É preciso lembrar, todavia, que o papel do cinema não é resgatar objetivamente o passado tal qual ele era, a começar porque se trata de ficção, mas também porque sua função, em todo o caso, é entreter, e não necessariamente instruir.

Baldijsa - O cinema, como Arte, interpreta e altera à sua maneira episódios históricos. Não os interpreta exatamente como os historiadores pensam que devem ser interpretados. É claro que isso muda de filme para filme, conforme os interesses da produção e também por parte do diretor e da montagem. Por exemplo, o último filme de Ridley Scott, *Cruzada*⁵⁷, traz uma boa reconstituição do cenário onde se desenvolvem as ações principais e dos personagens, apesar de misturá-los com bastante ficção quanto a episódios de suas vidas, como o personagem Bailian. Também resume, em poucas cenas, o que é conhecido como uma grande negociação para a retirada dos cristãos de Jerusalém. Como sobre qualquer época histórica, também sobre a Idade Média há filmes que se aproximam mais do que a História diz e outros que se afastam mais. De qualquer forma, atraem a

⁵⁷ O filme *Cruzada*, de Ridley Scott, produzido este ano, será exibido no próximo dia 12 de novembro, no curso **Idade Média e cinema**, promovido pelo IHU, com comentários do Prof. Dr. José Alberto Baldijsa, da Unisinos, das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119, junto ao IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

atenção para o tempo medieval, misturando a ficção com a História. Aliás, todos eles fazem esta mistura, sem a qual o cinema perderia sua razão de ser. O problema está em quem não conhece suficientemente a História aceitar que o que um filme diz é tal e qual o que a História também diz. Essa equivalência resulta em que se confunda a Arte (cinema) com a História (ciência), mesmo que também a História tenha seus limites.

IHU On-Line - Qual o maior legado de medievalistas como Le Goff e Duby?

José Rivair - Penso que o maior legado de ambos tenha sido diversificar os rumos de pesquisa da história, libertando-a do domínio exclusivo dos eruditos e transformando-a numa disciplina acessível ao público médio de leitores. A abertura conceitual e temática promovida pelas investigações de Georges Duby, associado com sua inquestionável qualidade de estilista, fez com que certas obras suas viessem a ser não apenas amplamente debatidas na academia, mas conhecidas pelo grande público. Quanto a Jacques Le Goff, é bem sabido o papel fundamental que teve ao propor nos anos 1970 uma história das mentalidades (bastante criticada hoje, mas fundamental, pois recuperou temas como a História da morte e do medo, das crianças, dos velhos e das mulheres) e ao promover na École des Hautes Études em Sciences Sociales uma linha de pesquisa das mais influentes na medievalística francesa contemporânea: a antropologia histórica, que se dedica ao estudo das imagens e dos gestos, das tradições e dos costumes, enfim, das práticas culturais no Ocidente cristão. Além disso, foi baseado em uma obra de Jacques Le Goff (*Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa) que a medievalística encontrou seus atuais caminhos e encontrou inspiração para a renovação metodológica e temática ainda em curso.

Baldiessa - O legado de Jacques Le Goff e Georges Duby é considerado de importância substancial por trazer à tona uma Idade Média aproximando-a de uma visão mais acessível ao público em geral. Também contribuíram para rever a ideia de uma Idade das Trevas na sua totalidade, para se alicerçar numa Idade Média mais abrangente, mais criativa e com importância fundamental nas raízes da Civilização Ocidental. Georges Duby e Jacques Le Goff têm obras fundamentais que, hoje, são essenciais para o conhecimento e esse novo olhar da Idade Média

IHU On-Line - Por que a civilização medieval exerce um fascínio no cinema?

José Rivair - Tenho a impressão de que sentimos pela Idade Média um fascínio das origens: origens da nação, origens religiosas. A Idade Média retratada no cinema nem sempre tem um embasamento cronológico claro. É uma Idade Média que poderia ter ocorrido antes dos séculos IV-V e depois do século XV. A sedução está mais pelas cores e pela grandiosidade aparente do que efetivamente por uma Idade Média vivida. Por outro lado, nem todos os temas da Idade Média atraem. Há determinados ciclos de filmes que se renovam periodicamente (as diversas Joana D'Arc, a Távola Redonda do Rei Artur, As Cruzadas, Robin Hood, A Peste Negra), porque os temas que estão em evidência neles constituem repositórios de mitos contemporâneos: o herói/heróina, a luta pela liberdade, a luta contra a opressão, o fanatismo religioso, etc. Há, além disso, o fascínio que a Idade Média exerce sobre os jovens por meio de dois elementos de consumo midiático: a música e os jogos eletrônicos.

Baldiessa - A Civilização Medieval tem um fascínio extraordinário, pois é nela que se organizam lendas, mitos, epopéias que fazem parte da Cultura Ocidental. Também acrescentemos aqui fatos e épocas históricas

que são famosos como o Tempo das Cruzadas, os Vikings, episódios relacionados ao Rei Artur e à Távola Redonda, que envolvem castelos, mosteiros e também o ideal da cavalaria, além de personagens que são importantes e sempre lembrados no imaginário ocidental. Um dos primeiros episódios lembrados pelo cinema quando este surgiu, foi o de Joana D'Arc.

IHU On-Line - Como o cinema tem olhado para a Idade Média?

Baldissera - O cinema tem olhado a Idade Média como um grande filão principalmente de filmes de aventura, nos trazendo épicos famosos, sempre com um olhar do presente sobre a Idade Média. Portanto, a recriação deste período se faz sempre através de um filtro. Há grandes filmes que trazem assuntos da Idade Média. E a Idade Média, de alguma forma, sempre esteve no interesse do cinema.

IHU On-Line - Por que é importante debater a Idade Média no cinema em um ambiente acadêmico?

José Rivair - Na medida em que as obras produzidas e difundidas pelo cinema são objetos de consumo e de evasão pelo grande público, e na medida em que na organização e preparação da ficção cinematográfica há interferências ideológicas, políticas, formais, culturais, penso que cabe ao meio acadêmico estudar tais obras com muita seriedade e avaliar o que dizem, por que dizem e de que maneira dizem algo que faz sentido em nosso tempo. Distinguir a Idade Média histórica da Idade Média imaginada constitui uma tarefa não apenas dos historiadores, mas dos especialistas em cinema e imagem, dos semiólogos e dos especialistas nos sistemas simbólicos contemporâneos.

Baldissera - É importante debater a Idade Média no cinema, como também as outras épocas da História no ambiente acadêmico, porque, geralmente, o uso que se faz dos filmes quase sempre vêm acompanhado de um desconhecimento de como analisá-los. Isso em função de que o cinema tem a sua linguagem própria e precisamos conhecê-la para podermos fazer uma análise mais apurada e usufruir mais do que pode nos oferecer. Aliás, o meio acadêmico deveria estudar mais o cinema, além das outras Artes.

Melhor Vídeo Social/ Resgate da Cidadania

“Precisa-se de inclusão”, direção de Marcela Brown, da Unisinos

Marcela Brown é formanda do curso de jornalismo da Unisinos e recebeu o prêmio de melhor vídeo social, na categoria de Vídeo Universitário Gaúcho, no Gramado Cine Vídeo 2005, Festival do Vídeo Brasileiro Universitário e Independente, que acontece paralelamente ao Festival de Gramado, Cinema Brasileiro e Latino. O prêmio foi recebido na última sexta-feira, 18 de agosto, pelo vídeo *Precisa-se de inclusão*, dirigido e produzido por Brown e com adaptação de roteiro de Eunice Spindler. A produção

contou com a participação da turma de Projeto Experimental em TV, na qual o documentário foi desenvolvido. A disciplina é ministrada pela professora MS Maria Francisca de Moura e aborda o trabalho de três ONGs que promovem a inclusão social por meio de atividades comunitárias. Duas hortas, uma em Ivoti e outra em Novo Hamburgo e o Centro de Apoio a Meninas e Meninos de Rua (Ceamem), de Novo Hamburgo, servem de pano de fundo para deflagrar realidades perversas de exclusão e apontar alternativas e caminhos para minimizarmos as diferenças sociais.

Essas e outras informações foram obtidas em uma entrevista exclusiva concedida por Marcela Brown, por telefone, à *IHU On-Line*, na última semana. Confira:

IHU On-Line- Como surgiu a idéia de fazer um vídeo sobre hortas comunitárias?

Marcela Brown- Tinha um colega de aula, o Rodrigo Guterres, que desenvolve um trabalho voluntário, elaborando o jornal mural da horta Joanna de Ângelis, de Novo Hamburgo. Já havia recebido alguns convites para desenvolver um trabalho voluntário e nunca pude ir. Quando fui fazer a disciplina de Projeto Experimental em TV, a professora Maria Francisca sugeriu que fizéssemos um roteiro que tratasse de um tema social. Lembrei da horta de Novo Hamburgo e, para que não ficasse muito institucional, pesquisei outros trabalhos e conheci o projeto Cultivando Flores na Adolescência, do Instituto de Educação de Ivoti, que além da horta, também cultiva flores. Também queria fazer alguma coisa com crianças de rua, para poder mostrar que umas têm oportunidade e outras não, mas não ia poder filmar, teria que pôr tarjas nos olhos ou colocá-las de costas. Não ficaria legal. Acabei conhecendo o Centro de Apoio a Meninas e Meninos de Rua, de Novo Hamburgo. Lá eles fazem abordagem de rua com crianças e adolescentes. Conversam, dão apoio pedagógico, as crianças têm um espaço para desenhar. Fazem também um trabalho bem interessante com as famílias.

IHU On-Line- O que você procurou priorizar no vídeo? Qual a mensagem que você pretende passar?

Marcela Brown- Resolvi por esses três trabalhos sociais, não necessariamente voluntários, mas sociais, e queria fazer isso contrastando com pessoas que não tiveram oportunidades. Fui para a Vila Brás, em São Leopoldo, conversar com as pessoas e, no documentário, procurei deixar bem clara a diferença entre as pessoas que tiveram e as que não tiveram oportunidade de participar de projetos assim. Tentei frisar as desigualdades e apontar esses trabalhos sociais como uma possível solução.

IHU On-Line- Como foi elaborado o projeto?

Marcela Brown - Pesquisei sobre cada uma das instituições. Decidimos pela Vila Brás porque é das mais necessitadas. Passamos uma manhã lá conversando com os moradores e percebendo a realidade do local. Antes de ir para as hortas, conversei por telefone, peguei o maior número de informações possível e montei toda a estrutura do roteiro.

IHU On-Line- Pode estar nascendo uma nova cineasta? Essa experiência despertou em você a vontade de continuar?

Marcela Brown - Quando comecei o curso, eu não gostava muito de TV, aos poucos fui gostando. Tenho vontade de produzir outras coisas, sim, talvez apoiadas pela Universidade. Eu ainda não tinha pensado nessa possibilidade, mas depois que ganhei fiquei com vontade de fazer mais.

IHU On-Line- De que forma você acha que essas iniciativas contribuem com a sociedade?

Marcela Brown - Acho que essas iniciativas não produzem um efeito direto, um efeito na prática, mas colaboram para modificar a consciência das pessoas. As pessoas não assistirão ao vídeo e, imediatamente, se inscreverão em alguma atividade voluntária, mas, vai dar um “clique”. De alguma forma, os conceitos e valores mudam. Na prática, acho que as mudanças são bem pequenas, mas alguma coisa fica em relação à exclusão.

IHU On-Line- Qual o aprendizado que você pode tirar dessa experiência?

Marcela Brown - Aprendi a dar valor a outras coisas. Existe tanta criança mimada. O vídeo mostra as crianças em escola particular bem tratadas e arrumadas, com as mães chegando em bons carros para buscá-las. Em contrapartida, as crianças da comunidade que trabalham nas hortas são extremamente educadas. Fica evidente que reclamamos de coisas bobas.

Ditadura. 1964: A Memória do Regime Militar

Já está circulando o Caderno IHU em formação, nº 4, 2005, sob o título *Ditadura. 1964: A Memória do Regime Militar*.

O golpe militar de 1964, como tema central deste Caderno, é apresentado sob olhares diferentes por especialistas, pesquisadores e por pessoas que sentiram, no próprio corpo, as marcas do regime.

- O Prof. MS **Solon Eduardo Annes Viola** (Unisinos) faz a apresentação do Caderno e do golpe militar na conjuntura global e latino-americana, destacando os aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais, desde Getúlio Vargas, passando por Juscelino Kubitschek, até Jânio e João Goulart, em 1964. Ressalta ainda as tentativas golpistas do período, o papel desempenhado pela direita, pela esquerda e por determinados setores da Igreja e as disputas internas das Forças Armadas.

-O Prof. Dr. **Luiz Werneck Vianna** (IUPERJ) faz uma reflexão sobre as causas do golpe, o tipo de sociedade que o regime militar criou e as perspectivas para quem viveu este processo de modernização autoritária.

- O Prof. Dr. **Marco Antonio Villa** (UFScar) salienta os grupos golpistas de direita que apostavam na derrubada de Jango, uma vez que, desde 1945, não venciam eleições. Sustenta também que os aliados de Jango, e o próprio Jango, apostavam no golpe, como único meio para ele ser candidato nas eleições presidenciais de 1965, pois a Constituição não permitia a reeleição.

- O Prof. Dr. **Celso Castro** (PUC-Rio) afirma que a memória do golpe é complicada para os militares, pois foram eles que deram o golpe e acabaram com ele, após 21 anos no exercício do poder. Trata-se de memórias militares conflitantes, divergentes e concorrentes.
- A médica e psiquiatra **Vera Stringuini** conta sua experiência de quatro anos como presa política em Recife e Porto Alegre. Ao fazer um paralelo entre a insegurança social e a vida na prisão, ela afirma que a prisão dá mais segurança, enquanto a liberdade tem seus riscos. Relata também as sessões de tortura e o dia no cárcere.
- O teólogo e historiador Pe. **José Oscar Beozzo** mostra as divisões internas da sociedade brasileira e da Igreja em relação ao golpe. Assegura que a direção da CNBB apoiava as reformas de base de Jango; muitos bispos, porém, posicionavam-se contra. As Marchas com Deus pela Família arrastavam multidões e sensibilizavam as famílias católicas contra o comunismo.
- O Prof. Dr. **Carlos Fico** (UFRJ) revela as propagandas da ditadura que destacavam a grandiosidade da natureza, o caráter nacional do povo brasileiro e sua visão otimista do futuro do País, como estratégias para desviar a atenção do povo da repressão e do autoritarismo, mostrando uma vida tranqüila e segura.
- O Prof. Dr. **José Luiz Braga** (Unisinos) relata a experiência do jornal *O Pasquim* como elemento de contestação e resistência crítica ao regime, sempre com uma pitada de humor.
- **Sônia Haas**, ex-professora das Ciências da Comunicação da Unisinos, relata a busca incansável da família Haas pelos restos mortais de João Carlos Haas Sobrinho, irmão de Sônia, preso, torturado e morto por participar da guerrilha do Araguaia.
- O Prof. Dr. **Wilson Cano** (Unicamp) apresenta um estudo comparativo do modelo econômico no governo militar e nos governos FHC e Lula. Afirma que o modelo de crescimento econômico, apoiado na industrialização de bens de consumo, de bens duráveis e bens de capital, não tinha mais sustentabilidade na década de 1960 e, por isso, entrou em crise, exigindo mudanças estruturais no sistema fiscal e financeiro, além da reforma agrária, urbana e do ensino. Sustenta também que, com Collor e FHC, o País perdeu as salvaguardas, ou seja, a proteção da economia e do emprego foram jogados fora em virtude da política de abertura comercial e financeira adotada por estes governos. A política econômica de Lula, em relação a Collor e FHC, continua praticamente a mesma, o mudou foi a política externa, na tentativa de trazer para o Brasil anseios de soberania na área internacional

Luis Fernando dos Anjos



“Uma coisa a vida me ensinou: mesmo quando vejo que há problemas sérios, digo: Amanhã é outro dia, te preocupa em viver só hoje.” Uma trajetória de lutas, conquistas e aprendizados. Poderíamos resumir assim a vida de Luis Fernando dos Anjos, funcionário do Setor de Proteção e Risco da Unisinos. Apesar das batalhas que precisou enfrentar, ele não deixou a doçura da alma sucumbir. Na entrevista que segue, Fernando fala

com ternura, sobre a família e, com bravura, sobre tudo que precisou transpor para chegar aonde desejava.

Origens – Nasci em Novo Hamburgo, no Hospital Regina. Meus pais se separaram após brigar muito. Meus avós tentavam ajeitar as coisas, mas não deu certo. Aos cinco anos, fui morar com eles até falecerem, depois morei com uns tios. Não entendia muito porque tinha vindo ao mundo. É uma guerra, tu estás no meio e não sabes bem o que fazer. Os meus tios perguntavam com quem eu queria e eu respondia: “com os dois”. Não entendia por que tinha que escolher, mas assim é a vida da gente. Fiquei com os parentes do meu pai, e minha mãe me visitava. Estudei em um semi-internato, em Novo Hamburgo. Na segunda série, mudei para Campo Bom, para morar com outro tio. Com dez anos, cheguei à terceira série, rodei e fui morar com meu pai e minha madrasta, que foi a única que botou um pouquinho de juízo na minha cabeça. Depois tive o privilégio de morar com a minha mãe, meio contra a vontade do meu pai. Às vezes, eu fugia de casa, o tratamento da minha madrasta exigia mais de mim, mas me ajudou muito. Ela me ensinou as pequenas coisas do dia-a-dia. Eu sei de tudo na vida, graças a ela. Minha mãe se casou de novo e fui morar com ela e meu padrasto. Não tenho diploma universitário, só o da escola da vida. Tenho 35 anos com bastante experiência, comecei a trabalhar aos 14. Meu padrasto era do tempo antigo. Trabalhava na roça, ajudava a plantar aipim e era caseiro. Nessa época, minha mãe morava em Sapucaia, e meu pai, em Esteio. Às vezes, eu fugia de bicicleta de Esteio para visitar a minha mãe, porque eu gostava do

interior, tinha aquele cheiro da mata, pescava bastante nos açudes... Não concluí os estudos em Esteio, me matriculei na terceira série em Sapucaia, mas não me habituei. Ficava quietinho no meu canto. Já estava meio rebelde, e meu padrasto disse que se eu não quisesse estudar ia ter que trabalhar: essa era a lei do mundo.

Trajetória profissional – Comecei ajudando meu padrasto na chácara. Ele tinha umas vacas, uns cavalos com carroça... Aprendi a lida de campeiro, cortar lenha no mato... Foi bom porque podia estar ao lado da minha mãe. Com treze anos, fiz minha carteira de trabalho e, aos quatorze, fui morar em Novo Hamburgo, com uns tios, para trabalhar numa fábrica de calçados e ganhar um pouquinho mais, a Viegas Saldanha, fiquei um ano lá. Ainda trabalhei numa empresa de papéis antes de ir para o quartel, onde adquiri bastante experiência de vida. O primeiro ano foi bem sofrido, mas a partir do segundo foi melhorando. Poderia ter saído no primeiro ano, mas como a vida fora era muito complicada fui ficando. Fiz boas amizades, as pessoas gostavam de mim. Comecei a fazer corrida rústica. Cheguei a ser maratonista, tenho, inclusive, algumas medalhas e troféus em casa. Fui trabalhar na casa de um coronel, cortando grama e logo ele me convidou para ser seu segurança. No quartel, ainda me formei como corneteiro, toquei em várias formaturas, em fanfarras. Depois de quatro anos, decidi que estava na hora de sair. Fui para a empresa de transportes Tresmaiese, como motorista, mas eu queria mesmo ir para a TOP Safe, empresa de segurança armada de Novo Hamburgo. Sempre via o pessoal trabalhando engravatado, e isso me chamava a atenção. Pedi para sair da Tresmaiese e fui fazer um curso de vigilantes, que era o pré-requisito para trabalhar na TOP Safe. Depois de tudo pronto, descobri que a empresa exigia a 4ª série, no mínimo, e eu não havia concluído a terceira. Me sugeriram ir para Porto Alegre, na escola de ensino regional e fui no dia seguinte. Fiz uns testes na hora e consegui o certificado de conclusão do quarto ano para apresentar na empresa. Fiquei cinco meses porque era muita correria, o risco era enorme, eu era praticamente um brigadiano particular, era muito perigoso. Tive que enfrentar ladrão, derrubar, dominar... Quando saí de lá fiz ficha para tudo: jardineiro, ajudante de eletricista, auxiliar de cozinha... menos para vigilante. Justamente me chamaram para trabalhar como vigilante aqui e estou na Unisinos desde 1996.

Família – Depois que saí do quartel, comecei a namorar minha esposa. A Dionéia e eu casamos há treze anos. Temos uma menina de treze anos, a Fernanda, e o Gabriel de sete anos. Eles são fora de série. Pela criação que tive e pela experiência do quartel, eu acho importante que eles saibam o que é dificuldade, procuro passar isso para eles. Sou meio durão, mas depois eu volto atrás, isso também lhes vai servindo de lição. Eu estou muito satisfeito com os meus filhos, no colégio é só

elogios. Minha esposa também é uma guerreira, enfrentou muitas dificuldades. Ela trabalha como diarista três vezes por semana. É inteligente, esperta. Atualmente, está estudando aqui na universidade, faz Fisioterapia. A formação dela é bem mais ampla que a minha. Isso que me chamou a atenção nela.

Realização – Consegui estudar um pouco mais. Fiz supletivo de primeiro grau no científico e conclui o segundo grau há dois anos. É corrido, mas tive uma base do que é o estudo. Depois fiz vestibular para Educação Física. Vou fazer novamente.

Livro - Eu estou lendo *A arte de planejar o tempo*, de Jaime Wagner.

Filme – De todos os filmes que têm emoção eu gosto. Até me emociono e choro junto.

Presente - Só o fato de alguém se lembrar da gente já é legal. Pode ser uma lembrancinha, qualquer coisa.

Horas livres – Brincar com os filhos, ficar com a família.

Sonho – Só o fato de ter vencido todas essas dificuldades já me satisfaz. Não preciso muito estudo para mim, quero ver os meus filhos estudando, podendo proporcionar um futuro para eles, já está bom.

Momentos marcantes – A separação dos meus pais. Esse é um carimbo que eu vou carregar para o resto da vida. Outro momento marcante foi a perda do meu pai. Era uma pessoa muito amiga, eu o braço direito dele, e ele o meu esquerdo.

Unisinos – A Unisinos é um lugar onde todos querem ficar. Se a gente pudesse criar uma comunidade, fazer umas casas aqui dentro e morar, acho que seria um paraíso. Tem de tudo aqui. Árvores frutíferas, patos, lago, pássaros... Aqui a gente se sente outra pessoa. Não é aquele mundo lá de fora onde está havendo dificuldades de trabalho, onde se vê gente catando lixo. É outra realidade.

Instituto Humanitas Unisinos– No começo, a gente achava meio estranho: o que quer dizer Instituto Humanitas? Mas aí as coisas foram crescendo, foram tomando forma. Eu acho que deu vida, deu importância à humanidade, à pessoa. Hoje eu estou dando uma entrevista que me permite mostrar o que tem por trás do Fernando. Acho que o IHU ajuda a mostrar o que tem por trás das pessoas, que ninguém sabe. Obrigado aos amigos do Humanitas pela oportunidade de conceder esta entrevista.

Carta do leitor

“Sou fã de carteirinha da *IHU On-Line*. Tenho divulgado o portal do IHU (www.unisinos.br/ihu) em todas as minhas assessorias e encontros. Vocês estão ocupando um lugar importantíssimo neste momento de crise geral. Fico muito feliz por estar sendo contemplado pela generosidade de vocês, que me estão enviando os Cadernos IHU. Tenho também lido diariamente as sínteses de notícias que vocês colocam na página. Não sei se existe hoje no Brasil um outro canal com tamanha atualização e precisão na escolha das análises de conjuntura... Li com muita atenção e interesse o artigo de Cesar Sanson, e creio ser de extrema importância as questões que ele levanta, e com pertinência. E já indiquei para tantos outros amigos. Acho importante a coragem em divulgar textos desta natureza, que possibilitam outros horizontes de leitura...” *Faustino Teixeira, professor do PPG em Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.*